



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Carolina Gaio Palhares

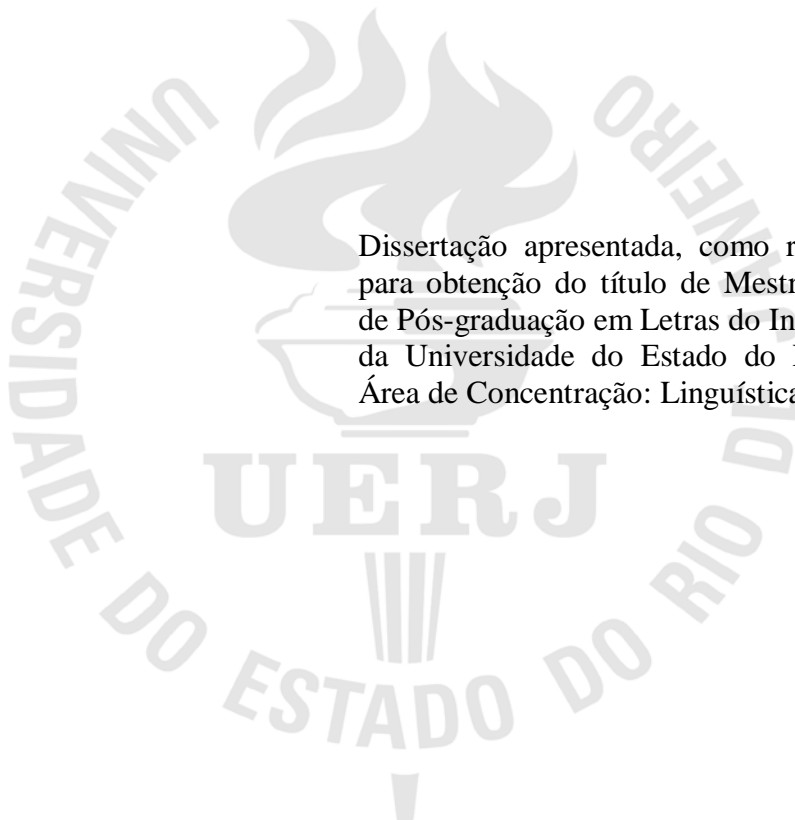
Perversão sexual e patologização: uma abordagem discursiva

Rio de Janeiro

2017

Carolina Gaio Palhares

Perversão sexual e patologização: uma abordagem discursiva



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Deusdará

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

P161 Palhares, Carolina Gaio.
Perversão sexual e patologização : uma abordagem discursiva / Carolina
Gaio Palhares. - 2017.
99 f.

Orientador: Bruno Deusdará.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Análise do discurso - Aspectos sociais – Teses. 2. Sadomasoquismo –
Teses. 3. Perversão sexual – Teses. 4. Perversões sexuais na literatura –
Teses. 5. Metalinguagem – Teses. 6. Comportamento sexual - Teses. I.
Deusdará, Bruno. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Letras. III. Título.

CDU 82.085:616.89-008.442

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Carolina Gaio Palhares

Perversão sexual e patologização: uma abordagem discursiva

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Linguística.

Aprovada em 16 de março de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Bruno Deusdará (Orientador)
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Décio Orlando Soares da Rocha
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

A todos os profissionais da cena liberal carioca, que a fazem acontecer. E aos praticantes de BDSM, que, diariamente, empreendem uma luta tácita e contínua com inúmeros estigmas e barreiras sociais.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Você, por ter me incursionado nos caminhos da pesquisa, pelas discordâncias que me fizeram crescer em tantos sentidos, por ser inspiração, e, principalmente, pela minha admiração enorme. A você, meu mestre, toda a minha devoção.

Agradeço a Claudio que, com sua paixão pelo universo das Letras, fez com que eu igualmente me apaixonasse e me encontrasse nesse mundo. Se não tivéssemos nos cruzado e nos tornado amigos há dez anos, eu, tão perdida nas minhas escolhas profissionais à época, dificilmente teria permanecido nesse caminho, e hoje não estaria aqui, que é exatamente onde eu deveria estar. Meu agradecimento a você nunca será suficiente.

A Gustavo, quem ouviu primeiro estas considerações, reclamando que eu estava "moralizando a putaria". Pelas "incursões antropológicas", pelas críticas trocadas, pelas conversas que vão de Mendigata a Hoggart, mas, principalmente, pela "identidade tão profunda" em tantas, que faz com que eu me sinta menos sozinha no mundo.

A Anna, pelos vinte anos de amizade e compartilhamento de absolutamente todas as coisas. Pelas perspectivas que contribuíram com este trabalho, por estar comigo para que eu me sentisse confiante, por vencer barreiras por mim quando eu não consegui, e também por me fazer vencê-las. Por fazer parte da minha vida, e por ser a melhor parte dela, simplesmente.

A Amanda e Claudio Martins, que, diariamente, me fizeram acreditar que era possível. Em um mundo em que reina o ceticismo, a maior contribuição que alguém pode dar é justamente essa: fazer acreditar.

A Robson, Flávio, Alê (musa!) e Pedro, que primeiro compraram essa ideia e me ajudaram seja abrindo seus mundos, seja me apresentando às pessoas envolvidas nos eventos. É clichê, mas nunca seria tão verdadeiro que sem vocês esta pesquisa não teria sido possível.

Aos citados Robson, Flávio, Alê e Pedro, e também a Monique, Rafa, Meteoro, Kátia, Baixinha, Xuxinha, Rasputin, Gladius, Draconiano (ídolo!) e a absolutamente todos os profissionais que fazem a balada liberal e a cena BDSM acontecerem. Vocês foram solícitos e nobres, e me sinto sortuda de vocês terem passado pelo meu caminho. Muito obrigada, este trabalho é para cada um de vocês.

Deus precisa sempre de seu paredro: Satã.

Michel Maffesoli

RESUMO

PALHARES, Carolina Gaio. *Perversão sexual e patologização: uma abordagem discursiva*. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

Esta dissertação se debruçou sobre os sentidos atribuídos aos comportamentos sexuais ditos desviantes, perversos e parafílicos, com base na sua unificação sob o universo das práticas que constituem o BDSM – sigla para *bondage*, disciplina, Dominação e submissão e sadomasoquismo. Esses comportamentos, mesmo não sendo mais considerados patológicos na literatura médica, conforme determinação da APA no DSM (classificação oficial de transtornos psiquiátricos), ainda são discursivamente construídos como patologias, mesmo pelas pessoas que integram tais grupos e se dedicam a essas práticas, conforme demonstrado nesta pesquisa. Por meio de uma análise das categorias de locutor e enunciador (Ducrot, 1987), esta dissertação expõe uma análise das tensões, aparentemente externas, que atravessam a cena BDSM, considerando, no sentido de Maingueneau (2005), que os discursos perpassam ambientes não localizados e, no sentido de Bakhtin (1986), que todo enunciado é responsivo e dialoga com o que lhe é *a priori* alheio. Assim, expõe como os sentidos de patologização circulam mesmo nos ambientes em que estas práticas sexuais são autorizadas.

Palavras-chave: Etos. Locutor e enunciador. Sadomasoquismo. Perversão sexual. Parafilia. Sexualidades desviantes. Transtornos parafílicos. BDSM.

ABSTRACT

PALHARES, Carolina Gaio. *Sexual perversion and pathologization: discursive approach*. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

This dissertation focused on the meanings attributed to sexual behaviors called deviant, perverse and paraphilic, based on their unification under the nickname of BDSM – abbreviation for *bondage*, discipline, Domination and submission, and sadomasochism. These behaviors, even if they are no longer considered pathological in the medical literature, according to the APA's determination in the DSM (official classification of psychiatric disorders), are still discursively constructed as pathologies, even by people who are part of such practices, as this study shown. Through an analysis of the categories of speaker and enunciator (Ducrot, 1987), this dissertation exposes an analysis of the apparently external tensions that cross the BDSM scene, considering, in Maingueneau's (2005) sense, that the discourses pass through non-environments localized and, in the sense of Bakhtin (1986), that every statement is responsive and dialogues with what is apparently alien to it. Thus, it exposes how the pathological senses circulate even in the environments in which these sexual practices are authorized.

Keywords: Ethos. Speaker and enunciator. Sadomasochism. Sexual perversion .Paraphilias. Deviant sexualities. Paraphilic disorders. BDSM.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	AFINAL, O QUE É BDSM?.....	18
1.1	Flertando com a morte.....	29
1.2	As três maldições imperdoáveis.....	34
1.3	Sexualidade integral.....	38
2	A ESSENCIALIZAÇÃO DO ETOS.....	41
3	A METAENUNCIÇÃO OU O MISE EN ABÎME DISCURSIVO.....	47
4	METODOLOGIA.....	51
4.1	Instrumentos.....	52
4.1.1	<u>Entrevista.....</u>	53
4.1.1.1	Roteiro básico de entrevista	55
4.1.2	<u>Diário de campo.....</u>	56
5	PATOLOGIZAÇÃO DE SEXUALIDADES DESVIANTES: A ANÁLISE.....	57
	CONCLUSÃO.....	66
	REFERÊNCIAS.....	68
	ANEXO A – Textos integrais das entrevistas utilizadas na análise.....	73
	ANEXO B – Glossário BDSM.....	76

INTRODUÇÃO

O gosto do couro na boca não era nada demais. Nem o primeiro corte gélido das algemas, que logo esquentavam no contato com a pele. As cordas deixando as extremidades já frias e dormentes não saíam de um lugar-comum. Não, nada disso, era capaz de causar o mínimo têsão em mim, era tudo como parte de um ritual, e eu estava lá a mando do meu Senhor. O olhar dele era penetrante e direto, ordenando que eu me colocasse no meu lugar. Nessa hora eu sempre parava de encará-lo, era sua ordem, e, a mim, só restava acatar. As pessoas em volta, o ambiente em meia-luz e o som de qualquer pop de uma Nicki Minaj ao fundo chegavam a ser ridículos e, muitas das vezes, nesse começo quase mecânico das sessões, eu me perguntava o que eu estava fazendo ali, ou se eu realmente acreditava naquele tipo de liturgia. Muitas das vezes eu duvidava se comungava daquela fé. Porém, quando eu sentia o cheiro das velas acesas, o meu corpo inteiro gritava em um arrepio contínuo. Draco caminhava com a postura de um Lorde e, quando puxava o chicote de três metros, eu estava completamente entregue. Sim, sem dúvida nenhuma, aquela era a minha fé. Aquele era o meu mundo. Eu estava de quatro, algemada e presa por cordas a uma das mesas no salão principal, enquanto Draco me dominava em uma sessão pública. Ele pegava as velas, e pingava a cera sobre todo meu corpo seminu, em áreas que nos dias que se seguiriam sempre ficavam avermelhadas; me olhava com desdém e colava as velas sobre as minhas costas, como um candelabro humano. Ele tomava distância, e, num suspiro dos desavisados ou estreantes que assistiam, ele começava a apagar as chamas das velas nas minhas costas com chicotadas. Ele nunca precisou de uma segunda tentativa. Ele nunca errou, mesmo com as tremidas involuntárias que percorriam meu corpo. Sua precisão fazia com que eu começasse a sentir a lubrificação escorrer pelas minhas pernas; tudo em mim fervia, tudo em mim era dele. E eu, ali, sabia bem o que me esperava depois que a última vela fosse apagada. Ele me enlaçava várias vezes com o chicote, fazia isso em diferentes partes do corpo, conforme o que as pessoas presentes pediam. Isso deixava marcas profundas em todo meu corpo por dias. E por todos os dias em que as marcas ainda estavam ali, arroxeadas, a pele finíssima pelas lesões e ainda pulsando de dor, eu mal precisava me tocar para gozar, bastavam algumas lembranças. Draco foi o melhor Dom que conheci.¹

Em meados de março de 2015, recebi uma prova do livro “Redenção e submissão”, de Nana Pauvolih, para fazer uma revisão, nada demais até então. Mas a história que ali se apresentava chamou minha atenção. À parte o padrão comercial romântico de livros do gênero, alguns elementos se destacaram: o livro conta a história de um casal de protagonistas que frequentam os meios *BDSM* e que se identificam com *papéis* referentes a este circuito, ou seja, eles exercem papéis que dentro desse circuito têm um significado específico.

Eu já ouvira comentários superficiais e alguma menção ou outra relacionada ao fetiche – geralmente relacionada ao lado sadomasoquista do *BDSM* –, mas nada que se pretendesse mais específico, aquilo era um universo completamente novo que se descortinava para mim.

Práticas sexuais incomuns, dominação – em caráter psicológico, inclusive –, subserviência, uso de títulos de tratamento, a própria questão dos papéis exercidos no meio e,

¹ Trecho de entrevista realizada com Barbarella, praticante de *BDSM*. Todos os nomes, de pessoas, eventos e estabelecimentos, utilizados neste trabalho são pseudônimos.

de acordo com eles, posturas, roupas e até olhares específicos, como, por exemplo, um *submisso* não elevar os olhos para o seu Dominador: todos esses elementos estavam no livro construindo uma cultura específica, o universo BDSM.

Fora as constantes referências a estupro, desequilíbrio mental e um tipo de “desprezo amoroso”, possíveis psicopatologias – decorrentes de abuso ou não – abriram para mim esse universo novo e, simultaneamente, outros universos já conhecidos rapidamente dialogaram com ele: o da *perversão* e o da *patologia*. Mas eu me deparava com uma obra de ficção, aquilo ali era literatura, e a literatura permite mundos muito deslocados do *real*. Até que ponto ficção, práticas e maneiras de dizer o real estariam imbricadas ali?²

Instigada com o tema, tentei descobrir como ele se configurava em termos mais práticos. Mas era completamente leiga e não sabia de alguém que poderia me orientar a esse respeito, então comecei a pesquisar pelo *Google*, dando entrada de forma bem genérica com o termo “BDSM”. Achei romances que iam do “Cinquenta tons de cinza” a Sade, registros relacionados a fetiches e muito “mais do mesmo”: ou seja, o BDSM era ainda *aquela coisa estranha* relacionada a espancamentos, mortes culposas e roupas de látex.

Esmiuçando um pouco a busca, achei o que depois fui saber se tratar dos principais *blogs* e *sites* do assunto, o do Senhor Verdugo³, o do Draconiano⁴ e o do Gladius Maximus⁵, sem falar da *fetlife*⁶, a rede social mundial BDSM.

Só aí fui descobri o que a sigla BDSM representa⁷, englobando práticas materiais e relações simbólicas. O par B e D significa *bondage* e disciplina. O par D e S [D/s⁸] significa

² A ficção para o BDSM tem um papel crucial, seja pela dificuldade em se estabelecer contato com seus pares (principalmente quando do seu surgimento), seja pela escassez de materiais de cunho técnico/teórico do tema ou até pelo próprio assunto ser relegado às sombras, muito do que se registra e/ou se aprende do BDSM se encontra nas obras de ficção. Todos esses pontos serão discutidos em pormenores no decorrer desta dissertação.

³ <https://senhorverdugo.com/>

⁴ <http://www.dominador.org/>

⁵ <http://www.gladiusbdsm.com/>

⁶ <https://fetlife.com/>

⁷ Só isso já se coloca como um problema e bastaria para uma pesquisa completa. Primeiro por não haver consenso nem autoridades em que se possa apoiar, depois porque a sigla engloba práticas materiais e relações simbólicas postas em equivalência, além do que a maior parte das práticas que se unem sob a alcunha de BDSM não está contemplada na sigla. Não entrarei nesses méritos por não ser o objetivo deste trabalho pensar em definições do termo. Para fins deste estudo, mais como uma estratégia didática do que de firmar compromisso com o *BDSMer* A ou B e sua linha de pensamento, defino BDSM como sua ideia simbólica, ou seja, a partir das relações de assimetria de poder concedida e acordada entre as partes.

⁸ A diferenciação entre maiúsculas e minúsculas é crucial no BDSM, visto que diferencia papéis de Dominação e de submissão.

Dominação e submissão, e o par S e M [S/m] significa Sadismo e masoquismo. O termo *bondage* é amplo e comumente é utilizado para descrever um conjunto de técnicas de amarração e imobilização, como, por exemplo, o uso de algemas e mordanças; quando é realizado com cordas, é chamado de *shibari* ou técnicas de *shibari*, incluindo amarrações que podem ter finalidades estéticas e/ou funcionais, como as utilizadas nas suspensões.

Mas o que a sigla engloba ainda estava muito longe do que fui descobrir posteriormente, até porque ela foi cunhada em uma tentativa de unificar aquele grupo e aquelas práticas que se descortinavam no começo dos anos 1990, muitas atreladas a grupos homossexuais, muitas inadequadas moralmente para serem colocadas na sigla, mais um fato com que me deparei que demonstrava a imagem do bizarro, do socialmente desajustado, ali tão presente. Mas essa ainda era uma curiosidade de cunho pessoal e minha pesquisa me tomava tempo.

Na mesma época, eu ainda debruçava meu olhar sobre a cena liberal carioca, indo todos os dias aos diferentes eventos que ela reúne, as festas hétero, bissexuais femininas, homossexuais masculinas e transexuais. Porém, em uma das minhas entrevistas, o proprietário de uma das principais casas de suingue do Rio de Janeiro me disse que mais um evento entraria para esta cena: dali a uma semana, eles inaugurariam um evento quinzenal com tema fetiche.

Fetiche é um termo usado para, no mundo baunilha⁹, se referir às práticas BDSM e, dentro do BDSM, à interseção ou ao flerte do baunilha com ele, uma área de conhecimento, de iniciação ou mesmo de “meio do caminho” para alguns praticantes mais puristas, como o citado Gladius, que coloca o “BDSM legítimo” somente como o que se atrela às práticas psicológicas de D/s. Ali as coisas se cruzaram. Minha curiosidade por aquele mundo desconhecido que caiu nas minhas mãos e a festa de fetiche dividindo espaço com o (ou inserida no?) circuito de balada liberal carioca.

Cheguei mais cedo aquele dia, e o gerente me mostrou as recentes obras feitas no estabelecimento para se adequar a esta nova demanda, me levou a um quarto com uma grande estrutura em formato de X – para os *BDSMers*, o conhecido X de São Cipriano –, com ganchos e amarras nas pontas, cujo objetivo era que se amarrassem pessoas ali para diversos

⁹ Baunilha é o termo que os *BDSMers* usam para se referir a tudo que não é BDSM, ou seja, a sexualidade normativa. Vem do inglês *vanilla*, com uma acepção a algo que até tem um cheiro bom, mas não tem gosto de nada.

tipos de tortura, *spanking*¹⁰, CBT¹¹, entre outros. Nesse quarto também havia uma estrutura retangular de madeira, dividida no meio, com espaços para colocar a cabeça e os membros; mais tarde fui descobrir se tratar da *guilhotina*, um acessório com a finalidade de se imobilizar a pessoa ali para realização de variadas práticas. Questionei como era o tratamento aos novatos na casa, e ele me disse que seguia o protocolo dos outros dias: ele, algum dos *strippers* mais antigos ou um dos produtores abordava o frequentador e apresentava a casa e as regras.

O padrão do evento era similar ao dos eventos mais clássicos de balada liberal: o (re)conhecimento do ambiente com a apresentação para os novatos dos produtores e da casa, a exposição de regras diretamente a eles e posteriormente ao microfone para todos os presentes na festa, somente o primeiro ambiente aberto no começo da festa, com o bar, o DJ e, em alguns dias, uma pequena banda com música ao vivo, caraoquê e churrasco/mesa de frios/salgadinhos se houvesse alguma comemoração no dia; posteriores *shows* de strip e análogos que podem haver¹² e, finalmente, a abertura do *dark room*, que é o espaço destinado propriamente à realização das atividades sexuais: uma estrutura em forma de labirinto, sempre à meia-luz, com diversas cabines, *glory hole*¹³ e a cama de baco¹⁴.

Este evento contava com dois *shows*, um “tradicional” de stripper e um de “performance BDSM”, além da sessão¹⁵ pública propriamente dita. Um dos *shows* de BDSM a que assisti e que mais me marcaram foi o da Luiza, uma ProDomme¹⁶ que parecia ser bastante conhecida no meio, menos pela performance em si e mais pela postura que sustentava, inabalável. Luiza vestia um corpete de couro preto e uma saia preta rodada, com botas tão longas que se escondiam embaixo da saia, curtíssima. Ela entrou com um homem de

¹⁰ Engloba diferentes práticas de espancamento, que podem ser feitas com as mãos ou objetos como chicotes, cordas, palmatórias, raladores de queijo etc.

¹¹ O *cock and ball torture* reúne práticas de tortura genital masculina, um outro nome possível, em português. Algo como tortura do pênis e dos testículos, em tradução livre.

¹² *Shows* de tequileiros e distribuição de bebidas para os frequentadores, jogos específicos como silhueta, vendas, sorteios etc., e, nesse caso, *shows* e sessões públicas referentes ao BDSM.

¹³ O *glory hole* é uma cabine com buracos que permitem interação sexual anônima.

¹⁴ A cama de baco é uma “cama” no tamanho casal ou um pouco maior (variando conforme a boate) para surubas e afins.

¹⁵ Sessão é o nome que se dá para os encontros entre parceiros não fixos que praticam BDSM, sendo encontros estritamente sexuais ou não, acordados ou pagos, públicos ou privados, eventualmente também chamados de *cenar*. O uso dessas terminologias será discutido no decorrer desta dissertação.

¹⁶ ProDomme ou Dominatrix é a denominação para as Dominadoras (ou Dommies, redução mais utilizada) profissionais.

quatro, sendo puxado por uma coleira de corrente e couro. Pegou um pote de ração com um conteúdo indecifrável dentro e colocou na frente dele, apoiou um dos pés na nuca do homem e direcionou sua boca para o pote; com a meia-luz da boate não era possível ver se ele estava de fato comendo.

Ela estava com um chicote de montaria e dispndia saraivadas esporádicas nele, enquanto gritava palavras de ordem. Mais tarde fui saber que ela fizera uma *pet play*¹⁷ com um *escravo*¹⁸ particular. O que mais me impressionou foi que ela não descia do personagem em momento algum, nem após a sessão ter terminado. Tudo parecia esquematicamente construído, o olhar, os gestos, a postura, tal como eu havia me deparado naquele livro que revisara. “Talvez não seja personagem”, uma amiga que me acompanhava aos eventos não cansava de me falar, mas, até então, eu também tinha dificuldades com essas fronteiras.

Pedi para conversar com Luiza após o *show*, ela entrara no BDSM havia pouco mais de três anos, quando se mudou para o Rio de Janeiro e conheceu Pedro, com quem dividia o apartamento. Pedro era praticante de BDSM em tempo integral, o chamado 24/7¹⁹, que significa 24 horas em um dia e sete dias em uma semana, há mais de doze anos. Ele é exclusivamente submisso e tenta convencer as mulheres próximas a se tornarem Domes para fazerem sessões com ele, e assim foi com Luiza.

Depois de alguns meses tentando convencê-la a dominá-lo das mais diversas formas, eles foram a um evento mensal que ocorria na Lapa, organizado pela Gabriela, uma das produtoras do evento quinzenal em que conheci Luiza, e também era ProDomme, que, inclusive, fazia sessões com Pedro. Ele apresentou as duas e, depois de muita insistência, elas começaram a fazer sessões juntas.

Luiza relatou que, no começo, só fazia sessões com ele, e mesmo assim chorava depois por se sentir mal e culpada. Luiza me contou que o estopim que fez com que ela começasse a tomar gosto por dominar homens foi sua intimidade acadêmica com os estudos de gênero. Assim que começou a se aprofundar nesses estudos e que se tornou uma feminista, passou a dominar homens como uma forma de “lutar contra o patriarcado, invertendo a normatividade”. Pedro se tornou um sub fixo, fora os eventuais que domina em sessões públicas ou particulares.

¹⁷ Simulação de cuidar de um *pet*, ou seja, tratar o submisso como um animal de estimação, deixando na posição de quatro, usando coleira, alimentando-o em potes e coisas do tipo.

¹⁸ Escravo é o submisso que se entrega inteiramente ao seu Dominador. Essas classificações serão apresentadas detalhadamente no decorrer desta dissertação.

¹⁹ O conceito de 24/7 será discutido no próximo capítulo.

Conversando com Luiza e com outras Dommes que entraram nesse universo por convite ou desejo do submisso, e com submissos que me contavam histórias análogas, do desejo de Dominação partir deles, pensei que um problema teórico e um objeto de pesquisa se delineavam, e restringi a pesquisa de balada liberal ao BDSM, inicialmente, pensando em sentidos de Dominação e submissão. Quanto de Dominação existe em convencer ou submeter alguém a Dominar? Se submeter a alguém não é uma forma de jogar com o controle?

Devorei a parca bibliografia acerca do tema, revirei áudios, conversas no *Facebook* com entrevistas que já tinha realizado, todo tipo de registro que eu tinha, e passei a colocar as flutuações da Dominação como questão nos meus círculos de debate, que fazia com os praticantes. Já tinham se passado cerca de três meses desde que eu optara pelo BDSM como tema de pesquisa e um dos *Tops*²⁰ que eu conheci tinha me colocado em um grupo no aplicativo *WhatsApp* com *BDSMers* para socialização e estudo do tema.

Com um maior conhecimento do meio, percebi que me debruçar sobre sentidos de Dominação partindo da submissão, embora à primeira vista pudesse ser impactante para os leigos – como eu era quando formulei essa proposta –, não era exatamente relevante. A questão era abertamente discutida no meio, sem entrelinhas significativas, dividindo opiniões e argumentos a favor de ambos os lados, alguns usavam as *safewords*,²¹ por exemplo, para argumentar que submissos detêm poder para finalizar uma cena a qualquer hora, basta dizer a palavra de segurança e tudo se acaba. Outros alegavam a existência do TPE²² e da instabilidade dos acontecimentos, até mesmo em um simples *blind date*,²³ fora os entusiastas do meio-termo ou a própria questão simbólica que atravessa essas relações.

Além disso, percebi que pensar em níveis de Dominação só faria sentido no mundo baunilha e, inevitavelmente, a esta altura, já engajada com meu objeto de estudo, buscava algo que também no meio fosse relevante, algo que, assim como o BDSM, também estivesse às

²⁰ *Top* e *bottom* são denominações genéricas para Dominador e submisso, respectivamente, visto que existem variações entre submisso, escravo e brat, por exemplo. Essas diferenças estão detalhadas no decorrer desta dissertação.

²¹ *Safeword* ou palavra de segurança, em português, pode ser uma palavra ou um sinal combinado entre os participantes de uma cena BDSM para encerrá-la automaticamente. A questão da *safeword* é discutida em pormenores no próximo capítulo.

²² TPE – *Total Power Exchange* é a modalidade de relacionamento em que o Dominador pode ter controle absoluto sobre a vida do submisso, como é discutido no Capítulo 1.

²³ *Blind date*, ou encontro às cegas, geralmente é feito com o submisso vendado, às vezes amarrado, podendo nem sequer já ter visto o rosto do Dominador.

sombras. Afinal, é este o objetivo – ou pelo menos deveria ser – de um trabalho que pretende tratar de temas estigmatizados e relegados à margem dos padrões socialmente aceitos.

Dando prosseguimento à pesquisa, havia outra questão que se notava nas conversas e que os próprios praticantes pareciam não perceber que estava ali tão presente, apesar de discuti-la. E era justamente o que, como expus no começo desta introdução, me chamou atenção no BDSM. O bizarro e sua patologização quando atrelados ao contexto sexual/afetivo. Essa imagem, fortemente associada ao que é o BDSM para os leigos (ou para o mundo baunilha), também circula de forma forte no BDSM, mesmo que os praticantes nem sempre se deem conta de que a reproduzem, ou de que com ela, de alguma forma, dialogam. Obviamente, a ideia do bizarro circula de diferentes formas nesse “dentro” e “fora”, gerando diferentes sentidos, trânsitos e os inevitáveis embates. São eles que aqui interessam.

Com base no exposto, esta pesquisa se norteou pelo seguinte problema: **Como circulam os diferentes sentidos do perverso e sua consequente patologização no meio BDSM?** Como esses sentidos se articulam, quais são as imagens que reproduzem e atualizam e como esses discursos marcam possíveis fronteiras entre BDSM, baunilha e patologia são outros pontos que, de maneira acessória e a fim de embasar a questão central, foram discutidos com este trabalho. Dessa forma, esta dissertação se debruça em pensar como o perverso e a patologia constroem os sentidos do real no e do BDSM.

Para revisão bibliográfica e posterior discussão teórica, procurei a literatura acadêmica acerca do tema e, a respeito do BDSM unificado, encontrei pouquíssimos materiais. Havia catálogo e estudo de práticas específicas, de parafilias, de comportamento sexual desviante; porém sobre BDSM era bastante escasso. O tema é relativamente recente, questionei-me se esse apagamento representava algum tipo de silenciamento, desinteresse ou um mero desconhecimento. De qualquer forma, seria mais um motivo para produzir bibliografia sobre o tema.

Bruno Zilli defendeu pela UERJ, em 2007, uma dissertação de mestrado sobre a legitimação dentro do BDSM e as formas que o próprio meio utiliza para fazê-lo, geralmente embasadas em protocolos ligados a segurança, consenso e sanidade, todas as três questões bastante tênues e controversas, as quais discuto ao longo deste texto. Um dos trabalhos pioneiros que, inclusive, muito me deu chão para as bases teóricas com que comecei a dialogar para dar o pontapé desta pesquisa.

A preocupação central do texto de Zilli é mostrar como o BDSM se legitima pelos seus próprios protocolos de segurança e as transformações sociais que culminaram nas mais recentes atualizações do DSM²⁴.

Além da revisão bibliográfica e do diálogo com os materiais até agora produzidos sobre BDSM, compreendendo uma parte etnográfica, este trabalho foi realizado com idas a campo, acompanhando eventos de fetiche e de BDSM, alguns eventos inseridos na cena de balada liberal carioca e eventos específicos do meio, conforme exponho na metodologia desta dissertação, no Capítulo 4.

Na parte etnográfica da pesquisa, priorizei os eventos públicos. Até assisti a algumas sessões particulares e estive em eventos particulares – alguém que reúne amigos em casa, faz locação de algum imóvel –, naturalmente considerei esses subnúcleos, porém me detive mais na cena pública, o que corresponde ao circuito dos eventos abertos ao grande público.

Em paralelo à pesquisa etnográfica, colhi material em *blogs* de BDSM e entrevistei praticantes e os principais blogueiros²⁵ do ramo, tanto em entrevistas individuais quanto em algumas realizadas em grupos com temas específicos para discussão. O trabalho de análise desta pesquisa recaiu sobre 3 entrevistas de *Tops* e *bottoms* praticantes de BDSM, análise esta que exponho no Capítulo 5 deste trabalho.

O Capítulo 1 se dedica ao dar a conhecer, uma visão geral sobre o BDSM e ao histórico das parafilias, desde os primórdios de seus estudos, ainda muito relacionados à homossexualidade, até sua saída da categoria de transtorno, com a última atualização do DSM. Assim, o primeiro capítulo expõe a parte teórica desta pesquisa, desde a patologização da sexualidade não convencional, da figura do mal no comportamento sexual desviante, especialmente na sexualidade dos “incapazes a autorizar”, o que chamei de *As três maldições imperdoáveis*: zoofilia, necrofilia e pedofilia e sua errônea associação com o BDSM, além do esboço de uma teoria específica sobre o BDSM.

Os Capítulos 2 e 3 apresentam uma discussão teórica centrada na análise do discurso, tal como foi aplicada para fins de análise do material colhido em entrevistas para esta pesquisa. Assim, o Capítulo 2 está centrado no etos de Maingueneau, enquanto o 3 dialoga os

²⁴ DSM – *Diagnostic And Statistical Manual of Mental Disorders* [Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais], publicado pela APA – *American Psychiatric Association* [Associação Psiquiátrica Americana], o documento de referência sobre o que deve ou não ser considerado um transtorno psiquiátrico.

²⁵ “Principais” aqui se refere aos principais resultados que aparecem no *Google* e às pessoas que, no decorrer da pesquisa, descobri serem relevantes para a cena carioca, ou por serem profissionais, Mestres – pessoas que confeccionam acessórios para BDSM e/ou ministram workshops –, ou realizarem práticas públicas com frequência nesses eventos.

conceitos ali apresentados com o dialogismo de Bakhtin e as categorias de enunciador e locutor de Ducrot.

O Capítulo 4 expõe as questões metodológicas que permearam esta pesquisa. Por se tratar de um tema relativamente inédito e sem uma base teórica unificada forte, as opções e posturas metodológicas que segui estão aqui expostas para um mostrar um caminho mais sólido até os resultados obtidos.

Por fim, o Capítulo 5 traz a análise, recuperando toda a discussão feita até então, aplicada a trechos selecionados das entrevistas feitas, cujos textos integrais encontram-se na seção destinadas aos Anexos desta dissertação, seção esta que apresenta ainda um anexo com as principais práticas catalogadas realizadas no meio e um anexo com os acessórios mais comuns do BDSM.

1 AFINAL, O QUE É BDSM?

Antes de pensarmos no BDSM enquanto tal – unificado, como surgiu nos idos dos anos 1970 (1980/1990, no Brasil) –, menos como um conjunto de suas práticas e sim como o grupo de relações simbólicas de poder, precisamos pensar em suas práticas separadas, tais como foram estudadas a princípio, para entender como essas práticas e esses conjuntos de regras se unificaram. Tais práticas, chamadas parafilias ou perversões sexuais, precisam ser compreendidas em retrocesso, nos primórdios de seus estudos.

O estudo das perversões, inicialmente, teve o homossexualismo²⁶ masculino como norteador, considerado a perversão por excelência e, por isso, acabou se tornando um parâmetro de referência para os comportamentos sexuais desviantes, especialmente na figura do invertido, preconizada pelos estudos de Westphal (1878)²⁷ sobre as fobias²⁸, conforme Lanteri-Laura (1994)²⁹ apresenta em seu panorama das perversões como patologias de diversos domínios, tanto fisiológicos quanto psicológicos.

Westphal (1878), como outros que foram em sua esteira, não viam outra saída para enquadrar o homossexual masculino que não fosse o considerando possuidor de uma alma feminina, o que justificaria seu interesse por outros homens, compreendendo, desta forma, pelo seu corpo masculino, uma inversão em relação aos desejos que deveria ter, ou seja, não era aceitável a possibilidade de um homem se interessar por outro homem. Terreno fértil para essas questões é também encontrado nas discussões de Krafft-Ebing (1896)³⁰ e Havelock Ellis (1898), o que muito se vê refletido nas posteriores questões elucidadas na obra de Freud (1972), sobre a psicogênese das psicopatologias das perversões.

Freud desenvolveu um modelo evolutivo da sexualidade com três resultados possíveis: a heterossexualidade adulta, que é o modelo bem resolvido do

²⁶ O próprio símbolo BDSM já fora, outrora, a bandeira Leather Pride, uma bandeira com listras azuis, brancas e pretas com um coração, símbolo do grupo ativista de BDSM homossexual.

²⁷ WESTPHAL, K. *Über Zwangsvorstellungen*. Arch. Psychiatr. Nervenkrank, v. 8, 1878.

²⁸ Westphal foi o responsável por cunhar o termo “fobias obsessivas”.

²⁹ A respeito de um panorama dos estudos das perversões e suas modificações, cf. LANTERI-LAURA, Georges. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

³⁰ Até hoje a obra de Krafft-Ebing é o principal tratado sobre parafilias. Cf. KRAFFT-EBING, R.. *Psychopathia sexualis*. Paris: Georges Carré Editeur, 1896.

recalcamento da sexualidade infantil; as perversões, de recalcamento inexistente; e a neurose, de recalcamento excessivo. (ZILLI, 2007, p.36)³¹

Dentro desses quadros fora da normalidade, da inexistência ou do excesso do recalque das relações infantis dadas pelo corte edipiano, estariam apenas os casos em que o comportamento se tornava fixo, exclusivo e como única possibilidade de se obter o gozo sexual versus as situações em que esses comportamentos eram ocasionais.

Essa discussão para Lanteri-Laura (1994) se mostra como uma justificativa para o interesse acadêmico pelo estudo das perversões. Por um lado, elas se colocam como legitimadoras de discursos sobre as singularidades das escolhas sexuais dos sujeitos, por outro, elas reforçam uma moral laica em voga que estaria contrariando os ditames tradicionais da moral cristã, que condenava não só estes comportamentos, mas também os diálogos sobre eles. Com a sexualidade discriminada em tabus, até sua discussão se torna um assunto delicado, como já pontuara Foucault (2001), inscrevendo o ato de falar sobre ela como um ato de transgressão que reorganiza as relações de poder.

Existe, talvez, uma outra razão que torna para nós tão gratificante formular em termos de repressão as relações do sexo e do poder: é o que se poderia chamar o benefício do locutor. Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. (FOUCAULT, 2001, p. 12)³²

Assim, o ato de *falar de sexo* já é um ato que desestabiliza as relações estabelecidas dentro de uma determinada ordem. Ainda mais se a transgressão não se dá apenas pelo ato de fala, mas pelo seu conteúdo, como o estudo das sexualidades que se colocam à parte – as perversões ou *parafilias* – e, que, em um sentido de alteridade, questionam e definem as sexualidades tomadas como padrão.

No campo de estudo das perversões, Foucault (2001) vê terreno fértil para compreensão e estudo das sexualidades regulares, afinal elas são o que o perverso – o outro – não é, elas não são a exterioridade ou o atípico, se definindo, assim, por uma anulação dessas condições.

O que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas. Todas estas figuras, outrora apenas entrevistas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas; e se novamente for

³¹ ZILLI, Bruno Dallacort. *A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a psiquiatria*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro, 2007.

³² FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001. Id. Ibid.

interrogada, a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento de refluxo. (FOUCAULT, 2001, p. 18)³³

Krafft-Ebing (1986), em seu clássico *Psychopathia sexualis*, realizou um verdadeiro tratado sobre as parafilias. Apesar das controvérsias, devido à sua extensão e ao seu detalhamento, ainda é o principal sobre este tema e, conseqüentemente, sobre o BDSM, já que, ainda hoje, a maioria de suas práticas está submetida a esse rótulo. A intenção de Krafft-Ebing era que a obra se tornasse uma referência para médicos e legistas, pois, sob a sua ótica, tais comportamentos sexuais desviantes eram doentios e ilegais, e, portanto, passíveis de sanções em ambas as esferas.

Ele dividiu os desvios sexuais em quatro categorias, o *paradoxo*³⁴, que é o desejo sexual em etapas da vida em que ele não deveria estar presente, como na velhice ou na infância; a *anestesia*, que é a ausência de desejo sexual; a *hiperestesia*, seu excesso, e a *paraestesia*, ou o desejo sexual sobre objetos equivocados, sendo a definição que ainda hoje – apesar das modificações quanto ao caráter patológico – acompanha o conceito de parafilia. No conceito de paraestesia, Krafft-Ebing (1986) incluiu, entre outros, a homossexualidade, o fetichismo, o sadismo e o masoquismo. Para ele, o sexo só poderia ser considerado não desviante se se relacionasse com a procriação, dessa forma, embora ele julgasse o estupro bizarro, não o considerava como uma perversão, já que dele poderia se originar a gravidez.

Nos estudos mais recentes, as perversões sofreram uma maquiagem para a redução da carga negativa e pejorativa-patológica contida no termo, travestindo-se do termo “parafilias”, que é menos agressivo que “perversão”, porém ainda bastante objetivador para algo relacionado à esfera tão oscilante do desejo, e ainda afastado da ideia de normalidade. Parafilia é constantemente usada para indicar práticas sexuais não convencionais. Porém, um avanço dado pela última versão do *Diagnostic And Statistical Manual of Mental Disorders* [Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais], doravante DSM, publicado pela *American Psychiatric Association* [Associação Psiquiátrica Americana], doravante APA, em sua última revisão, de 2013, o DSM-V³⁵ foi a separação entre parafilia e transtorno parafílico.

³³ FOUCAULT, id. *ibid.*

³⁴ O *paradoxo* de Krafft-Ebing é um bruto contraste com as teorias freudianas sobre a presença constante da libido e suas modulações na formação de subjetividades, com as quais coaduno. Além disso, a secção gera um fator complicado sobre as definições do que é ser criança, adulto e idoso e como essas etapas etárias autorizariam os desejos sexuais.

³⁵ Todas as considerações acerca de parafilias e transtorno parafílicos que aqui faço se baseiam no DSM-V, caso eu me refira a alguma versão anterior do manual, ela será especificamente citada.

A parafilia [do grego, para – παρά (fora, por fora, de fora) e filia – Φιλία (amor, apreço, afeição), algo como um “amor de fora, ou amor pelo paralelo”] diz respeito aos interesses eróticos atípicos, o que, segundo as últimas alterações do DSM, não os torna necessariamente patológicos. Já o transtorno parafílico define fronteiras que tornam a parafilia uma patologia, caso a pessoa “sinta angústia pessoal sobre o seu interesse sexual, não apenas sofrimento resultante da desaprovação da sociedade, ou tenha desejo ou comportamento sexual que envolva o sofrimento psicológico, lesões ou morte de outra(s) pessoa(s), ou prática sexual que envolva pessoas que não querem ou que sejam incapazes de dar o seu consentimento legal”³⁶ seus desejos refletem um caso de patologização, segundo as últimas versões do DSM.

Atualmente, a lista oficial³⁷ dos transtornos parafílicos conta com os seguintes elementos e suas respectivas definições resumidas: “transtorno de exibicionismo – expor órgãos genitais a uma pessoa desavisada ou prática de atos sexuais com a intenção de que outras pessoas vejam; transtorno de Frotteurismo – tocar ou esfregar-se em uma pessoa [vestida] sem seu consentimento; transtorno de voyeurismo – observar pessoa desavisada em momento íntimo, de nudez ou em práticas sexuais; transtorno de fetichismo – uso de objetos inanimados para obtenção de excitação sexual; transtorno de pedofilia – preferência sexual por crianças pré-púberes; transtorno de masoquismo sexual – necessidade de ser humilhado, espancado, amarrado ou qualquer outra forma de sofrer para obter prazer sexual; transtorno de sadismo sexual – a dor ou a humilhação de uma outra pessoa é sexualmente excitante; transtorno de travestismo fetichista – excitação sexual ao vestir roupas ou utilizar objetos do sexo oposto; transtorno parafílico não especificado – inclui uma variedade de outros comportamentos parafílicos, tais como: zoofilia, necrofilia, coprofilia, urofilia, infantilismo, escatologia telefônica etc.”³⁸.

A mudança dada pelo DSM-V entre interesse sexual atípico e patologia adveio com sua versão de 2013, o que é bastante recente. Ainda assim, mesmo que o caráter patológico de algumas práticas sexuais tenha sido extirpado, a maioria das práticas relativas ao BDSM –

³⁶ LUCENA, Bárbara Braga de; ABDO, Carmita Helena Najjar. *Transtorno parafílico: o que mudou com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5. edição (DSM-5). Diagn Tratamento*, v. 19, n.,2, p. 94-96, 2014.

³⁷ Relações como suingue, ménages, gangue banguê e outras trocas ou atividades sexuais envolvendo mais de duas pessoas já estiveram presentes em versões anteriores do DSM como parafilias.

³⁸ LUCENA, Bárbara Braga de; ABDO, Carmita Helena Najjar. Op. Cit.

sadismo, masoquismo, exibicionismo, voyeurismo, frotteurismo consensual³⁹ – ainda é considerada uma parafilia, algo que foge das raias do desejo preconizado como convencional.

Além disso, todos esses estudos, tratados, manuais, enfim, toda a atenção investigativa “técnica” e “acadêmica” desde sempre esteve voltada para a questão das parafilias, ou seja, das práticas materiais, e nenhum deles voltou o olhar para o BDSM; mesmo após sua unificação, nos idos de 1970, até os presentes dias não havia trabalhos específicos sobre a cultura, o universo, o discurso, enfim, sobre o BDSM enquanto tal, ou seja, sobre o atravessamento de poder nas práticas sexuais⁴⁰ ou até mesmo fora delas, já que o BDSM as extrapola.

A questão da parafilia dialoga ainda com a do *fetichismo*, que é o desejo transferido para um objeto que, *a priori*, não é convencional para tal. A palavra fetiche é comumente utilizada no meio BDSM para descrever o seu diálogo com o baunilha e suas fronteiras, mas também para os praticantes que são adeptos da liturgia e outros tipos de materializar o BDSM fora de suas práticas, tendo uma relação direta com a ideia do fetiche como algo parafilico, ou seja, que está de fora.

Em 2007, Bruno Zilli defendeu um dos primeiros trabalhos acadêmicos sobre o BDSM enxergando-o enquanto tal e não o reduzindo a práticas específicas ou à questão parafilica. Sua defesa principal é acerca da legitimação do BDSM com base nos variados protocolos de segurança que existem no meio.

Zilli utiliza uma das famosas siglas comuns no meio relativas à segurança, o SSC – ou São/Sadio, Seguro e Consentido/Consensual – para habilitá-lo no seio social combatendo sua colocação como patologia. Trocando em miúdos, surge o batido e falacioso discurso de “o BDSM é seguro, então é legítimo”. Mas a noção de segurança não é capaz de lhe autorizar, primeiro porque ela é frágil e relativa – atravessar a rua é seguro? – e depois porque não é estável para poder autorizar o que quer que seja, ela compreende flutuações.

Além disso, por um lado, práticas sexuais não parafilicas (baunilha) não são necessariamente seguras só por serem consideradas aceitáveis ou comuns, e, por outro, não necessariamente alguém que busque realizar uma parafilia – ou qualquer atividade que seja, sexual ou não – busca o fazer com segurança ou a cogita, é mais honesto aceitar isso. Moralizar algo no reduto da segurança é uma visão bastante preconceituosa de quem está

³⁹ Também relacionado a casos de hifefilia, gimnofilia, editofilia, entre outros.

⁴⁰ A questão da assimetria de poder no BDSM não se restringe a práticas sexuais, escrevo aqui de maneira didática, porém, ainda neste capítulo, esta questão será discutida.

assustado com aquilo a que assiste e precisa encontrar um lugar que lhe dê paz, que lhe tranquilize.

Antes de tentar moralizar o BDSM com conceitos que não são atinentes a ele, é preciso compreender que sua configuração não pode ser validada pela configuração da moral baunilha, ou seja, os discursos que circulam e produzem sentido dentro de seu universo, ainda que, inevitavelmente dialoguem e se articulem com os das construções do universo baunilha, não se dão da mesma forma, seus processos são completamente diferentes e é preciso pensar essas construções discursivas em constante tensão, é claro, afinal nenhuma interpelação é sem exterioridade, mas não sobrepô-las, o que acaba silenciando os seus próprios meios de circulação e produção de sentidos.

Mas onde entra a segurança? O BDSM é assimetria de poder, porém também engloba algumas práticas, não necessariamente sexuais, que não são convencionais. Muitas delas exigem técnicas, treino – é comum a propagação de *workshops* para ensinar algumas práticas, sendo os mais comuns os *workshops* de *Shibari* –, mentorado por praticantes experientes e, é claro, uma atenção quanto à segurança de sua realização.

Com o BDSM ganhando fama, após sua unificação, e as pessoas tendo mais acesso a ele, foi necessário implementar alguns protocolos de segurança, por um lado, para calçar o BDSM de eventuais problemas, acusações e preconceitos exteriores a ele, por outro, para proteger os seus participantes e ajudar a guiá-los neste caminho de autodescoberta.

Nasce a ideia de *safeword*, ou palavra de segurança, em português. A *safeword* é uma palavra, sequência de palavras ou uma forma de sinalização previamente combinada entre o sub e o *Top* para indicar se a prática deve ser intensificada, se se deve ter cuidado, amenizá-la, mas, principalmente, se se deve imediatamente pará-la.

O ideal é que as *safewords* sejam palavras fixas que os parceiros conhecem e que não fiquem mudando a cada sessão, para não gerar confusão e também que sejam palavras *a priori* aleatórias, ou seja, não é recomendado usar palavras como “não” e “para”, já que em muitos casos, principalmente nas práticas que testam limites, “não” e “para” não são eficientes como indicativo para realmente parar; essas palavras podem, inclusive, funcionar como um estímulo para ambos e não como sinalização para realmente se finalizar uma sessão.

É comum no meio, por padrão, o uso de palavras como “verde”, “amarelo” e “vermelho”, como a sinalização de um semáforo. Assim, o “verde” indica que o sub deseja que a prática seja intensificada, o “amarelo” indica que ele está perto de seus limites, e o *Top* deve manter o que está fazendo ou atenuar levemente. Já o “vermelho” representa que o sub esgotou os seus limites e o *Top* deve parar imediatamente e observar se está tudo bem.

Obviamente, não é somente responsabilidade do sub fazer a sinalização, o *Top* deve observá-lo, pois ele pode estar tão extenuado a ponto de não conseguir se manifestar pedindo a interrupção da prática. O *Top* precisa agir com sabedoria, cuidado e consciência, atento o tempo todo para as reações do sub, ele não pode delegar toda essa responsabilidade a ele, principalmente em práticas extremas, como as de *edge play*, que discutiremos a seguir ainda neste capítulo.

O objetivo da *safeword* não é levar a sessão até seus limites (a menos que se esteja fazendo uma prática – previamente combinada entre as partes – específica desse tipo), como se tudo fosse permitido enquanto ela não for usada, ou como se o “ideal” fosse chegar ao limite de usá-la. A existência da *safe* (abreviação comum usada no meio) é apenas um calço a mais para ambos os envolvidos.

Aqui falamos da sinalização genérica do semáforo, que é amplamente usada, especialmente em sessões públicas, e funciona como uma indicação padrão entre novos parceiros, mas é importante também, além dela, existirem as *safes* específicas, combinadas entre o *Top* e o *bottom*. Um casal que entrevistei, por exemplo, usava as *safes* “coelho” e “cenoura”. Um bom exemplo do que falamos sobre fugir do óbvio para que eventuais “não” e “para” não confundam o *Top* nem atrapalhem a prática.

Mas as *safewords*, apesar de necessárias, são uma segurança apenas no âmbito privado, dizendo respeito a uma única sessão ou prática e a seu andamento, e restritas ao contexto de uma relação, e o BDSM precisava de algo a mais, ou seja, de protocolos de segurança que perpassassem toda a ideia do movimento e de sua cultura, para, além de proteger seus praticantes, legitimá-lo; assim, nós conhecemos o SSC.

A sigla SSC significa São/Sadio, Seguro e Consentido/Consensual e indica que as práticas precisam se encaixar nessas definições para poderem se enquadrar no BDSM. É claro, nós falamos muito em Dominação, *spanking* e análogos, mas se nada disso é consentido, é violência e até crime, e não BDSM. Antes de tudo, e exponho adiante neste capítulo que há muita variação e discussão a respeito, o BDSM se firma sobre esses princípios.

Esses três conceitos são bastante delicados, é verdade, mas podemos ter um mínimo de bom senso quanto a eles quando pensamos na terceira parte da sigla, que diz respeito ao consentimento. O Consentido/Consensual da sigla se refere ao acordo entre as partes (algumas relações BDSM são inclusive baseadas em contratos físicos assinados entre os parceiros) sobre não só o que é permitido mas, principalmente, o que é desejado.

Por mais que isso seja consequência de qualquer relacionamento humano, as relações baunilha não se constituem em larga escala com base no que se aceita ou tolera, mas com base no que se deseja. Da mesma forma, os acordos em relações BDSM não se fundam em uma ideia do “quanto se aguenta”; eles são baseados no que é esperado e desejado por ambas as partes. Se um sub é masoquista e o *Top* não é sádico, por exemplo, a relação dificilmente vai se sustentar por muito tempo.

Então, acima de tudo, as relações BDSM precisam se basear nos consensos, nesses acordos entre o sub e o *Top* e seus desejos, e aí temos a primeira parte desta sigla, talvez a mais famosa quando falamos em segurança no BDSM.

Nós colocamos o consenso como a característica basilar para uma relação segura e sadia, baseada na ideia de SSC, mas a sigla começa com São/Sadio. Nós fizemos essa inversão porque a ideia de sadio também se baseia no consenso, afinal é bem complicado definir limites genéricos do que é ou não sadio, principalmente quando falamos de comportamentos sexuais.

Falamos de sadio principalmente em termos psicológicos aqui (principalmente pela ideia de sanidade atrelada a ele), mas há, é claro, o sadio que diz respeito à saúde no sentido físico, e quanto a isso a sigla nos diz para respeitarmos normas de segurança mínimas, como higiene, esterilização de objetos, limites do corpo, conhecer o estado de saúde dos envolvidos nas práticas e outras coisas desse tipo. É aí que sadio dialoga diretamente com a segurança.

O que é seguro? Atravessar a rua é seguro? E quando falamos de práticas sexuais, o sexo baunilha (ou não parafílico) é seguro? A verdade é que não necessariamente porque algum comportamento sexual é socialmente aceitável que é seguro, de fato. Os casos de morte bem sensacionalistas com sexo baunilha ilustram isso, como Nelson Rockefeller e Félix Faure, que morreram por ataque cardíaco e derrame cerebral, respectivamente, durante o ato sexual, ou o jogador de futebol Mario Bugeanu, que morreu por envenenamento por monóxido de carbono ao fazer sexo no carro. Esses casos não são raros, mas não é preciso estender a lista para compreender o que falo a respeito da segurança aqui.

No BDSM, a segurança diz respeito ao conhecimento. E para isso falamos de conhecimento das práticas e técnicas, por meio de *workshops*, estudo, observação e mentorado. Depois do conhecimento genérico, há a observação da segurança dos envolvidos e de um conhecimento mínimo entre eles que possibilite prever determinadas reações e evitar outras, bem como o próprio estabelecimento das *safewords* e estabelecimento de normas de higiene, asseio e cuidado.

A questão do SSC é bastante presente em grande parte do material dedicado ao BDSM. O reforço desses conceitos é também uma forma de “ensinar” os novatos a se portarem dentro do novo universo, sendo uma forma de frear, também, os desinformados que chegam à cena “achando que é bagunça” e que tudo é permitido, e não é bem assim; na verdade, é tudo muito regulado, bem diferente do que pode parecer para um desavisado.

Esses parâmetros, então, como o SSC, acabam funcionando também como uma orientação, além de ser um ponto de interseção e contato dos universos baunilha e fetiche com o BDSM, para que os curiosos que querem se arriscar nessa nova empreitada não se sintam perdidos e comecem a conhecer suas normas e padrões de funcionamento.

Com a popularização do SSC, os integrantes do GMSMA⁴¹

“mesmo não considerando que a sigla definisse o que eles praticavam, decidiram, em uma reunião aberta para planejamento de um evento S/m, usar estas palavras na esperança de que fossem tomadas como um ponto de partida no S/m e que fossem úteis na redução da imagem predatória e abusiva que o S/m tinha. Sendo assim, decidiram usar em março de 1993 como slogan principal de um evento – sendo inclusive carregado em uma faixa de 6 metros de largura em uma passeata pelos direitos dos gays e lésbicas em Washington. Esse *slogan* vinha aparecendo em camisas desde o evento em 1987 e sua popularização se espalhou de maneira jamais imaginada pelo comitê ou pelo seu criador, e, com o tempo, isto começou a gerar uma comoção pela confusão gerada com a associação de ‘seguro’ com ‘livre de riscos’, enfraquecendo a mensagem”.⁴²

Partindo dessas questões, Gary Switch propôs a sigla RACK como uma definição mais próxima dos procedimentos de segurança como circulam dentro do BDSM, afinal tanto a segurança, a sanidade e a consensualidade previstas no SSC são fatores subjetivos, e a sigla não deixava claro a que se referia. Para fundamentar sua nova proposta, ele usou a metáfora bastante famosa no meio do alpinismo de que o risco é uma parte essencial da diversão, e, tanto no alpinismo quanto no BDSM, ele é minimizado através de estudo, treino, técnica e prática.⁴³

RACK é abreviatura de *risk-aware consensual kink* ou perversão consensual ciente dos riscos. O termo perversão dialogava com os estudos científicos da época acerca das parafilias, além de explicitar sobre o que se tratava, o que era estar ciente e quais os tipos de

⁴¹ A GMSMA (Gay male S/m activist) é uma organização americana de BDSM homossexual comprometida com as políticas instauradas pelas discussões acerca do SSC e de outras siglas representativas de conceitos referentes à segurança.

⁴² Matéria escrita por Rasputin em seu blog, *Dilemas de um Dominador iniciante*. Disponível em: <http://dilemasdeumdominiciante.blogspot.com.br/2015/02/mas-afinal-o-que-e-bdsm.html>. [Acesso em 19/01/2016]

⁴³ Id. Ibid.

riscos. Apesar de a sigla RACK ser usualmente a mais aceita e talvez mais “fiel” aos propósitos *BDSMers*, ainda surgiram outras, posteriormente, tais como “PRICK” – *personal responsibility, informed consensual kink* ou perversão consensual de riscos baseados na responsabilidade pessoal –, “RISSCK” – *risk informed, safe, sane, consensual kink* ou perversão consensual sã, segura e de risco informado –, “CCC” – *committed, compassionate, consensual* ou comprometido, compassivo, consensual – e, ainda, “SSS” – são, seguro e sensual. Com base nas siglas que acabaram de tornando mais “aceitáveis” no meio, parece que o termo *perversão* e seus análogos tornaram-se mais interessantes do que o *são* e os atinentes a ele. Talvez se torne mais *seguro* e franco falar em perversão do que tentar definir limites de sanidade...

A mudança nas siglas desde o SSC mostra uma alteração da preocupação com o sadio para o uso da palavra perversão. Isso se deve, por um lado, à despatologização na literatura médica da perversão e das parafilias, por outro, à necessidade de mostrar à sociedade que a perversão, nesse contexto, não representa um comportamento sexual doentio só por se relacionar com práticas que não são consideradas convencionais, desde que as perversões e os riscos decorrentes de determinadas práticas se baseiem, acima de qualquer coisa, na segurança e no consenso.

Em paralelo às siglas que colocam a controversa questão da segurança ou da responsabilidade do risco como um fator crucial na execução das práticas de BDSM, há também as siglas que dizem respeito à cessão de poder. Enquanto aquelas aparecem de maneira limítrofe entre as responsabilidades em uma relação *BDSMer* e a legitimação baunilha, essas atuam nos acordos dentro dos relacionamentos. As relações S/m são pautadas pela assimetria de poder – ainda que a assimetria seja cambiável/negociável entre os envolvidos na relação, como em um relacionamento entre dois SW –, mas como funcionam seus limites?

Conforme os praticantes me disseram nas muitas entrevistas realizadas, a questão da confiança e dos limites costuma ser negociada em uma conversa informal, quando os praticantes vão realizar uma sessão, e em um relacionamento pode ser formalizada por meio de rituais específicos, de contrato ou do acordo (formalizado em contrato ou não) a respeito da cessão de poder, por meio da EPE, PPE ou da TPE. Estas siglas, apesar de conterem “troca” no nome, dizem respeito, na prática, à cessão ou delegação de poder e pensarmos nessa cessão sob o nome de troca dialoga diretamente com a análise de entrevistas realizada no Capítulo 5, que discute a questão do poder nos moldes de Foucault, com sua típica oscilação em rede.

O EPE – *Erotic Power Exchange*, ou troca erótica de poder, em português – diz respeito à assimetria de poder exclusivamente durante uma prática específica, e/ou nos atos sensuais e sexuais, e o EPE é o único protocolo que pode ser usado em sessões avulsas, pois os outros precisam de um relacionamento estável para ser estabelecidos. Assim, os *play partners* combinam previamente a cessão de poder e seus limites, e isso engloba desde quem exerce o papel de sub e o de *Top* e as *safewords*, até as práticas a serem realizadas e suas possibilidades.

O PPE – *Partial Power Exchange*, ou troca parcial de poder, em português – como o TPE, só funciona dentro de uma relação, pois ele precisa de tempo e rotina para ser aplicado. O PPE diz respeito à assimetria de poder em outros âmbitos do cotidiano além das sessões ou dos atos sensuais e sexuais.

Em uma relação baseada no PPE, o *Top* pode/deve discernir sobre aspectos da rotina do *bottom*, como sobre o seu círculo social, seu trabalho, suas refeições etc., mas não em todos os âmbitos nem de maneira integral, as fronteiras de até onde essa parcialidade de cessão de poder chega são definidas pelos envolvidos na relação. Obviamente, no decorrer de um relacionamento, esses limites podem ser reajustados.

Por fim, há o TPE – *Total Power Exchange*, ou troca total de poder, em português –, eventualmente chamado de APE – *Absolute Power Exchange*, ou troca absoluta de poder. Relações do tipo TPE geralmente são no meio BDSM o equivalente ao casamento do mundo baunilha – com uma projeção de união e fidelidade eternas, por exemplo.

Porém, o TPE não é somente isso, este é só um pequeno pedaço de tudo o que ele representa. À parte essa união permanente conferida pelo TPE, as relações que nele se baseiam podem também culminar em práticas de cativo e escravidão permanentes, por exemplo, segundo o material que circula no meio e conforme afirmam os próprios praticantes.

Quando o TPE baseia uma relação, não há contrato, não há utilização de *safewords* ou nenhum outro artifício do tipo, já que ele diz respeito a uma cessão de poder para domínio total. O *bottom* e o *Top* estabelecem uma relação de confiança integral tão complexa que, a partir disso, nada mais deve ser discutido ou questionado. (A menos que uma das partes queira romper o relacionamento, é claro.)

O TPE diz respeito a controlar todos os aspectos da relação e da vida do *bottom* e também é o responsável por arrepiar os cabelos das pessoas que têm o estômago mais fraco. É ele o responsável pela entrega total, por dar ao *Top* a opção de fazer absolutamente o que ele quiser com o *bottom*.

Esse tipo de relação representa uma entrega completa, e muitos casos trágicos que vão a público, criando uma má imagem do BDSM, são decorrentes de relações que se baseiam no TPE. Por não necessariamente haver sinalização por parte do *bottom* para que o *Top* pare ou o auxilie em práticas mais arriscadas, já que o uso de safe e outros mecanismos de controle são dispensados, relações baseadas em TPE podem acabar sendo responsáveis por casos de mortes e homicídios culposos (em que não há dolo, ou seja, intenção de matar, mas se mata por negligência).

Assim, enquanto as práticas de *edge play* colocam a questão da fronteira de maneira material, o TPE, de maneira simbólica, é uma das vivências de cessão de controle que colocam o BDSM no campo limítrofe em que se joga com a vida e a morte. Por isso, esse protocolo de relacionamento se tornou um tabu no mesmo no meio, e muitos *Tops* além de o acharem arriscado o acham chato, por ter que definir o tempo todo tudo a respeito da vida de outra pessoa. Assim, a TPE coloca o BDSM na interseção entre *eros* e *tanatos*. É sobre isso que falo a seguir.

1.1 Flertando com a morte

Pra mim era um dia normal, eu estava saindo do trabalho um pouco mais tarde e não veria Severo, de novo. Fazia quase uma semana que eu não o via, parecia que ele estava me evitando e isso estava me deixando nervoso e inseguro. Eu passei a mão no anel de dominação que usava, ele me dera em uma cerimônia bastante calcada nos rituais litúrgicos e eu pensava que aquilo tinha algum valor. Tinha que ter. Ele estava há tanto tempo no meio. Era meu dono e toda essa ausência tinha que ter alguma explicação. Não havia acontecido nada de especial naquele dia, mas eu estava especialmente tenso, minha garganta seca, talvez eu antecipasse o que estava por vir. Caía uma chuva bem rala, mas mesmo assim abri um guarda-chuva. A rua estava deserta e eu comecei a ouvir passos. Tive medo e não quis olhar para trás. Olhei o celular, estava sem sinal e os passos se aproximando. Vertiginosamente. Ventava e eu comecei a pensar que o guarda-chuva frágil talvez não fosse boa opção. Eu senti a pessoa se aproximar. Era um homem, ele segurou minha garganta com força e eu senti meu corpo inteiro arrepiar. Ele era da altura de Severo e me virei buscando seus olhos, mas não os encontrei. Ele estava encapuzado e descobrir que seu cheiro era totalmente desconhecido me fez vacilar. Eu sentia minha garganta se fechando e o ar entrava pesado. Tropecei nas minhas pernas, mas ele me sustentou, ele me arrastou por mais de uma quadra, e me jogou em cima do capô de um carro. Eu me choquei contra ele e caí no chão. Eu estava em pânico, não sabia nem por onde começar a reagir. Eu conseguiria reagir? Tinha lama no meu rosto. Ele vestia um casaco longo escuro e puxou cordas dele, com as quais amarrou minhas mãos, depois de me jogar contra um poste de luz e me virar de costas para ele. “Severo?” eu queria acreditar que era ele, mas quando ele puxou o capuz e seu olhar penetrante finalmente cruzou o meu eu vi que estava enganado. Isso me fez calar e irrompi em lágrimas, soluçando. Ele começou a rasgar toda minha roupa. Estava frio. Estávamos na rua. A chuva tinha aumentado e sentir os pingos me causava dor,

ou era o estado em que meu corpo se encontrava. Ele tapou minha boca por trás e mandou que eu parasse de chorar. Sua voz. Definitivamente, não era Severo e eu não conseguia me conter, então tentei lutar, mas estava amarrado e não tinha forças, meu corpo convulsionava e, quando dei por mim, o homem já estava me penetrando com força. Eu sentia o meu reto se rasgando inteiro. Eu mal podia dar conta do que estava sentindo, parecia que eu não juntava os pensamentos, quando ouvi uma risada familiar. Era Severo. Não sei em que momento ele chegou, eu não consegui notar, ele estava assistindo e parecia se divertir com aquilo. Fez um sinal para mim, indicando a coleira, como ele sempre fazia pra dizer que eu pertencia a ele. Perceber o olhar dele fixo no meu me fez explodir em um orgasmo intenso nas mãos daquele desconhecido e não pude conter o choro que veio junto, ainda mais forte do que antes. Até hoje não sei quem foi o homem que fez o *rape play*, Severo nunca me contou. Depois disso tivemos outras experiências, ele mesmo realizou um seguido de sequestro comigo mais tarde, mas nada se comparou a esse dia.

Rafael me fez esse relato⁴⁴ em uma das conversas que tivemos sobre sua experiência com o BDSM. Eu estava perguntando sobre o que ele havia feito que considerava mais pesado e que, talvez, trouxesse consequências psicológicas mais tarde. Sempre que eu fazia essa pergunta, o *rape play* – a simulação de estupro, em tradução livre – aparecia, ou como resposta principal ou como uma delas, não só para os *bottoms* que passavam ou queriam passar pela experiência, mas principalmente para os *Tops*; acabou se tornando uma constante, também, ouvir de alguns *Tops* que não realizariam *rape play*, que não tinham estrutura emocional para isso, que talvez se sentissem mal e culpados com o “depois”.

Conforme os praticantes relatam, a prática de *rape play* convencional envolve, em geral, uma prévia simulação de sequestro, forma mais comum de se realizar a cena, porém há o *rape play* isolado, podendo ser praticado pelo próprio *Top* ou por um terceiro. Como em qualquer outra sessão BDSM, há sempre a possibilidade de uso da *safe*, porém nos relatos que ouvi, a minoria dos *bottoms* se mostrou favorável a seu uso durante essa prática. “Não dá medo de ser um sequestro ou um estupro verdadeiro, ou de algo sair errado?” perguntei, por diversas vezes; a isso, costumava ouvir “Sim, essa é a graça”, “O bom *Top* sabe deixar a dúvida, sabe se disfarçar até mesmo quando é ele que realiza o *rape*” e comentários análogos que demonstravam o que chamo aqui de flerte com a morte.

A ideia de flerte com a morte que proponho não é exatamente da morte em si, embora se relacione com práticas que ofereçam um risco imediato e danoso a médio e longo prazo, mas se identifica em parte com a pulsão de morte freudiana, o potencial destrutivo e limítrofe – ou o bizarro que atrai e repele, como o sublime de Kant? –, criador de uma fronteira do desconhecido com a possibilidade de controle do incontrolável, a morte. O gosto pelo

⁴⁴ Texto transcrito do áudio da entrevista realizada com o referido praticante.

desconhecido surge associado a essa possibilidade de um tipo de controle, como ter a morte nas mãos e poder jogar com ela: o flerte com a morte.

Para Freud (1972), o sexo e a sexualidade revelam a pulsão de morte – o orgasmo não é *le petit mort?* – teoria que, para o próprio, era “meramente especulativa”, como construída em *Além do princípio do prazer*, alternando-se entre eros e tanatos. Para ele, a pulsão de morte seria um tipo de busca por um estágio anterior, inanimado do corpo, uma supressão de estímulo – a teoria do nirvana – e tensões, isso reflete não necessariamente uma busca pela morte biológica, que culminaria no fim das atividades fisiológicas, mas talvez, como pontuara Laplanche (1992)⁴⁵, uma morte da individualidade, o que torna interessante a ideia para pensar nas práticas ligadas ao masoquismo físico e à humilhação também como esse flerte com a morte do eu, da instância da subjetividade.

Além da simbologia da D/s em si, que fica na linha limítrofe da perda dessa individualidade, algumas práticas refletem este flerte de maneira material, tais como a humilhação e a degradação, e a inversão e o *milking*. A humilhação e a degradação consistem em usar palavras ofensivas com o *bottom* e/ou submetê-los a atividades domésticas, custeio de despesas – quando a situação é estritamente financeira, a prática é chamada também de escravidão financeira e o submisso de *money slave*, ou “escravo financeiro”, em tradução livre – gastas com outra pessoa, *e.g.*, o *money slave* pode pagar a conta do motel para outras pessoas, atividades de *pet play* em público, mobiliário humano⁴⁶ entre outras.

São atividades em que o *Top* submete o *bottom* a situações que para ele ou para o seio social são consideradas humilhantes. De maneira menos significativa, as chuvas podem se encontrar aqui, pois o nível de humilhação é relativo, geralmente a chuva de prata⁴⁷ é considerada humilhante, as outras não tanto, são mais apreciadas por seu valor em si e não pelo ato da humilhação que adviria delas. Por mais chocante que pareça erotizar a ingestão de vômito e fezes, haja vista a comoção popular que o vídeo *two girls and one cup*⁴⁸ causou, ela acontece. Do ponto de vista biológico, um foi rejeitado pelo estômago, o outro é o produto final da digestão, então não parecem ter muito o que ser aproveitado pelo organismo; porém, fora isso, nenhum aspecto mais objetivo pode caracterizar o *scat*⁴⁹ como inadequado. O sêmen também sai do corpo e sua ingestão é completamente aceitável no pornô convencional,

⁴⁵ LAPLANCHE, J.. *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, 1992.

⁴⁶ Prática em que o *bottom* atua como móvel para o *Top*.

⁴⁷ Cuspis, no *bottom*, ejacular (também vale a ejaculação feminina) ou passar suor no *bottom* são formas de chuva de prata.

⁴⁸ Disponível em: <<http://2girls1cup.ca/>> Acesso em: 19 jan. 2016.

⁴⁹ Gíria para a prática de escatologia. Tecnicamente, na escatologia se inclui apenas a coprofilia, porém, popularmente, o vômito é aceito como integrante do *scat*.

não caracteriza nenhum gênero à parte, o que mostra a sua naturalização; ele é um produto do prazer bastante imediato, ainda é possível rebater dessa forma, porém defecar também é prazeroso, bem já dizia Freud.

As práticas de inversão e *milking* entram, também, no rol da degradação. Ao lado das atividades domésticas que, por muito tempo e ainda hoje o são, foram atribuídas ao gênero feminino, também elas suscitam uma questão de gênero que, trocando em miúdos, diz que se tornar mulher ou exercer atividades análogas ao gênero é humilhante. Inversão consiste na “troca” de papéis que foram convencionados ao homem e à mulher adotar, o homem penetra, a mulher é penetrada; inversão, assim, é quando a mulher penetra o homem utilizando um penetrante artificial em formato fálico – utilização de dedos ou objetos não próprios para este fim não constituem uma inversão. Interessante notar que a prática se origina do inglês “*pegging*”, que significa, aproximadamente, empalamento, em tradução livre. Em versão brasileira, tornou-se inversão, mais uma vez a questão de gênero se fazendo presente, tomando o falo como referência, se relacionando também à imagem do invertido, discutida no começo deste capítulo.

Milking consiste em estimulação prostática. Por que é considerado humilhante? Para a normatividade social, o homem hétero não é o penetrado por convenção, e, no caso do *milking* – ou ordenha –, o orgasmo é atingido apenas por este estímulo, sem nenhuma estimulação ao pênis, considerada uma degradação enorme um homem hétero atingir o orgasmo dessa maneira, apenas sendo penetrado em seu ânus; é a velha história da fragilidade da heterossexualidade masculina se fazendo presente. Associadas ao *milking* podem estar presentes as práticas de controle de orgasmo – pelos métodos de estímulo e pausa ou pela privação ou castidade, geralmente por meio do uso de cintas e cuecas específicas.

Essas são as principais práticas associadas à humilhação, note-se que se direcionam majoritariamente a *bottons* do sexo masculino, colocando-os em situações convencionadas como próprias do feminino. Ainda que possam ser exercidas por outro homem, geralmente são aplicadas por uma Domme, sob risco de perder a catadura de humilhante. Um reflexo da autoerotização dada por meio da perda ou da supressão da individualidade.

De maneira simbólica, a perda da individualidade surge associada ao controle da morte. Ao mesmo tempo em que massacrar a subjetividade se aproxima da morte, também se aproxima dela controlá-la, ainda que por meio de outra pessoa, do *Top*, no caso. De maneira material, dentre as várias práticas parafilicas catalogadas, talvez a que mais se aproxime da linha limítrofe entre eros e tanatos seja a de asfixiofilia, ou *scarfing*. Ela pode causar morte imediata, além de perda de consciência, desmaios e danos cerebrais a médio e longo prazo;

consiste na privação de ar, podendo ser feita por um *Top* ou pelo próprio, sendo, neste caso, denominada asfixia autoerótica.

Ela se relaciona com a mumificação, em que a asfixiofilia costuma ser bem-vinda, porém não necessariamente atua com imobilização. Fisiologicamente, a asfixia erótica possui uma atuação intensificadora do orgasmo pela redução no fluxo sanguíneo do cérebro, a falta de oxigênio e a elevação da taxa de dióxido de carbono geram uma sensação de tontura que pode tornar o orgasmo mais intenso. Esse clímax amplificado por meio da hipóxia cerebral também é chamado de “orgasmo sombrio”, “prazer maligno” entre outras denominações. Como no filme *Mata-me de prazer*, o jogo com a morte como obtenção de prazer se faz presente.

Para Reich (1990), a pulsão de morte é preservadora da vida, há uma crítica do discípulo dissidente de Freud sobre sua teoria embrionária, pois a pulsão de morte não atuaria em um nível de autopreservação. É com base nesta crítica que aqui a entendemos como possibilidade de controle sobre o que não temos, jogando com a morte, através de práticas limítrofes, os *BDSMers* poderiam, de alguma forma, controlá-la, dominá-la, colocá-la e tirá-la de circuito, suspendendo sua ação quando bem entendessem.

Na prática, porém, não é o que ocorre, vide o número elevado de mortes decorrentes de sessões que trabalham com práticas extremas⁵⁰, a maioria feita por amadores ou iniciantes, porém, a perda de controle, ainda mais nessas situações, é um risco inerente. Draco me falou, em entrevista, que “não se pode fazer nada com raiva”, assim como outras emoções intensas, ela altera a percepção do *Top*, que pode ser o principal responsável⁵¹ em uma sessão desse tipo.

Em casos que envolvam humilhações e degradações, alguns *bottoms* relatam um gosto por *Tops* que aparentam querer “descontar” algum tipo de sentimento neles, ou se vingar, de maneira secundária. Porém, agressão e outras paixões noturnas não costumam ser bem-vindas em sessões que exijam alto domínio de técnicas, tais como *shibari*, *bondage*, uso de agulhas, *spanking*, entre outras, pelo menos não sua forma manifesta.

A agressão se relaciona com a pulsão de morte para ambos os autores. Para Freud (1972), é algo natural do homem, mas que deve ser domesticado, em Reich (1990), é seu oposto, sendo um tipo de pulsão de vida, se identificando com eros, inerente, porém não de forma instintiva, mas mais relacionada a um fator biológico para fazer a vida acontecer –

⁵⁰ Nos Estados Unidos, estima-se um número entre 600 e 800 mortes anuais em decorrência somente de asfixia erótica.

⁵¹ Responsabilidade no sentido de o *Top* ser o executante da ação; em geral, em cenas que envolvem altos riscos, todos os envolvidos devem estar cientes e em pé de igualdade para assumir eventuais incidentes.

como a própria energia vital que movimenta os músculos. Para fins desse estudo, não penso a agressão como fator inerente às práticas de S/m, por exemplo, muitos menos de D/s, embora possa estar presente, penso mais nos jogos que envolvem questões de poder e manipulação da morte e seus análogos.

Práticas que lidam com riscos maiores, em inglês, podem ser resumidas no termo *edge play*, uma possível tradução de “*edge*” para o português é borda, assim, é o jogo do *limite*. Além das práticas catalogadas, outras sem nomenclatura específica ou sessões que envolvam agulhas, lâminas, fogo, eletricidade ou substâncias químicas nocivas/ tóxicas ao organismo de alguma maneira também entram aqui.

Morin (1997) fala do medo da morte como uma inadaptação do homem à sua própria espécie, ele usa a guerra para falar de situações em que esse medo é dissipado, assim, o risco torna-se um paradoxo, pois mesmo com medo – agindo pelo bem maior social, no caso da guerra –, o homem se expõe a ele. Não necessariamente esse paradoxo se instaura, pois a exposição ao risco pode ser uma situação de confronto com a própria morte, no jogo da exposição, há também o jogo do controle, com a aproximação do desconhecido. Sendo o medo um elemento em jogo ou não, jogar na linha sutil da vida e da morte é a única possibilidade de algum tipo de controle nas mãos do homem, completamente imerso neste abismo do acaso que é a vida.

1.2 As três maldições imperdoáveis

Por que se pode definir, delimitar, pesquisar, em suma, cutucar a sexualidade alheia? Quem está autorizado a gozar, como e por quê? Como se constroem as imagens da normatividade sexual? Das ditas parafilias já havia relatos de sua ocorrência na Grécia Antiga, tanto tempo já deveria tê-las autorizado, porém o sexo oral, por exemplo, só deixou o rol dos DSM há pouco mais de quarenta anos. Por que é tão permitido discorrer sobre o sexo que sai do padrão e por que o sexo bizarro é tão atraente e logo mexe nos estômagos mais sensíveis pensar que tem gente que atinge o orgasmo apanhando com ralador de queijo, sendo suspenso por cordas, ingerindo fezes de seu parceiro ou proferindo difamações contra ele? Nada disso é estritamente sexual, são elementos externos, um tipo de fetichização, mas e a palmadinha que “não dói”, as palavras chulas e afins, as lingerie, as danças sensuais? Todos

são bem normativos e também não são estritamente sexuais, são elementos externos e totalmente aceitáveis, como constam no pornô tido como convencional.

Na lacuna que o sexo oral deixou, no campo de “outros transtornos” hoje figuram necrofilia e zoofilia. As três práticas parecem bem niveladas? Hoje, praticar uma das duas é análogo à prática de sexo oral outrora. É? Mas sexo oral não é ilegal. Em qual cultura? Na nossa, não. Ainda somos românticos presos na necessidade das transmutações dos contos de Herder. Minhas crianças, não. Elas não podem conhecer isso, elas precisam da égide da moral divina. Deus vai me salvar. Seja Deus a entidade, seja a lei, seja a moral, seja o conhecimento, são só diferentes formas de manifestação de um mesmo comportamento teológico que busca salvação, sentido e organização do mundo, a própria verdade ancorada na noção de *tempo*⁵² atua dessa maneira, com a sua implacável prisão da medida das horas e dos dias. Deus vai me salvar.

No final de novembro, um vídeo viralizou na internet, *Inês Brasil sobre sadomasoquismo*⁵³, em que a famosa comenta sobre suas recusas em ter uma experiência com coprofilia quando atuava como garota de programa, “sangue de Jesus tem poder” e fica de joelhos, foi a reação ao relatar a possibilidade de defecar em alguém, e completa: “existe o sadomasoquismo e lá na Europa, infelizmente, ele come feio, tá reprimido pelo sangue de Jesus que tem poder” mostrando a associação imediata que o senso-comum faz das práticas consideradas bizarras ao S/m, sendo que coprofilia em si não é sadomasoquismo, nada impeça que seja usada em uma sessão de S/m, mas por si só ela não é.

Mais do que a pronta associação de bizarrices ao S/m, a fala de Inês mostra a associação instintiva que se faz dessas práticas à figura do mal satânico, no final das contas, a “perversão” não deixa de ser uma moralização travestida de cientificismo da figura do diabo. Por que tal coisa se identifica com o mal? E por que o mal é ruim? De Simmel (2006) a Maffesoli (2004), o mal pôde ser travestido de bem. Em Simmel (2006), é por meio da teoria do conflito⁵⁴; o mal é intrínseco do social, o conflito gera união, ou seja, o conflito faz a domesticação do mal. Se tem algo que o ser humano sabe fazer muito bem é domesticar. Por que o mal precisa ser revestido de “bem maior social” para ser aceito? E por que o conflito ou outras instâncias podem usar esta roupagem, mas a sexualidade não? Ela ainda é má “por natureza”, talvez o jeito no passado de transmutá-la em bem, com a procriação, hoje encontre

⁵² Para uma discussão acerca da construção da verdade por meio do tempo cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

⁵³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OIB4qBnnu44>. [Acesso em 19/01/2016.]

⁵⁴ MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Simmel*. São Paulo, Ática, 1983.

lugar na normatividade ou, quando foge dela, na *toda forma de amor*, mas por si só, seu exercício ainda é a figura do mal, ele ainda não está autorizado.

Segundo Vainfas (1986)⁵⁵, dentro da moral cristã, outrora nem o casamento era considerado autorizado, ele era mais visto como um mal necessário, ou o remédio para a inevitabilidade das relações sexuais entre homens e mulheres, que não podiam se conter. O casamento era visto como um tipo de escravidão e submissão carnal a outrem, porém ele “legalizava” o pecado da não castidade, ela era o único meio de se atingir a verdade e elevação da alma, e a única forma de amenizar sua ausência era viabilizar a vivência da sexualidade, ao menos, pelos meios legais.

Disse Rodrigues (2014)⁵⁶ que uma “das tarefas mais interessantes – e perversas – da sociologia é sua capacidade em desmascarar a naturalização das relações sociais” e aqui estendo a tarefa para a observação e análise dos discursos em circulação; a normatividade do sexo oral outrora parafilico, a maldição do casamento convertida em sacramento ilustram essa tarefa perversa atividade de desnaturalização. É com esta frase que o autor inicia sua dissertação acerca dos discursos sobre a pedofilia. O assunto, saindo do campo de moralidade e tendo atingido o criminal, ganha outros ares. Porém, considerando uma maneira bem estruturalista de raciocínio, o grande problema tanto dela quanto da zoofilia é a culturalização de que crianças e animais são puros e assexuados, afinal, ser puro e assexuado é *bom*, é o que acontece quando você ainda não sofreu os ditames da cultura má e opressora, como se os desejos sexuais não fossem biológicos.

BDSM não se relaciona com pedofilia, nem com zoofilia ou com necrofilia, que são as parafilias que aqui chamo de três maldições imperdoáveis. Elas não são práticas catalogadas, atinentes a ele ou tampouco louvadas pelos seus praticantes, afinal, BDSM é assimetria de poder *cedido* em acordos, e tanto a zoofilia quanto a necrofilia e a pedofilia são práticas de exercício unilateral de poder, nos três casos lidamos com um lado considerado incapaz de escolher ou discernir sobre o ato sexual, o que impossibilita que qualquer uma dessas práticas incorra em uma relação D/s. Porém, como dentro do BDSM, há práticas que suscitam associação errônea e confusa com elas, abro uma seção para discorrer sobre elas enquanto tais e sobre as práticas que comumente são a elas associadas. São elas *age play*, *pet play* e a mumificação.

⁵⁵ VAINFAS, Ronaldo. *Sexo, amor e desejo no Ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

⁵⁶ RODRIGUES, Herbert. *A pedofilia e suas narrativas – uma genealogia do processo de criminalização da pedofilia no Brasil*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. [Editado por mim, a meu convite]

A prática de *age play* em nada se relaciona com a pedofilia, a prática é realizada com adultos que se vestem e agem como se tivessem outras idades, como idosos, crianças ou adolescentes. As feministas vão gritar que é cultura do estupro, mas quem nunca fantasiou com a colegial de maria-chiquinha que atire a primeira pedra. Há acusações errôneas de pedofilia pela infantilização que alguns praticantes fazem nos trejeitos, jeito de se vestir e falar em sessões envolvendo *age play*, mas são adultos que estão ali, muitas vezes envolvendo situações incestuosas nas simulações. Não é o ser, é o parecer, simular relações de parentesco e altas diferenças de diferenças de idade, por que essa máscara socialmente se constrói como um uso do real? Fingir ser se associa como um gosto real por crianças, por quê?

A *pet play*, erroneamente acusada de gostos reprimidos por zoofilia é quando o submisso ou escravo simula ser um animal de estimação, com uso de coleira, comendo em potes, agindo como se fosse adestrado, urinando em lugares previamente impensáveis. Para os praticantes, eles colocam como se a prática envolvesse mais a questão do cuidado – “cuidar como se cuida de um animal indefeso” – e menos uma associação com a sexualização ou o uso de animais para fins sexuais. Dentro da *pet play* há uma forma mais específica que é a *pony play*, ou simulação de “pôneis” em que o submisso além de tratado como um “cavalinho” pode ser submetido a corrida de pôneis humanos que alguns grupos realizam.

A mumificação, finalmente, é prática erroneamente associada à necrofilia. Até existem práticas que simulam um vilipêndio de cadáveres – o *bottom* finge estar morto na cena – porém menos conhecidas, a mumificação é mais falada como prática “necrófila” por ser um pouco mais famosa e acessível aos leigos, afinal, quando se leem relatos de morte por práticas relacionadas ao BDSM, logo depois da asfixia, é a mumificação que está lá – geralmente a morte durante a mumificação também é por anafilaxia, porém ela não trabalha com a asfixia diretamente, ela é decorrente dos materiais e meios de imobilização. Prática tênue entre a linha da vida e da morte e que simula sexo com um defunto.

Mas me parece que o interesse da mumificação se dê mais pela imobilização, até porque o escravo está vivo, não dá para ter acesso ao que ele “sentiria” se estivesse morto. Não sentiria, a menos se considerarmos as perspectivas que consideram uma vida após a morte. Sentiria na alma? Eis o cerne da questão, a necrofilia incomoda tanto porque somos religiosos. Pensamos em um além, em um depois, isso se reflete nos ritos de passagem, na inadaptabilidade do homem à “passagem”. Passagem. Não é o fim se é uma passagem.

Morin (1997) fala sobre o acompanhamento da morte com ritos como uma crença – ainda que de forma inconsciente ou naturalizada – em algum tipo de vida após a morte, o

próprio ato de sepultamento já demonstra isso para o autor, “não existe nenhum grupo arcaico, por mais primitivo que seja, que abandone seus mortos ou os abandone sem ritos”.⁵⁷

O cerne da questão no que chamo aqui de “três maldições imperdoáveis” é a *autorização*, e o seu repúdio tão grande talvez reflita a imagem do sexo, totalmente enraizada em uma visão fálica, como de uma violação, “o amor tem jardim, cerca, projeto. O sexo invade tudo isso [...] sexo é invasão de domicílio”⁵⁸, até quando se tentar “falar bem”, a imagem de violação se faz presente, se o sexo é inevitavelmente violador, invasivo e opressor, o mínimo que se pode exigir para isso é o consentimento.

Fora a questão da autorização, a fêmea está preparada para o sexo após a menarca, a cópula entre espécies diferentes é verificada no meio animal – e em ambas as situações pode haver desejo sexual – e o apego à matéria retratado na criminalização da necrofilia vem de um construto religioso, um cuidado com o corpo que é templo e deve ser preservado para o próximo plano, seja ele qual for. Onde mesmo está o mal *natural* associado a essas práticas? Talvez seja só o mesmo choque que já reparara Levi-Strauss (2009)⁵⁹ sobre a proibição do incesto vir de um costume primitivo de que se deveria compartilhar o seu com o outro e não utilizar o próprio. Moralmente, não parece haver grande problema neste caso, desde Adão e Eva, somos todos filhos de incesto, e isso é inclusive religiosamente aceito, onde reside toda a base de nossa moral. Não há necessidade de alarde.

1.3 Sexualidade integral

Falar em sexualidade não necessariamente suscita falar sobre o ato sexual, e isso o BDSM reflete muito bem, seja por suas práticas que não incluem contato sexual, seja por seus desdobramentos na assimetria das relações de poder se debruçarem pelos mais diversos âmbitos da vida de um sujeito. Porém sexualidade fala de sexo, ou pelo menos, de como lidamos e nos relacionamos com ele.

A partir da observação do sexo e da sexualidade no contexto BDSM, duas possíveis hipóteses se colocam e elas são complementares, ambas se imbricam, talvez refletindo perspectivas diferentes do mesmo. A primeira é que a sexualidade vai além do sexo se

⁵⁷ MORIN, Edgar. *Op. Cit.*

⁵⁸ Trecho de “Amor é prosa, sexo é poesia”, famoso livro de crônicas de Jabor, posteriormente musicado por Rita Lee em “Amor e sexo”. Cf. JABOR, Arnaldo. *Amor é prosa, sexo é poesia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

⁵⁹ LEVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

manifestando em diversas – arrisco dizer todas as – outras áreas e a segunda é que, no final das contas, tudo é de alguma maneira sexual, ainda que esse sexual seja sublimado e/ou sob a forma de uma pulsão, a gosto de Freud.

Não é que o sexo esteja excluído ou não seja o mote específico de relações D/s mais extremas, como as calcadas no EPE ou até no TPE, mas o ato sexual em si acaba ocupando um papel secundário em sua potência, se considerarmos, por exemplo, que os aspectos de cessão de poder se relacionam a atividades diversas do cotidiano e que se manifestam em âmbitos de controle inusitados, como a respeito do ciclo social, da decisão por escolha de roupas, alimentos e afins, assim, frente a todas essas atividades, o ato sexual é apenas uma única atividade.

Por outro lado, atos aparentemente corriqueiros do cotidiano, por mexerem com fantasias específicas de algumas pessoas, acabam suscitando desejo sexual – como realização de faxina para certos submissos, o recebimento de ordens abusivas de alguns chefes e até algumas ofensas. Fora do âmbito sexual, ao suscitarem o desejo, automaticamente são transpostas ou pelo menos dialogam com o sexo e a sexualidade, se inscrevendo dentro dele.

A sexualidade é difusa e, embora a contraparte física seja forte – o desejo sexual é biológico e o sexo é uma necessidade fisiológica –, ela se desenvolve fortemente em termos psicológicos – o próprio BDSM é um pesado argumento a esse favor –, tornando difícil negarmos seu atravessamento em questões cotidianas, questões outras que lhe escapam e que, aparentemente, em nada se relacionam com ela. Este atravessamento, baseado nas duas hipóteses que levanto no começo desta seção ilustram o que defendo como sexualidade integral. Não integral em si, posto que integralidade compreenderia categorias estáticas e ela é processual, mas integral por permear âmbitos que de maneira imediata não lhe dizem respeito.

Sexualidade não é exercício da prática sexual, mas a simbologia que a atravessa, assim como, inevitavelmente e ainda que de maneira inconsciente, atravessa os outros domínios da existência, nada refletiria isso tão bem quanto o BDSM, quando entendemos que mais do que suas práticas ele é assimetria de poder, relações de poder que por elas circulam e seus desdobramentos nos desejos – em múltiplos sentidos – e, em consequência, no campo sexual.

Em paralelo com a vivência da sexualidade no BDSM, outro argumento a favor da hipótese de uma “sexualidade integral”, que é experienciada e experimentada em âmbitos diversos da vida de um indivíduo é a própria ideia, já discutida nesta dissertação, de o que se faz entre quatro paredes está modulando o que o “verdadeiro eu” representa. O que o eu faz com sua sexualidade no *escuro* de seu quarto, no lado B, na vida dupla, naquela parte em que ninguém mais pode ter acesso, ali é o reduto do real. Talvez por isso a sexualidade exposta

seja tão atraente/repulsiva e inaceitável, a dos strippers, prostitutas, atores pornô, e, especialmente, dos *BDSMers*, ainda que não a exibam, mas carregam a mancha do sexo desviante, da sexualidade exposta, da ferida aberta do eu.

2 A ESSENCIALIZAÇÃO DO ETOS

Compreendido aqui como relações com assimetria de poder, o BDSM é um *hole playing*. Com a palavra *play* em sua definição, isso significa que o BDSM é um jogo e, dessa forma, uma simulação do real. Não só na definição, mas também na vasta quantidade de práticas que levam o título de *plays*: *pet play*, *age play*, *needle play* etc. Assim, em sua própria definição com a ideia da simulação embutida, uma sessão de BDSM também pode ser chamada de cena, que, segundo Bechara (2009)⁶⁰, “é cada situação ou passagem de peça, telenovela, filme, romance, etc.”, ou seja algo relacionado ao ficcional.

Esta definição na seara do ficcional significa, também, que no BDSM seus participantes interpretam *papéis*. As posições ou papéis no BDSM, como dito, são as de *Top*, *bottom* e SW⁶¹, este último, a essencialização da ideia de papéis. *Top* é aquele que domina e, a princípio, comanda uma cena, enquanto o *bottom* é o submisso que segue suas ordens, submetido a seus desmandos. O SW, ou switcher, é aquele que oscila, ora pode assumir o papel de *Top*, ora de sub, inclusive dentro de uma mesma cena, desde que seu parceiro de cena seja também SW ou haja pelo menos um *Top* e um sub participando da sessão.

Conforme discutido até aqui, é muito tênue a linha que define quem tem o controle de uma cena, há divergências entre vários praticantes e linhas de pensamento. Assim, pensamos aqui para fins deste estudo nas autodefinições com que nos deparamos para estes papéis, construídas por meio de roupas, posturas, hábitos, práticas, mas, principalmente, no discurso, não só pelo autotítulo, mas pela própria forma de os praticantes se relacionarem e conversarem sobre esses papéis que exercem. Ou seja, é a imagem construída que aqui usamos para definir esses papéis.

Em um processo interativo, o discurso pressupõe a imagem dos envolvidos, ao construir as impressões de si que formam a cena comunicativa. Dessa forma, tal qual o BDSM, o processo discursivo é também um jogo, em que seus participantes forjam e, por meio da enunciação, sustentam imagens de si a todo o tempo, imagens essas que, no caso do BDSM, podem pretender ser fixas – como os papéis de *Top* e *bottom* – ou marcadamente fluidas, como no caso dos SW. Essas produções de sentido sobre uma autoimagem, em

⁶⁰ BECHARA, Evanildo. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

⁶¹ Há ramificações para os papéis. Assim, um *Top* pode ser um Dominador (no caso da mulher Domme, Dominatrix ou Prodomme – as profissionais), ou um Mestre, por exemplo, aquele que mentora um iniciante, ensina práticas ou produz acessórios; assim como um *bottom* pode ser um sub – denominação genérica –, um escravo – geralmente submetido à Dominação integral – ou até um *brat*, discutido mais à frente, o submisso que gosta do jogo de poder.

análise do discurso, pode ser compreendida com o conceito de etos, de Maingueneau (2005).⁶²

Para este autor, ao se manifestar como unidades verbais que juntas compõem o tecido discursivo, o texto se torna um objeto discursivo. O discurso é, assim, esse elemento que costura a materialidade linguística e tudo o que lhe é *a priori* exterior, tecendo os sentidos entre os sujeitos, a sociedade e a ideologia. Assim, para pensar em uma prática discursiva que culmine no conceito de etos aqui apresentado, a articulação entre o discurso e suas condições de produção é condição *sine qua non*.

Dessa forma, o etos não se restringe aos textos escritos, deixando se entrever também nos textos orais, ao que ele se prende, na verdade, é ao discurso, em que as marcas linguísticas retratam as imagens de si feitas pelo enunciador. Considerando que todo discurso é interação, ele carrega também as marcas do coenunciador, que, além de interagir na situação discursiva, é responsável por essa modulação do enunciador, que adapta seu tom e vocabulário conforme o contexto e seu *parceiro de cena* comunicativa, para usar uma terminologia do BDSM.

Dessa forma, vemos que o etos não é elemento integrante do enunciado, mas da enunciação, ou seja, ele é do sujeito construído e posicionado no discurso, e, portanto, uma imagem, sendo, assim, uma espécie de autor discursivo. São essas construções, ainda que variáveis pelo seu caráter situacional, que marcam, em suas interações, as subjetividades do ser social.

Considerando o etos como essa característica situacional, há aqui uma relação possível com a ideia do enunciado performativo, no sentido dos atos de fala preconizados por Austin (1965).⁶³ Segundo o autor, os atos performativos são aqueles que, por meio da enunciação, criam realidades. Além da própria construção do etos, um exemplo mais palpável é a adição de pessoas como amigas no *Facebook*, o que passa a configurar uma rede social de interação, ainda que não tenha materialidade no mundo físico.

Ao formar essa rede, adicionando praticantes de BDSM no *Facebook* ou no aplicativo *WhatsApp*, havia uma constante: fotos cortadas. Apenas uma pequena parte do rosto à mostra, fotos de corpos com a cabeça cortada, ou até fotos de paisagem desvinculando a “representação do eu” dali – ou a referenciando? –; de qualquer forma, o que havia era um fragmento.

⁶² MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

⁶³ AUSTIN, John L. *How to do Things with words*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1965.

Pensando ainda no enunciado performativo de Austin, até que ponto o fragmento da imagem se relacionaria com a questão da fragmentação da subjetividade e instaura um enunciado de mistério, delimitação e parcialidade? Fragmentação seja ela pela experientiação de padrões fixos de identidades, colocados em oposição, convergidos, seja ela pela quebra adaptacional do eu às diversas exigências sociais.

Eu levo vida dupla, as pessoas não sabem que sou sub/escravo. Faço tudo escondido... Não dá pra dizer o que faço, vão me achar louco... E olha que nem curto dor. Conhece a festa V de Viadão? É uma festa LGBT⁶⁴ que rola em Copa. Tem uma Domme bi que frequenta e me leva às vezes, fui duas vezes com ela, é uma humilhação criativa a dela. Eu vou na festa com ela, de coleira. Ela me pendura uma placa: R\$2 o minuto. Ela me oferta a outros gays lá e ganha grana pra beber. É um tormento, mas não sei por quê, super me dá tesão. Tipo... Eu falo com uma amiga que eu sei que é um pouco liberal e tal... E acaba sendo vantajoso, porque eu faço faxina, passo roupa... E peço pra me humilhar em troca, eu gosto da humilhação... Tem uma que eu faço trabalhos da faculdade e em troca ela me humilha. Essas trocas eu faço com as que não necessariamente curtem humilhar. Mas há quem curta pura e simplesmente humilhar homens e eu me encontro com essas também. Meu problema maior é que eu sou um sub incompleto, porque eu não sou masoca⁶⁵ e elas curtem bater também. Dommies preferem mais bater do que humilhar. Já fui obrigado a ficar com homens... E eu sou hétero. Mas se a Domme quiser, eu faço coisas com homens... Mas ela de intermediária. Não fico com Dom. Geralmente o outro é sempre um outro sub também.

Conheci o Errico pelo *Facebook*, ele me adicionou por ver amigos em comum do meio BDSM e sua abordagem foi direta, me perguntando se eu era uma Domme. Expliquei que tinha amigos em comum em função da pesquisa que estava fazendo, mas que não era praticante. Ele se interessou pelo trabalho e se dispôs a me ajudar, apresentando pessoas, conversando comigo sobre suas experiências no meio e se dispondo, inclusive, a fazer uma sessão pública com alguma Domme para que eu pudesse assistir.

O trecho acima foi transcrito integralmente a partir de uma das conversas que tivemos e ilustra uma parte de sua experiência de mais de dez anos levando vida dupla, no mundo baunilha e como sub. O sonho dele é ser *cuckold*⁶⁶, porém, até o momento em que conversamos, ele só tivera namoradas baunilha e que discordavam dos fetiches propostos por ele, e essa prática só é possível dentro de um relacionamento, não se configura legítima em sessões, já que não há vínculo de relacionamento estável. Errico é um dos praticantes que ilustram o perfil da *vida dupla*, o que, no meio, se opõe ao chamado 24/7.

⁶⁴ Esta foi a sigla utilizada por Errico nesta conversa, porém a sigla mais aceita no meio atualmente é LGBTTQIA[PK], abrangendo lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queergender*, intersexuais e assexuais, os opcionais PK abrangem pansexuais e diversas não identificações com o binarismo de gênero.

⁶⁵ Gíria no meio para masoquista, quem gosta de sentir dor, sendo uma redução de masoquista. Ser masoquista não está necessariamente associado a gostar de ser submisso/escravo/dominado, e é aceito no meio – porém gerando controvérsias – *Tops* masocas.

⁶⁶ De maneira grosseira, em definição do próprio, “corno manso”.

Ainda dentro de uma pretensa construção de imagem fixa, como o caso dos *Tops* e subs que são exclusivos dessa posição, essas imagens são situacionais e dadas pelo contexto, algo que torna isso explícito no BDSM é o conceito de 24/7 e vida dupla.

Façamos uma pequena digressão. O 24/7 – 24 horas por dia, sete dias por semana – é a vivência do BDSM em tempo integral. Mas como assim vivenciá-lo em tempo integral? Então isso significa sair vestido com roupas de látex, botas gigantes de couro e chicote em punho e querer subjugar o seu chefe, por exemplo, ou se submeter a qualquer ordem dele? Não, é claro que não.

Assim como a intimidade sexual de quem é baunilha é preservada para os momentos socialmente definidos como adequados, os praticantes de BDSM fazem o mesmo, apesar de sua sexualidade ser considerada *desviante*, isso não a faz ser exposta. Então o que é mesmo o 24/7?

Vivenciar o BDSM 24 horas por dia e sete dias por semana não significa que o praticante de BDSM sai por aí tornando toda a sua rotina BDSM e/ou sexualizada, significa, na verdade, que os únicos relacionamentos em que ele se envolve são BDSM, e vamos entender “relacionamentos” aqui também como sexo casual, ou, para usarmos a terminologia BDSM, as sessões.

Alguém que não viva o BDSM 24/7 tem relacionamentos tanto BDSM quanto baunilha e, muitas das vezes e mais comum, os dois em simultâneo, o que no meio é descrito como exatamente a tal da *vida dupla*. Sabe aquele patriarca que usa suspensório e faz a piada do pavê? Aquele mesmo, que tem aquele casamento sólido e duradouro, referência na família tradicional?

Então, nas “escapadas” que ele dá, nessas mesmo que o senso comum julga que ele transa com a secretária numa cena bem lasciva na mesa do seu escritório, na verdade, o que acontece é que ele fica de quatro, encoleirado por uma Domme que o coloca para comer comida mastigada e pisada em um potinho de ração, enquanto faz inversão⁶⁷ nele.

É exatamente isso o que a vida dupla é, uma vivência tanto de relacionamentos baunilha (geralmente, o principal, como chamaríamos, “de fachada”, socialmente aceito) quanto de relacionamentos BDSM.

O oposto da vida dupla, então, é o 24/7. Já nesse caso, desse seu tio aí da piada do pavê, se em vez de uma vida dupla, o que ele vive é um 24/7, se você o visse sem camisa,

⁶⁷ A prática de inversão foi discutida em pormenores no Capítulo 1, ela consiste na mulher penetrar o homem com próteses propícias para isso, seu nome deriva da ideia de que tradicionalmente o homem é quem penetra e a mulher que deve ser o receptáculo.

descobriria todos os roxos que a sua tia, que você não sabia, mas é uma Domme, deixou nele após uma sessão *spanking*. É por isso que ele vive de cachecol e camisa social mesmo no calor, agora esse mistério está resolvido.

A maioria dos subs que vivem uma relação 24/7 pode levar algum indicativo disso em seu visual em tempo integral (mesmo no trabalho, por exemplo). Queremos dizer com isso que, geralmente, os subs usam o tempo todo sua coleira ou seu anel de Dominação⁶⁸, mas dificilmente alguém que não é do meio saberá o que isso significa, até porque, nesses casos, para o dia a dia, eles usam um acessório discreto, geralmente uma coleira (como uma gargantilha fina) ou um anel de metal ou material análogo, e guardam esse acessório que você os imaginou usando, cheio de spikes, couro e correntes, exclusivamente para a sua intimidade. Mais uma composição daquele etos, discutido anteriormente.

Essas ideias de vida dupla e 24/7, como colocadas a respeito dessas posturas de vivências, dialogam com o esquecimento que coloca o sujeito na origem de seu dizer, este esquecimento rompe com a ideia de identidade porque o sujeito não está pronto, ele é processual, só ganha efeito de unidade quando ele produz sentido, ao dizer e/ou se colocar em algum lugar de fala, tornando a ideia de identidade integral uma falácia.

Assim, para que o sujeito se constitua em unidade, uma utopia desejada pelas imposições da normatividade social, precisa basear esta ideia de unidade no que os trâmites sociais, em dada conjuntura sócio-histórica, dizem ser compatíveis ou não para formar esta totalidade. Daí a separação em instâncias, afinal, ainda é incompatível ser uma "pessoa de bem" com preferências sexuais desviantes, o que, por um lado, institui a ideia de vida dupla e a torna algo naturalizado de se dizer.

Além disso, a noção de vida dupla aparece relacionada à convivência com pessoas as quais não têm um conhecimento “integral” sobre a vida de alguém. Não expor cada recôndito de si em todos os lugares, ou pelo menos nos lugares ou instituições valorados como importantes – como a família – se mostra uma espécie de duplicador da existência, sugerindo uma falaciosa e reducionista ideia de unicidade e, portanto, de essência, que busca uma “coerência normativa” nos modos de ser experienciados por um indivíduo. É um pensamento bastante estanque e fragmentado da subjetividade – o diferente não pode promover “integralidade”? – e bastante fixado, também, no outro, no *quantum* de conhecimento o outro possui acerca do eu para legitimá-lo enquanto sujeito.

⁶⁸ Embora tanto a coleira quanto o anel de Dominação estejam associados ao BDSM de caráter mais litúrgico, eles podem ser usados fora desses contextos, como a aliança nos relacionamentos baunilha, para representar o compromisso e indicar os papéis desenvolvidos dentro do BDSM – de *Top* e de *bottom*.

Na fala de Errico há ainda mais um ponto que nos remete ao etos: o estereótipo, problemático pelo seu caráter taxativo e excludente, reducionista, inclusive, quando o ser humano é um mar de complexidades. Ele fala sobre se relacionar com homens e ser hétero, um modo de ser aparentemente contraditório.... Os estereótipos são a base do esquema de representação do etos, a partir dele o coenunciador faz uso das representações culturais fixas, ou seja, de um arcabouço já previamente construído que permite a atribuição de características ao enunciador, é aquilo que faz Errico, prevendo os estereótipos que trago, se dizer hétero, *apesar* de se envolver também com homens.

É o estereótipo o culpado. Ele pode levar a pensar – em um etos coletivo – que homens héteros não podem dar nenhuma “escapada”, ou toda a virilidade é perdida, ou ainda constrói um sentido para a heterossexualidade na casualidade e na exclusão: quanto ao primeiro, ser hétero não é se envolver afetivamente com mulheres, mas sexualmente, quanto ao segundo, ser hétero não é sequer se envolver com mulheres, mas o negativo, não se envolver de maneira alguma com homens.

Conforme Maingueneau e Charadeau (2008)⁶⁹, estereótipos são estáticos, representam imagens fixas que criam as relações entre os indivíduos e o real, em um círculo vicioso, buscam as constantes que corroboram as imagens já dadas no senso coletivo.

Mas estereótipos são inevitáveis, além de fornecerem uma visão simplificada do mundo, eles vêm de um pressuposto, um enunciado já construído em circulação. Dessa forma, se relacionam parcialmente com a ideia de dialogismo de Bakhtin, de que tudo o que é dito é resposta. Assim, todas as imagens construídas são também respostas, em suas confirmações, em suas rupturas.

Associando o etos a esse caráter dialógico, tudo o que é dito é performance: resposta a fala de um personagem que não necessariamente está fisicamente presente na situação comunicacional, mas que, por meio dos discursos, se presentifica. Ao assumir um lugar de fala, o enunciador se inscreve nessa posição de resposta e sua atitude, desta forma, se torna uma performance, já que, independentemente do quanto aquela fala e aquela imagem construída se ligue ao mundo físico, sua enunciação visa, por meio do etos, convencer o coenunciador de sua autoridade no que fala, através de seu caráter performático, ou seja, da criação de *cenas*.

⁶⁹ CHARAUDEAU, P. e MAIGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

3 A METAENUNCIACÃO OU O MISE EN ABÎME DISCURSIVO

“Dommes preferem mais bater do que humilhar. Já fui obrigado a ficar com homens... E eu sou hétero. Mas se a Domme quiser, eu faço coisas com homens... Mas ela de intermediária. Não fico com Dom. Geralmente o outro é sempre um outro sub também.” Assim Errico finaliza sua fala, em nossa conversa.

A sutileza das relações mudas e acordos tácitos que perpassam os discursos escutados nos eventos liberais exprime uma ideia de interação que inclui enunciadores – no sentido de Ducrot (1987)⁷⁰ – que não estão presentes naquele contexto imediato, mas que são recuperados pelos locutores (idem), e que também deixam transparecer suas filiações – no sentido de Maingueneau (1997)⁷¹ discutido no capítulo anterior – que, apesar de também não estarem material ou conscientemente presentes, se presentificam como vozes dissonantes nas falas desses locutores.

Para Maingueneau (2005), os discursos são “integralmente linguísticos e integralmente históricos”⁷². Nesse sentido, os discursos são sócio-historicamente situados. Ora, quanto de língua não há na História e quanto de História não há na língua? Se é o ponto de vista que cria o objeto, em que medida a história confere materialidade à língua e a língua confere maleabilidade à história, desestabilizando as noções de real?

Em “O dizer e o dito”⁷³, Ducrot (1987) trabalha com os conceitos de locutor L, locutor λ e enunciador. A categoria do enunciador diz respeito às perspectivas narrativas, ou seja, ele é o responsável por cada filiação discursiva presente no texto. O locutor dá voz a esse(s) enunciador(es), sendo o responsável pela fala material. No discurso direto, *e.g.*, há mais de um locutor. Esse tipo de construção é a iniciativa de transformar os enunciadores em locutores e/ou de explicitá-los, de forma a legitimar sua fala e/ou garantir afastamento. Conforme essas categorias de análise, na imagem anteriormente exposta estão presentes um locutor e dois enunciadores.

⁷⁰ DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

⁷¹ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

⁷² MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

⁷³ DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

O locutor L é a materialidade do discurso – ou a forma –, já o locutor λ é a materialidade no mundo – substância. Utilizando a frase com que comecei esta seção para explicitar essas categorias, temos:

“Dommes preferem mais bater do que humilhar. Já fui obrigado a ficar com homens... E eu sou hétero.”

I – Um locutor λ que realiza o ato sexual no mundo.

II – Um único locutor L que dá voz a diferentes enunciadores.

III – Um enunciador i que se identifica com “Já fui obrigado a ficar com homens”.

IV – Um enunciador ii que se identifica com “E eu sou hétero”.

O “e” na fala de Errico que introduz a sentença “E eu sou hétero” não é uma conjunção aditiva, mas adquire sentido equivalente ao “mas”, de conjunção adversativa⁷⁴. À parte a discussão gramatical sobre esta particularidade do “e”, aqui consideramos a oposição justamente com base nos estereótipos discutidos anteriormente: um homem hétero não se relaciona sexual ou afetivamente com outros homens.

Portar implícitos e conferir um reforço semântico à unidade que introduz é característica do “mas”, nesta fala transposto para o “e”. Dessa forma, o locutor L se identifica com o enunciador ii, “sou hétero” já que não reforçaria a unidade contendo a opinião oposta à sua. O enunciador i possui um implícito de que o convencional seria um homem hétero não ficar com homens, enquanto a unidade introduzida por “e” promove sua ruptura. Ser hétero é incompatível com a primeira unidade, portanto há um outro enunciador instaurando uma nova visão narrativa, com a qual o locutor L entra em consenso.

A própria voz passiva da frase reforça esse posicionamento, ao lado do verbo que carrega a semântica de oposição. “Fui obrigado” reflete o suposto distanciamento entre locutor e enunciador, que não age, mas sofre a ação, sendo direcionado, por meio do contexto de Dominação do BDSM a tal ato que, a princípio (“sou hétero”), não ocorreria.

Corroborando as ideias de Maingueneau de que os gêneros do discurso, de maneira ampla, são macroatos de linguagem, perpassados pelos valores do coletivo, essa pequena frase ainda permite outras leituras, em diálogo com os conceitos apresentados de Ducrot. Fora do contexto BDSM, há incompatibilidade entre os enunciadores i e ii, incompatibilidade esta que

⁷⁴ Azeredo discorda da ideia do “e” como conjunção adversativa, para ele, ainda que o sentido possa flutuar, o “e” é sempre adição. Não cabe neste trabalho uma discussão ostensiva sobre esta questão, que foge da alçada do tema, portanto, aqui, coloco a questão voltada apenas para seus propósitos discursivos e enunciativos que, conforme discussão no decorrer do capítulo, compreende esse “e” como um construtor de sentidos de oposição. Considerações de Azeredo acerca das conjunções escutadas em aula ministrada na UERJ em maio de 2015.

é reforçada pelo uso do “e” como recurso linguístico. Porém, dentro da ética e da moral específicas do contexto do BDSM, a ideia de um homem hétero se relacionar sexualmente com outro homem é autorizada, por meio de suas práticas de submissão e humilhação.

Conforme discutido no capítulo 1, considerar um homem hétero se relacionar com outro humilhação levanta mais uma questão: a humilhação dada pela quebra da virilidade. Se relacionar com alguém do mesmo sexo promove uma ruptura nessas imagens construídas por meio do etos.

O locutor L recusa valores próprios do contexto imediato, ou localizado – nos termos de Maingueneau – e reafirma os que lhes são alheios, com eles se identificando, já que julga e considera os atos do locutor λ incompatíveis. Não busco uma intencionalidade, ou consciência nessa fala, o que vejo é apenas, através dessa breve análise, uma adequação da fala do locutor L a uma moral outra em relação à do local em que fora produzida, arraigada em valores tradicionais não pertencentes ao BDSM, mas que, ao serem reforçados em seu ambiente, o atravessam, mostrando uma transversalidade nas relações humanas que se deixam entrever nos discursos.

Considerando essa articulação entre Ducrot e Maingueneau na análise da frase, a ideia de que ela possui apenas dois enunciadores passa a ser reducionista e falaciosa. Devemos pelo menos pensar, se for o caso de manter que são apenas dois enunciadores que se mostram, que também eles são múltiplos, ou que se ramificam. Em um contexto amplo, o enunciador ii que instaura uma oposição com os valores do senso comum e não com os valores do contexto imediato do suíngue não pode se restringir apenas à oposição formal dada pelo conector adversativo, já que ele, ao mesmo tempo em que fala do imediato, se desloca para além dele.

Em um contexto restrito, se abandonarmos esse deslocamento da oposição e pensarmos em possíveis efeitos de sentido dela dentro do contexto do BDSM, aqui também ela pode se ramificar, gerando novos enunciadores.

Esse dito sobre não sentir prazer ao se relacionar com um alguém do mesmo sexo pode ser motivo de humilhação, de alívio, de excitação etc.? Quais seriam os limites para cada uma dessas sensações? Não há acesso pleno às possibilidades que se desdobram da subjetivação humana. Nas lacunas do desejo, se torna simplista tentar determinar a quantidade de enunciadores presentes em uma frase como essa. Esboçamos possibilidades linguisticamente marcadas, ou reflexos de outros discursos; as perspectivas narrativas em sua totalidade, porém, são inacessíveis, não há descrição que possa exauri-las.

Estas possíveis leituras que expus da frase materializada pelo locutor L, ainda, coaduna com Bakhtin, no sentido de considerar que as palavras não são neutras, mas sempre

portam ideologias, uma das características de sua teoria dialógica, ao lado da responsividade. Ora, como é possível se fazer uma oposição na fala, se ela não se colocar em caráter responsivo em relação a enunciados anteriores? É exatamente a sua inserção nessa malha de enunciados que permite que suas relações internas ocorram; no caso específico analisado, a de oposição.

À luz da articulação crítica das ideias dos autores aqui expostos se faz o arcabouço teórico-metodológico da análise do discurso *stricto sensu* que utilizo para analisar a entrevista colhida durante esta pesquisa, objeto de análise do último capítulo, considerando, nesse diálogo, que toda enunciação é sempre uma metaenunciação ou um *mise en abîme* discursivo. Metaenunciação porque ao ser perpassada pelos valores que podem aparentar estar alheios ao contexto imediato, ela é sempre autorreferencial como nó dessa rede.

O *mise en abîme*, como representação da narrativa infinita, é essa espécie de boneca russa do discurso, às análises de cada camada, encontramos uma dentro da outra de maneira sempre reflexa e responsiva. Transversalidade atravessada por valores coletivos compõe a malha discursiva que se espelha e se desdobra nela e dela mesma. Uma dentro da outra, o olhar perdido no eterno abismo do sentido.

4 METODOLOGIA

Ainda que esta investigação tenha se colocado como um norteador para compreender os sentidos que circulam no meio BDSM acerca de Dominação e submissão, não seria possível, para fins deste estudo, realizar uma descrição maciça dos resultados observados e registrados referentes a cada praticante específico, explicitando a densa rede de sentidos produzida por suas relações no meio e no seio da sociedade baunilha. Desse modo, optei pela análise de três entrevistas, de dois Dominadores e de uma submissa que me pareceram genéricos, abrangentes e díspares entre si dentre as várias posturas assumidas.

Logo que conheci Rasputin, um Dom Sádico bastante relevante na cena carioca, ele me adicionou a um grupo no aplicativo *WhatsApp* com temática BDSM, composto apenas por pessoas do meio. Com estas pessoas mantive uma relação mais próxima e profunda de pesquisa, realizando entrevistas e conversas informais pessoalmente e pelo *Facebook*, individualmente e em grupo, em diversos dias paralelos aos eventos, em horários alheios aos destes, o que será detalhadamente explicitado na seção “instrumentos” deste capítulo.

Inicialmente, ainda focada no circuito de BDSM carioca, o campo de análise foi o evento “O Calabouço”, observando os eventos mensais, e procedendo às etapas metodológicas que aqui estou explicitando. Porém, também não poderia desconsiderar que em São Paulo há uma cena BDSM bastante forte e que alguns dos principais nomes do BDSM brasileiro estão lá, dessa maneira, fui a alguns eventos desse circuito, especialmente na boate Dominatrix, tradicional no meio; além de ter conversado com *Tops*, *bottons* e *SW* que atuam exclusivamente na cena paulistana.

Considero que essas especificidades – no sentido das singularidades que atualizam os jogos de forças coletivos – atuam nos processos de subjetivação, porém que essa atuação se manifesta independentemente do local em que se esteja, portanto, para fins deste estudo, ainda que eu tenha mencionado quais são essas especificações e peculiaridades – o que remete ao individual – dos diferentes locais em que estive, não realizei uma descrição maciça – que sequer caberia nesta pesquisa – do etos⁷⁵ de cada boate ou evento, até porque, ainda que tenha uma veia etnográfica e um interesse em identificar e analisar práticas, o foco deste estudo é

⁷⁵ Em toda a dissertação, utilizo o termo etos na acepção adaptada da retórica aristotélica para a Análise do Discurso por Maingueneau, como as posturas narrativas postas em discurso na cenografia enunciativa. MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

perceber sentidos de Dominação e submissão na materialidade linguística, considerando que o próprio tema BDSM por si já agrega forte caráter discursivo.

Não ignoro os componentes comportamental e político dados nas relações de poder, seja de exercício direto, seja de cessão, porém, para fins desta pesquisa, o que interessa é o componente discursivo, os sentidos localizados que circulam de maneira responsiva às memórias socio-historicamente construídas e em constante tensão, transmutados na materialidade verbal.

4.1 Instrumentos

Como dar conta do objeto humano? Essa pergunta me incomodou durante todo o planejamento pré-pesquisa, pensando em como elaborar maneiras de descrever e analisar subjetividades. Como articular uma metodologia que dê conta do múltiplo e constantemente mutável sem correr o risco de engessá-lo? Para suprir essa necessidade, encontrei no método cartográfico na realização de entrevistas proposto por Rocha, Daher e Sant'Anna (2008),⁷⁶ em articulação com o etnográfico, uma possibilidade de seguir os caminhos dessa pesquisa respeitando o máximo possível essas flutuações.

Porém, como realizar essa observação de processos e de relações de forças de maneira prática a fim de poder dar uma resposta acadêmica ao problema central da pesquisa? Foi a pergunta que se colocou em um segundo momento. Após diversas idas e vindas na teoria e na empiria, optei pela observação in loco com um caderno de campo e com a realização de entrevistas com alguns *BDSMers*.

O caderno de campo serviria para registrar no ato o máximo de fenômenos que, da minha perspectiva peculiar como pesquisadora, pudesse captar. As entrevistas serviriam para captar o que minha perspectiva como sujeito socio-historicamente situado me impediria de acessar de maneira isolada. Eu não pretendia com isso atingir objetividade alguma, minha intenção era apenas deixar que os fenômenos a mim se revelassem. As entrevistas se tornaram cruciais, ainda, pelo contato direto em contexto comunicacional com os modos de dizer (d)os sujeitos que este estudo descreve.

⁷⁶ ROCHA, Décio; DAHER, Maria Del Carmen; SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. *A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva*. Cuiabá: Polifonia/UFMT, n.8, 2008.

Portanto, por essas opções nestes caminhos metodológicos, como instrumentos de análise para este estudo, optando precipuamente por trabalhar em diálogo com a etnografia e a cartografia, utilizei um diário de campo, registrando as observações *in loco* dos eventos, sessões públicas e práticas e também meu cotidiano de pesquisa. Além dele, realizei entrevistas com todos os profissionais. Como a análise discursiva em si recaiu de maneira mais forte sobre as entrevistas, dedico a respeito dessa discussão a primeira parte desta seção.

4.1.1 Entrevista

Como já dito, as entrevistas foram realizadas com os *BDSMers* que encontrava nos eventos de BDSM do Rio de Janeiro. Além deles, entrevistei pessoas fora desse circuito, mas que tinham relevância no meio, ou por serem muito conhecidas, fundadoras de algum clube, de alguma prática, responsáveis por cunhar termos e siglas, ou por manterem os blogs mais famosos do meio.

Com a maioria dos praticantes realizei apenas a entrevista roteirizada, que exporei no final desta subseção, ou uma entrevista um pouco menos encaixada, mas nos moldes dela – devido às condições momentâneas do evento que nem sempre permitiam a entrevista formal; com outros – com uma minoria com que mantive um contato mais próximo – além da entrevista semiestruturada, conversei por diversas vezes, sempre fazendo os devidos registros, o que expus na seção “anexos” desta dissertação; mesma seção em que apresento o termo de consentimento de entrevista utilizado.

Especialmente com *Tops*, *bottons* e *SW* ativos na cena carioca, o foco de investigação, realizei diversas entrevistas e conversas informais, pessoalmente, através da rede social *Facebook*, telefone e até por meio do aplicativo *WhatsApp*, além de ter colocado em prática uma ideia dada pelo meu orientador de realizar entrevistas coletivas. Essas entrevistas coletivas me foram facilitadas devido a um grupo no *WhatsApp* que reúne alguns nomes bastante significativos no circuito carioca, o grupo já mantinha uma organização conforme os dias da semana, para entrevista de algum dos membros, discussão de temas polêmicos etc., não precisei sugerir, então apenas participei ativamente.

Todo o processo de preparação, coleta e análise de entrevistas teve seu norte teórico-metodológico nas considerações colocadas por ROCHA, DAHER e SANT’ANNA (2008), acerca da entrevista como gênero em si e que é entrecruzado por outros gêneros, não sendo

um instrumento que daria acesso a alguma verdade para o pesquisador, em uma visão clássica que “pressupõe, pois, uma visão de linguagem homogênea, monológica, transparente, de sentido monossêmico, segundo a qual o dito por um sujeito uno corresponde à representação de uma verdade”⁷⁷. Essa visão contraria a perspectiva bakhtiniana de dialogismo e responsividade com a qual coaduno, por isso entendo a entrevista como “o lugar no qual se constroem possíveis versões de realidade”⁷⁸ em seus contornos específicos, daí que a análise pode ser mais fértil em termos de forma do que de substância, ou da informação por assim dizer recolhida em situações de entrevista.

Tudo isto que caracteriza a entrevista como situação de enunciação é suficiente para justificar que algo de novo – e de irrepitível, como o pressupõe o próprio conceito de enunciação – se produza aí, por ocasião de sua realização. Diremos, deste modo, que a entrevista não é mera ferramenta de apropriação de saberes, representando, antes, um dispositivo de produção / captação de textos, isto é, um dispositivo que permite retomar/condensar várias situações de enunciação ocorridas em momentos anteriores (Rocha, Daher, Sant’Anna, 2008, p. 14).⁷⁹

Com isso, o trabalho do pesquisador é lidar com a entrevista como gênero e com os discursos que por meio dela são postos em circulação e a que ela responde. Afinal é outra característica da entrevista, ainda na esteira dos mesmo autores, retomar discursos e um pressuposto de que o entrevistado além de ser capaz de fazê-lo, já esteve anteriormente em contato com eles.

Nesse sentido, o acontecimento discursivo entrevista não pode ser reduzido à mera informação, mas a entrevista é colocada e analisada como esse ponto de tensão, responsivo e dialógico, atravessado por questões alheias a ela, como a formação da discussão a respeito da naturalização das imagens da sexualidade ainda relacionada ao regime noturno dos símbolos, como algo feito às sombras, conforme debatido no Capítulo 1.

A cartografia, método crítico de que este estudo principalmente se serviu, pesquisa a experiência porque é nesse plano que os processos se realizam, dessa forma, ao realizar entrevistas, entendo com Deleuze e Guattari que “é próprio à linguagem portar o acontecimento” (p. 99)⁸⁰ e que a entrevista não é um modo de retratar a experiência, mas ela é

⁷⁷ ROCHA, Décio; DAHER, Maria Del Carmen; SANT’ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. *Op. Cit.*

⁷⁸ Id. *Ibid.*

⁷⁹ ROCHA, Décio; DAHER, Maria Del Carmen; SANT’ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. *Op. Cit.*

⁸⁰ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v.2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. *apud* TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. “Pista da entrevista, A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer”. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

a experiência como tal. Diante dessas concepções aqui expostas que todo o processo de análise desses enunciados “irrepetíveis” e polifônicos se pautou.

4.1.1.1 Roteiro básico de entrevista

A entrevista padrão consistia, na verdade, na resposta a duas perguntas. Com a primeira pergunta, meu objetivo era identificar as imagens de si e do BDSM e, nessa imagem, os sentidos atribuídos à Dominação e à submissão e aos respectivos personagens responsáveis por exercer esses papéis, mote principal desta investigação. A primeira pergunta era: **“1 – Como você conheceu o BDSM, ingressou e se descobriu parte desse universo?”**.

Meu objetivo com a segunda era questionar o lugar do perverso e como os discursos atribuídos a ele circulam no meio BDSM, como se constroem as imagens do “estranho”, do “bizarro”, do sexo desviante, ilegítimo e até proibido. A pergunta era: **“2 – Conte-me o que já fez que considera pouco convencional, perigoso, ou algo que por algum motivo não devia ser dito em um almoço de família. O que nesse âmbito gostaria de fazer e não fez e o que não faria? Por quê?”**.

A imagem do “almoço de família” foi colocada propositalmente para jogar com as ideias da família como o reduto da *res sacra* pasteurizada e embalada a vácuo versus o sexo como o reduto das imagens do demoníaco, do proibido, do sujo. Ao mesmo tempo, a família é um tema bastante recorrente quando se trata de sexualidade desviante: “sua família sabe?”, até eu ouvi essa – mesmo por praticantes – quando explicava minha pesquisa.

E a questão da sexualidade no seio familiar suscita um interessante paradoxo, tematizado na velha história “da mulher da rua e da mulher de casa”: ao mesmo tempo em que sua existência é louvável e necessária, tematizada na figura do sexo como elevação – em casa, visando a procriação, limpo, esterilizado –, ela é condenada quando se trata do sexo como espírito baixo – o dos desejos.

Separei essas perguntas em dois grupos temáticos distintos para fins terminológicos, afinal qualquer análise impõe suas fronteiras, reduzindo os fatos, especialmente quando se trata de fatos humanos. Portanto, minha intenção com cada bloco não era captar uma espécie de verdade através das isotopias que uniam as perguntas, até mesmo porque, os sentidos circulam e, inevitavelmente, se misturam, mas, embasada no referencial teórico-metodológico

aqui exposto acerca das entrevistas, perceber as relações de força que seriam articuladas através desses temas.

4.1.2 Diário de campo

Como já mencionado, além das entrevistas, mantive um diário de campo durante toda a pesquisa, nos moldes da pesquisa etnográfica, um dos métodos que utilizei. Não exporei o diário de campo integralmente por alguns motivos, a sua vasta extensão, principalmente, me impede de fazê-lo, além disso, todas as informações que considerei relevantes já foram expostas no decorrer dos capítulos.

Há muitas informações que eu não poderia transcrever, ou por que exporiam desnecessariamente as pessoas ou por que as anotei para finalidades que não são imediatamente referentes aos objetivos desta dissertação, mas que me serviriam como dados acessórios à sua composição. Apenas a título de ilustração, transcrevo, abaixo, dois trechos do caderno, integralmente como eu originalmente os escrevi.

“Dia 28/04/2015

Conversei com pelo *Facebook* com um dos produtores da festa Segundas Intenções, na boate Corleone. Expliquei e enviei o projeto para ele, ele falou que eu estava totalmente liberada para ir aos eventos promovidos por eles e que conversaria com os produtores de quinta e sexta, que são amigos deles, para eu poder ir também.”

“Dia 06/05/2015

Entrei na Corleone por volta de 19h, encontrei o barman sem camisa limpando e organizando o bar. Até então, não sabia que ele era primo do proprietário – nem sabia que o gerente era filho dele, apesar de já o conhecê-lo. Me apresentei ao barman, falei da pesquisa e que havia falado com o Júnior, ele perguntou se eu queria conhecer os outros andares da boate, que eu não sabia, são 5 contando com o terraço. Nas festas das segundas-feiras somente os dois primeiros andares são abertos.”

5 PATOLOGIZAÇÃO DE SEXUALIDADES DESVIANTES: A ANÁLISE

A entrevista consistia, na verdade, na resposta a duas perguntas. A primeira objetivava identificar as imagens de si e do BDSM e seus respectivos papéis. Além das interpretações óbvias como nas práticas citadas de *age play* e *pet play*, por exemplo, o próprio posicionamento no meio como *Top*, *bottom* ou *SW* é uma interpretação, daí os encontros de BDSM serem chamados de sessões ou cenas, já que dialogam diretamente com os conceitos de *performance* do teatro, como discutido anteriormente.

Dentro desse quadro do posicionamento no BDSM, e a partir de definirmos um praticante como *Top*, *bottom*, ou *SW*, podemos atribuir sentidos à Dominação e à submissão, como a questão da troca ou controle do poder oscila entre esses atores e aos respectivos personagens responsáveis por exercer esses papéis, ou seja, que inscrevem o BDSM em um *jogo de poder*.

A segunda pergunta da entrevista objetivava questionar as imagens do “estranho”, do “bizarro” do “perverso” e do “perigo” nas práticas realizadas pelo próprio entrevistado com fazendo um levantamento das práticas que ele não faria e por quê, objetivando compreender como ocorre no meio a circulação da imagem do *perigoso*, já que, como vimos, o BDSM se ancora em diversos protocolos de segurança e, muitos deles, se baseiam na ideia de riscos assumidos e consentidos; da imagem do *errado*, pois o BDSM foi historicamente considerado um comportamento sexual desviante e, ainda hoje, mesmo já não sendo mais patologizado na literatura médica, suas práticas ainda são consideradas parafilias, ou seja, representam um comportamento sexual e afetivo atípico; e, por fim, da imagem da patologização das ditas perversões, ou das sexualidades desviantes, que dialoga diretamente com as imagens anteriores, tanto a do desviante quando ao do arriscado, que se relacionam.

As perguntas e as respostas dos 3 *BDSMers* que foram analisadas estão integralmente transcritas abaixo. São eles, a submissa Barbarella, o submisso masoquista Servo fiel e o Dominador Thor. A entrevista de Barbarella foi alvo principal de análise, enquanto as outras serviram como uma espécie de auxiliar a esta⁸¹.

1 – Como você conheceu o BDSM, ingressou e se descobriu parte desse universo?

⁸¹ Os textos integrais das entrevistas estão transcritos no Anexo I desta dissertação.

2 – Conte-me o que já fez que considera pouco convencional, perigoso, ou algo que por algum motivo não devia ser dito em um almoço de família. O que nesse âmbito gostaria de fazer e não fez e o que não faria? Por quê?

Barbarella – submissa

1 – Como você conheceu o BDSM, começou e se descobriu parte desse universo?

[...] Eu estava fazendo uma tatuagem e tinha uma menina aguardando com uma coleira linda. Eu perguntei onde ela comprou e ela me explicou que não era uma coleira qualquer, mas uma coleira de Dominação⁸². No início eu achei que ela estava de sacanagem com a minha cara, mas ela me chamou pra ir no Ernesto⁸³ conhecer um pessoal e a partir daí minha vida mudou completamente. Me descobri uma sub no sexo, totalmente oposto da minha personalidade, eu endosso bastante o clichê, né?! Dominadora na sociedade, submissa na cama. Se bem que às vezes sou meio brat⁸⁴.

2 – Conte-me o que já fez que considera pouco convencional, perigoso, ou algo que por algum motivo não devia ser dito em um almoço de família. O que nesse âmbito gostaria de fazer e não fez e o que não faria? Por quê?

O que fiz que talvez seja chocante até no meio é o sequestro seguido de *rape play*. [...] *Rape play* acho que é bem bizarro, né?! [...] Apesar de gostar muito de *spanking* eu nunca faria *donkey punch*⁸⁵, nenhum golpe desse tipo, isso é doentio, não faria nunca, não consigo nem ver onde entra o consenso aí, é violência.

Servo fiel – submisso masoquista

1 – Como você conheceu o BDSM, começou e se descobriu parte desse universo?

Conheci o BDSM no bate-papo do Uol, eu entrava nas salas que eu achava mais esquisitas, sempre me atraía por isso e descobri bem cedo. Eu perdi minha virgindade com um Dom

⁸² Coleiras ou anéis de Dominação são entregues pelo Dono/Dom/Senhor ao sub, em ato litúrgico ou não, como um símbolo da relação D/s. Pode haver outras joias, mas essas são as mais comuns para representar a relação.

⁸³ Bar do Ernesto, na Lapa, ponto de encontro de praticantes do BDSM no Rio de Janeiro.

⁸⁴ *Brat* é a denominação utilizada para o sub que mede forças com o Dominador, o submisso estilo brat não aceita a Dominação de início, tende a travar algum tipo de luta – simbólica ou material – com o *Top* para que ele o domine, no fim das contas.

⁸⁵ *Donkey punch*, comumente traduzido como “coice de mula”, é um dos golpes semiletais – como os outros, ele pode ser letal – mais conhecidos, sendo majoritariamente utilizado na prática de sexo anal, onde tem mais eficácia. Na posição de quatro, perto de atingir o orgasmo, o homem dá um soco na nuca de quem está sendo penetrado, isso causa um espasmo reto-vaginal forte e involuntário, o que potencializa o orgasmo. A prática aparece no filme homônimo, versionado para o português brasileiro como *Prazeres mortais*, que se desenrola a partir da morte de uma personagem em decorrência da prática.

Sádico e mesmo sem outras experiências eu sabia que era aquilo que eu queria pra mim. Eu sempre fui atrás de pessoas que me dominassem de verdade, nunca tive paciência com SW porque eles cansam, sabe como é? [...]

2 – Conte-me o que já fez que considera pouco convencional, perigoso, ou algo que por algum motivo não devia ser dito em um almoço de família. O que nesse âmbito gostaria de fazer e não fez e o que não faria? Por quê?

Tudo [risos], se as pessoas soubessem o que eu faço iam me achar louco. Uma vez eu passei quase um dia inteiro nu limpando o chão da casa de um Dom com a língua. A casa era enorme e eu não consegui terminar tudo e ele não deixava eu me masturbar enquanto isso, passei o dia de pau duro, sofrendo com aquilo, só de lembrar já fico. [...] Eu não faria banho romano, chuva marrom, essas coisas não me atraem, sou masoca e gosto de Dominação de verdade.

Thor – Dominador

1 – Como você conheceu o BDSM, começou e se descobriu parte desse universo?

Minha ex me disse que eu era um Dom. E depois analisando meus relacionamentos anteriores, vi que realmente era, talvez até tenha me relacionado com subs sem saber. Eu domino, querendo ou não, quando percebo, as pessoas já estão fazendo a minha vontade, eu sempre fui assim.

2 – Conte-me o que já fez que considera pouco convencional, perigoso, ou algo que por algum motivo não devia ser dito em um almoço de família. O que nesse âmbito gostaria de fazer e não fez e o que não faria? Por quê?

Almoço de família [risos]. Nada poderia ser dito, embora minha família seja “liberal”. Faço bastante *rape play*, *fisting* anal e vaginal⁸⁶, *tickling*⁸⁷ e mumificação, deixo a sub sozinha no quarto imobilizada por horas e gosto de defecar nela nesse estado, mas não sou coprofílico. Gostaria de ser dominado, só pra ver como é, mas nunca conheci uma mulher que realmente me despertasse essa vontade, é mais uma fantasia, mas eu tenho curiosidade sobre o “outro lado”⁸⁸ [risos]. [...]

⁸⁶ *Fisting fuck* consiste em inserir o punho nos canais vaginal e retal.

⁸⁷ Cócegas.

⁸⁸ Alusão a um já dito, “o outro lado do chicote” é um jargão comum no BDSM quando *Tops* falam a respeito dos *bottoms* e vice-versa. Aqui o chicote surge como uma alegoria das relações D/s mesmo que não contenham S/m e/ou o uso do chicote propriamente dito.

Barbarella, mesmo enquanto locutora única, projeta alguns enunciadores, antagônicos, inclusive, que se deixam entrever em sua fala. Enquanto há uma voz que recupera sentidos de liberdade e um possível “encontro do eu” proporcionado pelo BDSM, há marcas de outra, que quer a restrição por meio da figura do Dominador, marcando uma oscilação. Quando coloca “eu endosso bastante o clichê, né?! Dominadora na sociedade, submissa na cama”, ela recupera esta dualidade, mas, ao separar os âmbitos – sociedade e cama – a autoriza, diluindo o paradoxo.

Utilizando o dito popular, Barbarella recupera esse lugar de fala do social, por meio da ideia do clichê, também um estereótipo funcionando em prol da construção do etos. Assim, ela projeta, ainda, um diálogo com o *duplo*, já que ela domina no plano social, mais superficial, e é dominada no plano que fica às sombras e é atrelado à sexualidade, o recanto dos segredos do ego. Considerando que, para Bakhtin, o discurso é:

a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para nossos fins.⁸⁹

Ao dizer que essa ideia de inversão de papéis na sociedade e entre quatro paredes, além de dissociar a intimidade do social, como se fossem instâncias separadas, a fala de Barbarella condensa esses aspectos da vida concreta do discurso, trazendo o já dito de que é comum a intimidade estar em embate com as convenções sociais, por serem consideradas divergentes ou, no caso, opostas, e esta oposição é um paradoxo que se configura em um clichê, ou seja, um tipo de integridade concreta da língua em discurso.

Após essa construção da imagem autorizada entre a Dominação e a submissão, Barbarella, enquanto enunciadora, tem respaldo para se posicionar frente a seu coenunciador quando questionada sobre perigo e análogos no BDSM, sempre um tema delicado; afinal, ao lado dos estereótipos sociais, é justamente *o flerte com a morte* do BDSM que auxilia sua patologização. “Apesar de gostar muito de *spanking* eu nunca faria *donkey punch*, nenhum golpe desse tipo, isso é doentio, não faria nunca, não consigo nem ver onde entra o consenso aí, é violência.”

Ao equiparar “é doentio” e “é violência”, os sentidos de patologização por meio da locutora se mostram na enunciação: não é a perversão sexual que é patológica, mas a

⁸⁹ BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 207.

violência, decorrente da falta de consenso: nisso reside o bizarro, ou o perverso. É o consenso que autoriza e legitima as práticas em sua fala, toda falta de consenso é doentia.

Thor me responde, quando questionado sobre práticas mais *hard* do BDSM, que “Nada poderia ser dito, embora minha família seja ‘liberal’.” A palavra presente na sua colocação joga com as ideias de liberal e liberdade. Liberdade seria uma abertura? Quais os limites para essa abertura? Eles surgem nessa fala como bastante regulados.

No que tange à liberdade, Foucault fala da necessidade de que ela exista para que haja poder, exemplificando que a relação do senhorio com o escravo não é de poder, mas de coação. Dessa forma, o poder não é hierarquizado ou unilateral – embora seja inegável que devido aos arranjos sociais ele acabe se manifestando também dessas formas –, mas exercido em redes, e os arranjos para os deslocamentos do poder no BDSM tematizam essa rede. Esta visão retoma Barbarella, que associa as imagens de patologia e violência. A coação aqui não é poder, o poder precisa ser autorizado.

Mas quais são os sentidos atribuídos ao poder que existe nas relações D/s, como ele se manifesta, como é permitido que essa rede se expresse? O poder sobre o corpo de maneira mais imediata é sempre do Dominador? E, ainda que a resposta seja sim, há o poder sobre os desejos. Quem o detém? Como ele se realiza? Tem poder quem confere algum tipo de prazer a outrem ou quem o obtém de outrem? Essas questões são nós de uma rede, nem sempre óbvia e imediata, que materializa a metáfora do poder foucaultiano, assim como funciona como uma alegoria do BDSM enquanto assimetria e, em consequência, nesse jogo de forças, *o jogo do poder*.

É o submisso estilo brat que essencializa esse jogo de poder. Esse é o submisso que mede forças com o *Top*. Ele não *só* quer ser dominado, ele quer *perder*. Talvez a entrevista com Barbarella seja a em que mais se deixam entrever essas flutuações na questão da negociação do poder, associando o poder à própria negociação, ou seja, ao *processo*, e não imediatamente à Dominação que, ocorrendo após essa negociação, não tem o mesmo caráter processual: é decreto.

A segurança que se passa surge associada ao domínio, assim, ter/estar seguro de determinado ato/situação reflete a falsa e aprazível ideia do controle, talvez por essa visão, situações em que ele se mostre mais vulnerável ou menos acessível sejam tão terríveis... A Dominação parte do controle, do comando, mesmo que implícito, ao mesmo tempo, esse controle deve ser acordado, por meio da adaptação das práticas, sendo as flutuações do poder negociáveis no âmbito da relação D/s.

Já em Servo fiel, *Dominação de verdade* é “ter pulso constante”, SW não é Dominador, um Dono *de verdade* não pode se submeter, não pode sequer vacilar, ou é ou não é. Parece exaustivo. Se a Dominação não ocorrer exatamente da maneira como ele planeja em seu mundo de castelo e pirlimpimpim se torna insustentável, sem a leveza do ser. Nesse sentido, há um feixe, ainda que mínimo, de domínio por parte dele no que tange ao Dom corresponder às expectativas dele: “Meus relacionamentos têm que ser baseados na TPE ou eu mando o cara ir embora”.

Ainda sobre os *bons e maus Dominadores*, ou *legítimos e ilegítimos*, surge a imagem do “garotinho brincando de BDSM”. O BDSM não é brincadeira, apesar de conter *play* no nome da maioria de suas práticas, ele é para adultos, os supostos detentores da seriedade. “Isso é real. O resto é resto”. Algumas imagens sobre o *real* da Dominação que surgem também são o não olhar nos olhos, e, em consequência, a inferiorização. O real é isso, a Dominação por meio da submissão integral, construída nos detalhes que vão de características mais materiais, como olhares, a simbólicas, como a ideia do “pulso firme”, e também da humilhação, projetando não só a submissão, mas o próprio masoquismo em muitos níveis, mais até simbólicos do que materiais – as práticas que Servo fiel descreve em sua fala são de caráter psicológico e não propriamente de algolagnia passiva. Assim, o BDSM, colocado como legítimo, molda as fronteiras do real que lhe são anteriores.

Ainda em Bakhtin, as relações dialógicas entre discursos

não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subentendo-a como um estudo – ainda não-constituído [sic] em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística.⁹⁰

constituindo, dessa forma, essas noções de real que lhe extrapolam, mas que por meio delas se dão e se fazem presentes.

Ter desejo sexual na prática que considera humilhante, “ele não deixava eu me masturbar enquanto isso, passei o dia de pau duro, sofrendo com aquilo, só de lembrar já fico”, associada à privação de suas vontades mostra um masoquismo psicologizante: “sou masoca e gosto de Dominação de verdade”, que ainda surge como dor simbólica – ainda que ele também goste de dor material, citou as imateriais.

Essa visão do submisso como alguém que impõe ou que minimamente direciona o *modus operandi* da Dominação dialoga um pouco com a postura de Barbarella, em “se bem

⁹⁰ Id. Ibid.

que às vezes sou meio brat”. O brat, como dito, é o tipo de submisso que “gosta do confronto, mas quer perder”, ou que se atrai pelo jogo do poder, em vez dos acordos acerca de sua cessão, atuando em um processo de medir forças com o Dominador.

Esta postura tem um contraponto interessante com a fala de Thor. Barbarella usa o de fora para legitimar sua fala, enquanto Thor usa a sua perspectiva pessoal (ou um “de dentro”) para legitimar o de fora. “Minha ex me disse que eu era um Dom. E depois analisando meus relacionamentos anteriores, vi que realmente era, talvez até tenha me relacionado com subs sem saber.” Aqui, o que legitima a postura da ex é a análise que o próprio faz. Também ele coloca a Dominação no componente mais mental: “quando percebo, as pessoas já estão fazendo a minha vontade”, além disso, acaba associando, também, a ideia de dominar, em algum nível, à de manipulação, ainda que inconsciente ou não deliberada.

Ainda que sob a égide da consensualidade na assimetria de poderes para o exercício de determinadas práticas sexuais – e como já discutido, a respeito do cotidiano, em muitos casos –, o BDSM instaura sua moral, o que carrega consigo rótulos, estigmas e categorizações, mesmo que estes estejam camuflados sob a ideia do BDSM litúrgico. Com sua moral e sua ética próprias, ele reproduz relações institucionalizadas que perpassam seu contexto, afinal, considerando o dialogismo e o sujeito responsivo de Bakhtin, entendo que o alheio nunca é alheio, mas sempre constitutivo e em guerra, na guerra cotidiana individual para não ser o mesmo.

Quando Barbarella fala sobre o *rape play*, que é “chocante até no meio” o uso do “até” modula um sentido de que no meio as coisas chocam menos, ou que, pelo menos, o meio não deveria se chocar, mas como isso é “bem bizarro”, é “um tabu bem forte”, *até* para quem faz parte do que se constitui como *dentro* é difícil de lidar. A própria reação do *Top* que realizou a prática com ela a primeira vez é utilizada para reforçar isso.

O *donkey punch*, por sua vez, sai do âmbito do “tabu” e já passa a projetar a imagem da patologia, “isso é doentio”, dialogando com um já dito de que o BDSM é patológico, trocando em miúdos, “o BDSM não é, mas isso, sim” é uma das possíveis leituras. E a patologização se faz presente em sua fala através da evocação da imagem do consenso: “é violência”, BDSM não é violência, violência é a falta da autorização, logo, o BDSM, no consenso, se autoriza.

Essa discriminação, entre o que *deveria* ou não ser praticado, constrói um limiar, reforçado por falas como a de Barbarella, em “isso é doentio”, ou de Servo fiel, em “se as pessoas soubessem o que eu faço iam me achar louco”, do que se revela ou se oculta, conforme o nível de aceitação e os ambientes que autorizam esses níveis de aceitação – ou

desautorizam, como em Thor: “Almoço de família [risos]. Nada poderia ser dito, embora minha família seja ‘liberal’” –, e do porquê dessas diferenciações, reforçadas pelo par opositivo que aqui se constrói: consenso e violência; ou, no caso de Thor, a secção entre o âmbito “liberal” e o restritivo da família.

Na fala de Barbarella, ao lado do consenso, surge também a imagem do aprimoramento técnico “Eu gostaria de fazer uma coisa bem simples que é a *urethal play*, mas Draco não domina a técnica e tem medo de me machucar, ele tem nervoso e prefere nem tentar aprender, e eu não gostaria de fazer com outro Dom”. Workshops periódicos técnicos sobre algumas práticas são bastante comuns no meio – geralmente com temas de *shibari* e *spanking*, práticas mais famosas, por assim dizer – para o aprendizado e aprimoramento. Um Dom é um técnico em determinada prática, como *Tops* que apagam velas com chicote, que entendem pontos de *spanking*, que sabem as diferenças entre bater para machucar sem marcar e bater sem machucar para marcar, o uso de agulhas, as *bleed plays*⁹¹ etc., sendo a questão técnica também uma forma de autorização da realização de certas práticas.

Servo fiel e Thor responderam sobre minha colocação do almoço de família reforçando a ideia de que nenhum comentário se adequa a uma situação deste tipo, “tudo” e “nada poderia ser dito” foram as respostas, respectivamente. Para Foucault⁹² há uma transposição da repressão que tratava o corpo como máquina, no trabalho, para uma repressão da sexualidade, ambas “aceitas” por corresponderem a formas distintas de uma ascese social. Nesse sentido, para o autor, falar de sexo já se constitui como uma relação de transgressão e resistência frente a esse poder coercitivo. Não há como contar isso na sacra instituição familiar, a fala transgressora precisa ser resguardada, “se as pessoas soubessem o que eu faço iam me achar louco”. O âmbito da família nesses trechos, ironicamente que outrora já protagonizou histórias como as dos Borgia, definitivamente não é propício para a loucura, pelo menos não a declarada, aquela mostrada, “ainda que liberal”, o que gera o contraponto óbvio, ao projetar o lugar do sadio, ou, pelo menos, de sua aparência: a necessidade ainda mais óbvia dos padrões sociais.

Em todos os textos uma linguagem codificada se mostra, tanto pelo uso de termos específicos, como pela própria forma de modular a fala, circunscrevendo um universo próprio: a terminologia – a construção dos sentidos desses termos e grupos de termos –

⁹¹ Práticas que podem ou não estar relacionadas à hematofilia. A *bleed play* pode aparecer como uma prática secundária em uma sessão de *spanking* com ralador de queijo, por exemplo.

⁹² FOUCAULT, Michel. Op. Cit.

reforça uma forma muito particular de dizer o real, gerando sentidos para o universo BDSM, mas, mais do que isso, reforçando sentidos. E, inevitavelmente, atualizando-os.

Esses sentidos não são alheios e, ainda que muito da patologização (que sequer atualmente é oficial em vista do DSM) dos contextos externos ao BDSM esteja presente nele presente, falar de BDSM é uma forma de romper essas barreiras e resistir. Como o aparentemente alheio o interpenetra, sua resistência, suas práticas, sua vivência ou o próprio falar de BDSM, como a citação de Foucault,⁹³ já corrompem essa ordem social preestabelecida tão castradora que margeia o diferente.

Se os sentidos entram, também saem, alteram a lógica restritiva da normatividade social, e estão em constante diálogo. Que esse diálogo seja realmente como a palavra sugere, de dois lados; ou mais, que seja o diálogo das complexidades, dos muitos *enunciadores*.

⁹³ FOUCAULT, Michel. Id. Ibid.

CONCLUSÃO

Dialogando com as teorias acerca da patologização das parafilias e de sua própria construção discursiva enquanto sexualidade desviante, esta dissertação buscou traçar um esboço de uma teoria acerca do BDSM unificado, ou seja, para além de uma prática ou outra, além de uma tentativa de desconstruir as ideias do que é parafílico e dos muitos estigmas atinentes às flutuações da sexualidade humana.

Desta forma, no Capítulo 1 realizamos a revisão e a discussão teórica do tema, passando pelo estudo das parafilias desde Krafft-Ebing, ainda hoje o principal nome nesse ramo de estudos, até sua associação com as perversões freudianas e às mais recentes atualizações do DSM, em que as parafilias – ainda que consideradas desviantes – perderam a catadura de patologia, com a separação entre parafilia e transtorno parafílico – somente este requer tratamento.

Essa discussão também se baseou nos muitos protocolos de segurança do BDSM que servem a um duplo propósito: sua legitimação – externa – e sua organização – interna. Foi baseada também nas suas possibilidades de cessão de poder, que definem o como do BDSM e sua principal característica aqui tão reforçada: a assimetria de poder.

Ao lado dos estudos da parafilia, a discussão teórica gira, também, em torno da construção da sexualidade desviante como uma atualização da imagem do mal social, a demonização da sexualidade e os meios que se tornam condição *sine qua non* para legitimá-la, o que vai desde a questão da normatividade até a discussão sensível da autorização, tematizada pela sexualidade da criança, do morto e dos animais.

Os Capítulos 2 e 3 foram dedicados à discussão das teorias com que realizei a análise das entrevistas que foram objetos deste estudo, a análise do discurso, principal base, fortemente ancorada em Ducrot, com suas categorias de locutor e enunciatário, e em Maingueneau, e sua consideração acerca da íntima relação entre língua e história. Utilizei, ainda, a responsividade e o dialogismo de Bakhtin. Os três autores tendo se articulado para a análise das entrevistas realizadas ao longo deste estudo com *BDSMers*.

O Capítulo 4 expôs a metodologia de pesquisa, bem como seus materiais e instrumentos, calcada em uma visão que articulou a ida a eventos, a pesquisa minuciosa nas fontes possíveis e a conversa constante com praticantes.

No Capítulo 5, por fim, foi feita a análise deste material, com base no aporte teórico discutido anteriormente, no decorrer dos capítulos. A partir da discussão da teoria e das

análises realizadas, sustento que a imagem do mal social, travestida de uma preocupação com o caráter patológico, é também sensível e perpassa o meio BDSM, a gosto de Maingueneau, com a consideração de que os macroatos da linguagem atravessam os microcosmos. Porém, aqui, buscamos pensar não somente nestes diálogos, mas, fundamentalmente, nos meios de sua circulação e construção desses processos.

Com base nas análises, trago as questões apresentadas no decorrer das discussões teóricas, como a autorização através da ideia do consenso e dos acordos de poder e a violência ou o caráter doentio quando a situação foge desses parâmetros. *Isso não é BDSM, BDSM é acordo.*

Em todos os textos utilizados nas entrevistas, alguns recursos linguísticos recorrentes se destacam: uso de “pequenas frases” formadas e de termos que remetem a uma espécie de “código”. Essa terminologia que se deixa entrever nas falas dos praticantes de BDSM sugerem uma sexualidade codificada, por meio de um uso codificado da linguagem.

Ao mesmo tempo que o desenvolvimento de um léxico específico ajuda a reforçar este universo – é clichê constante nos estudos linguístico o quanto a linguagem é a responsável pela apropriação do mundo biopsíquico social e sua configuração enquanto tal –, conferindo-lhe materialidade, este léxico próprio permite diferenciação, e uma inscrição de sua existência autônoma, segmentada de um todo maior – o dos padrões, das obviedades.

Assim, esta codificação também auxilia a dar um lugar de fala para esses praticantes e suas realidades, por meio da legitimação conferida pela linguagem, a todo o tempo ratificando a existência e autorizando este universo. Se este trabalho deu um pouco de luz para essas questões e reforçou aqui esse lugar de fala, seu maior objetivo, sem dúvida, foi alcançado.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association [APA]. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders DSM-IV-TR*. Washington: APA; 2000.

_____. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders DSM-5*. Washington: APA; 2013.

ARAÚJO, Álvaro Cabral; NETO, Francisco Lotufo. A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5 – The new north american classification of Mental Disorders – DSM-5. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 16, n. 1, 67 - 82, 2014. ISSN 1982-3541.

AUSTIN, John L. *How to do Things with words*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1965.

BAKHTIN, Mikail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECKER, Howard S.. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá*, Niterói, n. 20, p. 47-62, 1. sem. 2006.

CHARAUDEAU, P.; MAIGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez. 1995.

DAHER, M. Del C. F. G. Quando informar é gerenciar conflitos: a entrevista como estratégia metodológica. *The ESPecialist*, São Paulo, v. 19, n. esp., p. 287-303, 1998.

DELEUZE, G. (2009). *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 2.

_____; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. Dark room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 16. p. 93-112.

_____. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (Org.). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Org.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H.. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Sobre as teorias sexuais infantis*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. *Uma criança é espancada: contribuições ao estudo das perversões sexuais*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Fetichismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

JAMES, E. L. *Fifty shades of Grey*. Texas: The Writer's Coffee Shop, 2011.

KRAFFT-EBING, R.. *Psychopathia sexualis*. Paris: Georges Carré Editeur, 1896.

LANTERI-LAURA, Georges. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

LAPLANCHE, J.. *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, 1992.

LEITES, Edmund. *A consciência puritana e a sexualidade moderna*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

LUCENA, Bárbara Braga de; ABDO, Carmita Helena Najjar. Transtorno parafílico: o que mudou com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5. ed. (DSM-5). *Diagn Tratamento*, v. 19, n. 2, p. 94-96, 2014.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Homo Eroticus: comunhões emocionais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw Kaspar. *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1982.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisíaca do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

_____. *A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975.

_____. *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*. São Paulo: Editora Global, 1990.

ROCHA, Décio; DAHER, Maria Del Carmen; SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. *A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva*. Cuiabá: Polifonia; UFMT, n.8, 2008.

ROCHA, Décio. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 619- 632, p. 622, set./dez. 2014.

RODRIGUES, Herbert. *A pedofilia e suas narrativas: uma genealogia do processo de criminalização da pedofilia no Brasil*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SACHER-MASOCH, L. *La Vénus à la fourrure*. Paris: Minuit, 2007.

SADE. *Os 120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. *Sexo, amor e desejo no Ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

VIGARELLO, Georges. *História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

WESTPHAL, K. Uber Zwangsvorstellungen. *Arch. Psychiatr. Nervenkrank*, v. 8, 1878.

ZILLI, Bruno Dallacort. *A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a psiquiatria*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ANEXO A – Textos integrais das entrevistas utilizadas na análise

1 – Como você conheceu o BDSM, ingressou e se descobriu parte desse universo?

2 – Conte-me o que já fez que considera pouco convencional, perigoso, ou algo que por algum motivo não devia ser dito em um almoço de família. O que nesse âmbito gostaria de fazer e não fez e o que não faria? Por quê?

Barbarella – submissa

1 – Como você conheceu o BDSM, começou e se descobriu parte desse universo?

Sempre fui muito mandona, meus pais contam que eu era uma criança arredia, que era difícil de me controlar e isso eu levei pra minha vida, na faculdade, no trabalho. Eu me tornei gerente do setor de comunicação da empresa em menos de três anos depois de ter entrado como estagiária, as pessoas me acham indomável [risos]. Mas a realidade é que entre quatro paredes sou bem diferente. Nunca vi muita graça no sexo, eu queria descobrir o que as pessoas viam nele de tão especial, até conhecer o Teo. Ele foi meu primeiro dominador, embora não fosse um Dom. Ele não tinha nada de BDSM ou pelo menos não sabia que tinha, oficialmente nunca foi, que seja, mas ele me dominava completamente na cama. Ele nunca me deu nenhuma ordem, ele nunca me deu uma palmadinha sequer, mas o controle era totalmente dele. Isso me deixava completamente maluca e eu passei a entender essa fissura no sexo [risos]. Acho que fiquei viciada nele, isso acabou me prendendo no relacionamento, eu terminava com ele, não achava nada igual, era tudo sem graça e acabava voltando. Até que descobri o BDSM. Foi coincidência, eu estava fazendo uma tatuagem e tinha uma menina aguardando com uma coleira linda. Eu perguntei onde ela comprou e ela me explicou que não era uma coleira qualquer, mas uma coleira de Dominação. No início eu achei que ela estava de sacanagem com a minha cara, mas ela me chamou pra ir no Ernesto conhecer um pessoal e a partir daí minha vida mudou completamente. Me descobri uma sub no sexo, totalmente oposto da minha personalidade, eu endosso bastante o clichê, né?! Dominadora na sociedade, submissa na cama. Se bem que às vezes sou meio brat. Eu demorei a me ajeitar no quesito das práticas, a maioria dos *Tops* adaptam as práticas ao gosto dos subs, alguns testam os limites, mas eu não gosto disso. Se eles estão insatisfeitos ou vice-versa, é difícil a relação durar muito. Relacionamento sério depois que deixei de ser baunilha eu só tive mesmo com o Draco, que é perfeito em tudo, ele tem uma determinação até no jeito de me dar bom-dia e com isso ele me deixa entregue a cada dia, já passei muitos limites com ele, ele sabe bem como trabalhar a ideia de disciplina do BDSM, coisas que nunca imaginei fazer com outros já

fiz com ele, ele sabe jogar muito bem com a confiança de uma pessoa, é como se do lado dele eu estivesse completamente segura, nem sou tão mandona com ele na nossa relação [risos].

2 – Conte-me o que já fez que considera pouco convencional, perigoso, ou algo que por algum motivo não devia ser dito em um almoço de família. O que nesse âmbito gostaria de fazer e não fez e o que não faria? Por quê?

O que fiz que talvez seja chocante até no meio é o sequestro seguido de *rape play*. A primeira vez que fiz, o Dom pirou, tentei falar pra ele que tava tudo bem, que tinha sido acordo e que eu gostei, que eu adorei, que superou minhas expectativas, mas ele pirou totalmente, eu demorei muito pra confiar em alguém pra fazer de novo, tive medo de que o cara ficasse com a mesma culpa, em parte, até eu fiquei culpada, porque partiu de mim fazer. Só consegui fazer de novo com o Draco e ele segura isso muito bem. Há muito tempo não precisamos nem combinar mais, ele costuma fazer como uma surpresa. *Rape play* acho que é bem bizarro, né?! De tudo que eu fiz acho que foi o mais impactante, é um tabu bem forte. Eu gostaria de fazer uma coisa bem simples que é a *urethal play*, mas Draco não domina a técnica e tem medo de me machucar, ele tem nervoso e prefere nem tentar aprender, e eu não gostaria de fazer com outro Dom. Apesar de gostar muito de *spanking* eu nunca faria *donkey punch*, nenhum golpe desse tipo, isso é doentio, não faria nunca, não consigo nem ver onde entra o consenso aí, é violência.

Servo fiel – submisso masoquista

1 – Como você conheceu o BDSM, começou e se descobriu parte desse universo?

Conheci o BDSM no bate-papo do Uol, eu entrava nas salas que eu achava mais esquisitas, sempre me atraí por isso e descobri bem cedo. Eu perdi minha virgindade com um Dom Sádico e mesmo sem outras experiências eu sabia que era aquilo que eu queria pra mim. Eu sempre fui atrás de pessoas que me dominassem de verdade, nunca tive paciência com SW porque eles cansam, sabe como é? Eles não têm aquele pulso constante e isso me enjoa. Meus relacionamentos têm que ser baseados na TPE ou eu mando o cara ir embora. Se não sabe ser um Dono, um Senhor de verdade, não serve, ou ele me controla em tudo e já tem tudo previamente arquitetado ou não é um Dom de verdade, é só mais um garotinho brincando de BDSM. Sou viúvo de um Dom que me mantinha em cativo, ele sabia mesmo o que era ser um Senhor. Raramente admitia que eu o olhasse nos olhos. Isso é real. O resto é resto, não aceito menos, sei que não mereço menos.

2 – Conte-me o que já fez que considera pouco convencional, perigoso, ou algo que por algum motivo não devia ser dito em um almoço de família. O que nesse âmbito gostaria de fazer e não fez e o que não faria? Por quê?

Tudo [risos], se as pessoas soubessem o que eu faço iam me achar louco. Uma vez eu passei quase um dia inteiro no limpando o chão da casa de um Dom com a língua. A casa era enorme e eu não consegui terminar tudo e ele não deixava eu me masturbar enquanto isso, passei o dia de pau duro, sofrendo com aquilo, só de lembrar já fico. Eu gostaria de ser escravo novamente, voltar a viver em cativeiro, mas isso é muito difícil de conseguir, poucos sabem viver a verdadeira TPE que é o que mais mexe comigo. Eu não faria banho romano, chuva marrom, essas coisas não me atraem, sou masoca e gosto de Dominação de verdade.

Thor – Dominador

1 – Como você conheceu o BDSM, começou e se descobriu parte desse universo?

Minha ex me disse que eu era um Dom. E depois analisando meus relacionamentos anteriores, vi que realmente era, talvez até tenha me relacionado com subs sem saber. Eu domino, querendo ou não, quando percebo, as pessoas já estão fazendo a minha vontade, eu sempre fui assim. Minha ex foi apresentada por amigos em comum e no início só nos falávamos pelo celular, eu perguntei a ela se ela aceitaria um blind date no nosso primeiro encontro e ela topou. Ela só foi ver meu rosto no quarto encontro, porque reclamou que já estava curiosa [risos], eu sou fascinado por privação de sentidos, sempre fiz sem saber que era uma prática do BDSM. Com 3 meses de relacionamento ela quis conversar comigo, eu achando que ela ia terminar e ela me conta que é SW e que eu era um Dom. Fiquei sem entender o que era isso, ela foi me apresentando aos poucos o BDSM, aí que fui conhecer, pesquisar e até acrescentei outras práticas ao repertório que antes eu nem sabia que existiam.

2 – Conte-me o que já fez que considera pouco convencional, perigoso, ou algo que por algum motivo não devia ser dito em um almoço de família. O que nesse âmbito gostaria de fazer e não fez e o que não faria? Por quê?

Almoço de família [risos]. Nada poderia ser dito, embora minha família seja “liberal”. Faço bastante *rape play*, *fisting* anal e vaginal, *tickling* e mumificação, deixo a sub sozinha no quarto imobilizada por horas e gosto de defecar nela nesse estado, mas não sou coprofílico. Gostaria de ser dominado, só pra ver como é, mas nunca conheci uma mulher que realmente me despertasse essa vontade, é mais uma fantasia, mas eu tenho curiosidade sobre o “outro lado” [risos]. Sou Dom, não sou sádico, então não faço e não faria coisas ligadas à dor, isso é até um defeito meu como Dom, não consigo me relacionar com sub masoquistas. Também não faria isso de exigir títulos e formalidades, ou usar roupas específicas.

ANEXO B – Glossário BDSM

Antes de elencar um glossário básico de BDSM, precisamos lembrar que ele não diz respeito a uma prática ou outra específica, tampouco ao conjunto delas, embora ele seja uma maneira de manter certas práticas unificadas. O BDSM, antes de mais nada, se refere a relacionamentos com assimetria de poder, consensual e delegada de forma acordada entre o casal.

Dentro dessa assimetria, muita coisa se desenrola, desde o simples ato do parceiro escolher a roupa para seu cônjuge ir ao trabalho – como nas relações permeadas pela TPE, por exemplo – até a realização de práticas em que alguém é imobilizado.

Quando falamos em termos de práticas de BDSM, escolher o que seu parceiro vai comer ou como deve se comportar não está em jogo; na verdade, comumente nos referimos àquelas práticas passíveis de se desenrolarem em sessões ou em uma cena, ou seja, nos referimos àquelas atividades que, na literatura, são descritas como *parafilias*.

Longe de esgotarmos as possibilidades de práticas – afinal, com confiança e consentimento tudo é permitido entre quatro paredes, não é mesmo? – aqui listamos e descrevemos brevemente algumas das práticas mais comuns/conhecidas no meio BDSM.

É complicado fazer uma divisão de práticas, na verdade, pois muitas estão atreladas e algumas categorias, como a *humilhação*, por exemplo, englobam práticas que nem sempre podem ser assim consideradas. Partindo do princípio que a sexualidade é psicológica, tudo que a ela se relaciona se torna bastante relativo. Para não ser irresponsável com as nomenclaturas e as respectivas associações, aqui adoto uma nomenclatura minha para ajudar a reunir e elucidar as práticas, e uma divisão apenas para fins didáticos, sem considerá-la estanque ou terminantemente delimitada.

Da mesma forma, os acessórios elencados aqui são os mais comumente vistos em sessões públicas e relatados pelos praticantes, não desconsideramos o poder da imaginação nem as barreiras que o “vale tudo entre quatro paredes” transpõe.

24/7 – diz-se dos praticantes que vivenciam o BDSM de maneira integral, ou seja, não mantêm relações baunilha em paralelo ao BDSM.

Abrasão – técnica que consiste em esfolar o submisso. Além da dor imediata, também objetiva deixar marcas.

Acessórios para imobilização – qualquer coisa que possa envolver os braços junto ao corpo pode ser usada, como faixas, ataduras, filmes plásticos, fitas adesivas e até gesso.

Acessórios para *pet play* – *plug* anal com cauda de cavalo e as luvas de pata de cavalo simulando ferradura para *poney play*, e coleira identificadora, guia, fantasias e potes de ração, coleira para o *puppy play*.

Afastador de perna – barra rígida que mantém as pernas afastadas.

Age play – simulação de que se tem uma idade diferente da real, feita por meio de roupas, maquiagem, trejeitos, vocabulário e análogos, com o submisso se transformando em uma criança – também chamada de infantilização nesse caso –, adolescente ou idoso. Vale lembrar que a infantilização nada tem a ver com a pedofilia, que é o abuso de crianças. Na *age play* os envolvidos são *adultos*, criando *cenas* e representações.

Algemas – podem ser de couro, de metal ou ainda acolchoadas e com pelos (para os praticantes menos ousados). Na maior parte das vezes, são utilizadas para prender os pulsos (seja um ao outro, seja a algum lugar, como cama), mas podem ainda ser usados para prender os tornozelos. Há ainda as que prendem nos dedos, essas são chamadas de algemas de dedos.

Algemas e tornozeleiras distanciadoras – semelhantes às algemas, porém essas vêm associadas a uma barra rígida de restrição.

Arreio – acessórios de couro para imobilizar o corpo, podem vir associados a mordanças e/ou cintas de castidade.

Arreio peniano – em formato semelhante a uma cueca, esse acessório tem como finalidade controlar a ereção, porém não é uma cinta e se utiliza apenas durante a sessão.

Asfixia erótica⁹⁴ – também conhecida como prática de asfixiofilia ou *scarfing*, consiste na privação de oxigênio por meio de um enforcamento leve, utilizando as mãos ou acessórios

⁹⁴ A asfixia erótica é uma prática perigosa, estima-se que, somente nos Estados Unidos, ocorram entre seiscentos e oitocentos casos de morte por essa prática. Alguns casos famosos de morte acidental por asfixia autoerótica (quando a pessoa enforca a si mesmo) são o do ator David Carradine (o Bill da franquia Kill Bill) e do vocalista

(como uma gravata, por exemplo, em que o *Top* pode controlar a respiração do sub intensificando e suavizando o nó). Ela pode causar morte imediata, além de perda de consciência, desmaios e danos cerebrais a médio e longo prazo; quando é feita pela própria pessoa, se chama asfixia autoerótica.

Fisiologicamente, a asfixia erótica possui uma atuação intensificadora do orgasmo pela redução no fluxo sanguíneo do cérebro; a falta de oxigênio e a elevação da taxa de dióxido de carbono geram uma sensação de tontura que pode tornar o orgasmo mais intenso. Esse clímax amplificado por meio da *hipóxia cerebral* também é chamado de “orgasmo sombrio”, “prazer maligno” entre outras denominações. Como no filme *Mata-me de prazer*, o jogo com a morte como obtenção de prazer se faz presente.

Balada liberal – festas voltadas para a prática de suingue. O termo mais abrangente é usado em razão de o suingue, *a priori*, só permitir entrada de casais para troca de parceiros durante as relações sexuais. Muitas baladas liberais permitem entrada de solteiros (pessoa sozinha, algumas têm dias específicos para a entrada de homens sozinhos, na maioria a entrada de mulheres sozinhas é livre) e oferecem, por assim dizer, outras atividades além do ambiente propício para o sexo, como shows, brincadeiras, caraoquê, churrasco etc.

Ball crusher – estrutura metálica que tem como objetivo espremer os testículos entre barras, pode ter ou não agulhas. Também permite pendurar pesos ou amarrar os testículos a outros objetos.

Bastinado – faz parte também das práticas de imobilização, e consiste em amarrar o *bottom* pelos pés (podendo ou não haver suspensão), com o posterior *spanking* das solas.

Baunilha – termo que os BDSMers usam para se referir a tudo o que não é BDSM, ou seja, a sexualidade normativa. Vem do inglês *vanilla*, com uma acepção a algo que até tem um cheiro bom, mas não tem gosto de nada.

da banda INXS Michael Hutchence. Carradine foi encontrado com cordas amarradas ao pescoço e às genitais, enquanto Hutchence foi encontrado enforcado pelo seu cinto. Há ainda quem diga que o ator Robin Williams teria morrido acidentalmente durante uma sessão de asfixia autoerótica, porém a versão oficial ainda é de suicídio.

BDSM – engloba práticas materiais e principalmente relações simbólicas. O par B e D significa bondage e disciplina. O par D e S [D/s] significa Dominação e submissão, e o par S e M [S/m] significa Sadismo e masoquismo. O termo bondage é amplo e comumente é utilizado para descrever um conjunto de técnicas de amarração e imobilização. A maior parte das práticas que se unem sob a alcunha de BDSM não está contemplada na sigla. O que o torna um “universo”, portanto, como qualquer construção de “real”, são as relações simbólicas que o atravessam. Dessa forma, BDSM se refere a relações com assimetria de poder acordada e delegada.

BDSMer – praticante de BDSM.

Blind date – do inglês, encontro às cegas, geralmente é feito com o submisso vendado, às vezes amarrado, podendo nem sequer já ter visto o rosto do Dominador anteriormente, ou não conhecê-lo de alguma forma. O *blind fold* (cobrir os olhos) é utilizado no *blind date*. Nada impede que outras privações façam parte dele, mas sem o *blindfold* essa prática não é possível. O *Top* pode até solicitar que outra pessoa vende o submisso, ou até ele próprio, caso seja um primeiro encontro e eles queiram manter o mistério. Nesse caso, o contato entre eles acontece integralmente pelos outros sentidos, mas não pela visão.

Blood play – ou hematofilia consiste na extração de sangue do *bottom* e seu posterior uso. Faz parte das práticas consideradas como *edge play*.

Bloqueio peniano – composto por uma argola em aço inoxidável que segura o pênis e uma bola de aço penetra em seu ânus. A ideia deste acessório é que toda vez que houver movimentação, a bolinha dentro do pênis se moverá, promovendo orgasmos.

bottom – do inglês, algo como “inferior”, é uma denominação genérica para os submissos, já que existem tipos diferentes de submissão. Assim, *bottom* se aplica a todos que estejam em posição passiva ou de execução sob comando, se não houver especificação.

Braçadeira – semelhantes às algemas de couro, porém mais largas, também têm como finalidade prender os pulsos.

Branding – visa não só a dor em si, mas principalmente suas consequências, ou seja, as marcas que ficam. Consiste em marcar o *bottom* a ferro.

Brat – denominação utilizada para o submisso que mede forças com o Dominador, o submisso estilo *brat* não aceita a Dominação de início, tende a travar algum tipo de luta – simbólica ou material – com o Top para que ele o domine, no fim das contas. Ele essencializa o jogo de poder do BDSM. *Brat*, do inglês, significa pirralho.

Calabouço ou masmorra – um quatinho dedicado à tortura.

Calcinha masculina – modelos muito semelhantes aos modelos femininos, porém são desenhados para comportar o pênis. Utilizados em *crossdressing*.

Cama de Baco – uma “cama” no tamanho casal ou um pouco maior (variando conforme a boate) para prática de sexo grupal.

Camisa de força – jaqueta restritiva feita de couro ou algodão, geralmente prende os braços do submisso para trás.

Cane – hastes rígidas, compridas e finas, que podem ser de bambu, de fibra ou de aço.

Castigos ou punições – aplicados porque o sub se comportou de uma forma que desagradou o *Top* e, portanto, só podem fazer parte de relacionamentos.

Cativeiro – prisão domiciliar acordada entre as partes, comum em relações de delegação total de poder. O cativeiro pode ser temporário, fazendo parte de uma sessão, ou durar o mesmo tempo que o relacionamento dos envolvidos.

CBT – O *cock and ball torture* (CBT) reúne práticas de tortura genital masculina, um outro nome possível, em português. Algo como tortura do pênis e dos testículos, em tradução livre. Engloba algumas práticas de admoestação dos genitais masculinos, desde o *trampling*, até amarrações, uso de cintos de castidade e o próprio *spanking*. Quando agulhas e tachinhas são inseridas nos genitais, a CBT se torna uma prática de *edge play*.

CCC – protocolo de segurança do BDSM, significa *committed*, *compassionate*, *consensual* ou comprometido, compassivo, consensual.

Chicote – é utilizado para açoitar o sub. Existem diversos tipos de chicote: *flogger* (um chicote com várias tiras, geralmente de couro), chicote de montaria (chamado também de chibata, mais rígido, ele é fino e, na ponta, possui um pequeno pedaço retangular de couro grosso), *bullwhip* (uma única tira grossa, é o de maior extensão, sendo os de 3 metros os mais famosos; utilizado também para apagar velas em sessões públicas para aguçar a imaginação dos subs), relho (chicote hard, de couro seco trançado que provoca hematomas internos) e rabo de gato (chicote tipo *flogger* com as tiras trançadas). Há um bordão famoso no BDSM, “o outro lado do chicote” quando *Tops* falam a respeito de *bottoms* e vice-versa. Nesse caso, o “chicote” é uma alegoria das relações D/s, mesmo que os parceiros não utilizem o chicote.

Chuva de prata – engloba três práticas diferentes. O *spitting*, ou o ato de cuspir ou ser cuspidado pelo parceiro, principalmente no rosto. A salirofilia (na verdade o termo também se aplica para cuspir), que é o prazer pelo suor próprio ou do outro. E, por fim, a ejaculação masculina e feminina como fonte de prazer. O *bukkake* é um tipo de chuva de prata, quando uma pessoa recebe o sêmen, geralmente no rosto, de mais de uma pessoa simultaneamente.

Chuva dourada – *golden shower* (banho dourado, em inglês) ou urofilia, outras denominações possíveis quando se envolve urina nas práticas sexuais. A chuva dourada funciona basicamente como as chuvas romana e marrom, além da possibilidade de um parceiro urinar dentro do outro.

Chuva marrom – ou coprofilia, e diz respeito à obtenção de prazer erótico por meio de fezes, seja ao as ingerir, fazer o submisso ingeri-las, passá-las pelo corpo junto com o parceiro ou sozinho até assistir a alguém defecar.

Chuva romana – ou emetofilia, é o prazer pelo vômito. Como a chuva marrom, a chuva romana pode consistir em vomitar em alguém ou ser seu receptáculo, bem como passar o vômito pelo corpo, ou ter excitação sexual ao assistir a alguém vomitar ou somente sentindo o cheiro.

Cilício – estrutura de correntes de ferro com pontas cortantes que fica amarrada à coxa do sub durante as sessões ou fora delas.

Cinta de queixo - vêm acompanhadas de um objeto com formato peniano, ideal para a realização de sexo oral.

Cinto de castidade – estruturas metálicas que visam impedir que o sub mantenha relação sexual ou mesmo se masturbe. Com a mesma função, também temos o anel peniano de segurança.

Colar postural em aço – é uma estrutura de metal que abraça todo o pescoço e restringe bastante os movimentos. Bastante utilizado por escravos.

Coleira e anel de Dominação – embora usados no *bondage*, têm uma simbologia específica, eles são uma prova de devoção e submissão do submisso ao seu Dom. São geralmente usados no dia a dia pelo sub, no caso da coleira, costuma-se ter uma discreta para o cotidiano e uma mais chamativa (couro, *spikes* etc.) para os eventos.

Contratos – firmados especialmente no BDSM de caráter mais litúrgico, podem formalizar os protocolos de segurança e de delegação de poder de uma relação, *safewords* e outros acordos feitos entre o *Top* e o submisso.

Cordas – são utilizadas principalmente para o *shibari*, servem tanto para imobilização (prendendo braços e pernas), como para a suspensão, e ainda têm valor estético, sendo usadas às vezes ao redor do tronco sem restringir movimento algum. No caso da suspensão, ainda são necessários ganchos e aros.

Correntes e cadeados – têm como finalidade prender o sub, não deixando que ele se movimente livremente.

Couro e látex – não possuem nenhuma função prática, apenas são utilizados como parte da cena ou para identificação ou caracterização de praticantes BDSM, como é o caso das roupas, acessórios e objetos funcionais ou decorativos feitos deste material. Fazem parte da indumentária clássica do BDSM, principalmente o de caráter litúrgico, mais tradicional.

Cruz ou X de Santo André – uma grande estrutura em formato de X com ganchos e amarras nas pontas, o objetivo era que se amarrassem pessoas ali, com braços e pernas afastados, para diversos tipos de tortura, *spanking*, CBT, entre outros.

Cramp play – prática de prender grampos no corpo, principalmente em áreas erógenas como mamilos e genitais. O *cramp play* pode ser uma base ou preparação para *suspensões* com ganchos, além do seu fator estético.

Crossdressing – troca de papéis de homens e mulheres por meio da caracterização (roupas, perucas, maquiagem, trejeitos), chamado também de feminilização quando o homem, por meio do *crossdressing*, imita uma mulher. O *crossdressing* é uma prática exclusivamente de caracterização, podendo ou não estar associado à prática sexual de inversão.

Cuckold – uma possível tradução para o português é “corno manso”. Essa prática exige antes de mais nada que a relação entre o *Top* e o *bottom* seja estável e fechada e, em certa medida, exige certa destreza do *Top*. Traições explícitas e a que o *bottom* pode até assistir não configuram uma forma de *cuckold*. Nessa prática, deve haver uma constante tensão por meio da dúvida. O *Top* leva o *bottom* a supor que está sendo traindo, por meio de diversos indícios – ou o trai efetivamente, mas sem que ele de fato descubra. O que conta é deixar a dúvida sempre no ar.

Cueca de bondage – cueca de couro com braçadeiras presas a ela.

Disciplina – conceito fundamental no BDSM, a disciplina se aplica também aos *Tops*, por meio de estudo e treinamento em suas práticas de Dominação, sejam psicológicas ou materiais. A disciplina pode ser um conceito mais imediato também, associado à liturgia e ao treinamento do submisso, por meio de castigos, imposições e punições.

Dominação – o comando em uma sessão ou relação BDSM.

Dominação psicológica – a principal prática de degradação é a dominação psicológica e, por isso, aqui ela vem em primeiro. Não discernir sobre atos simples do seu cotidiano ou se desestabilizar facilmente por intermédio da manipulação de outras pessoas é considerado o

pior tipo de degradação e humilhação. A dominação psicológica é bastante ampla, e perpassa todos os outros tipos de prática de BDSM, mesmo as mais materiais e menos simbólicas.

Ela está presente, na realidade, ainda que de forma sutil, em todas as relações humanas, seja por meio da manipulação ou chantagem, ou por meio da simples tentativa de convencimento de uma outra pessoa a fazer o que você quer. Obviamente, quando falamos de dominação psicológica circunscrita ao contexto BDSM, nos referimos a alguns tipos de realizá-la, mais explícitos. Exemplos de dominação psicológica material são a escolha por parte do *Top* da rotina do sub, sua alimentação, seus horários, suas roupas, até suas relações sociais e de trabalho.

No campo simbólico, a dominação psicológica é mais complicada, e se associa à manipulação, às maneiras sutis como o *Top* faz com que o *bottom* realize seus desejos.

Dominador – ou Dom para homens e Domme para mulheres, a contraparte que comanda uma sessão ou relação BDSM. Como discutido nesta dissertação, é bem sutil e questionável no próprio meio se esta parte realmente detém o poder. De qualquer forma, é a parte à qual o poder foi delegado.

Donkey punch – comumente traduzido como “coice de mula” é um tipo radical de *spanking*. Foi a público com o filme homônimo, versionado em português para *Prazeres mortais*, que se desenrola a partir da morte de uma personagem em decorrência da prática. O *donkey punch* é um dos golpes semiletais – como os outros, ele pode ser letal – mais conhecidos, sendo majoritariamente utilizado na prática de sexo anal, onde tem mais eficácia.

Exclusivamente na posição de quatro, perto de atingir o orgasmo, o homem dá um soco forte e certo na cervical (existe um ponto específico para que ele seja eficaz e não letal, é claro, mas não tente fazer isso em casa) de quem está sendo penetrado, isso causa um espasmo reto-vaginal forte e involuntário, o que potencializa o orgasmo de ambos.

Dor – fetichizada em relações sadomasoquistas.

Edge play – *edge*, do inglês, significa “borda”, e é exatamente isso que a *edge play* evoca: *jogar com os limites*. As práticas que podem ser classificadas sob o rótulo de *edge play* demandam muita consciência e cuidado dos participantes, pois elas envolvem alto risco (psicológico e físico), e algumas, inclusive, podem ocasionar a morte. Práticas que não têm

um nome específico, como algumas que usam substâncias nocivas e tóxicas, se enquadram nesta categoria.

Ecdiose ou exibicionismo – excitação em ficar nu e/ou manter relações sexuais em público. A reincidência do desejo em andar nu é conhecida também como gimnofilia.

Editofilia – prazer em manter relações sexuais com o parceiro vestido.

Eletroejaculadores – eletroestimuladores anais e vibradores para controle de orgasmo.

Erotic Power Exchange (EPE) – ou troca erótica de poder, em português, diz respeito à assimetria de poder exclusivamente durante uma prática específica, e/ou nos atos sensuais e sexuais, e o EPE é o único protocolo de delegação de poder que pode ser usado em sessões avulsas, pois os outros precisam de um relacionamento estável para ser estabelecidos.

Escarificação – formação de pequenas cicatrizes com formatos determinados. Tem um fator estético envolvido, que é a formação de marcas, além da dor.

Escatologia telefônica – apesar de o nome se referir a fazer sexo pelo telefone, como os extintos *telessexo*, se estende também para outras formas de sexo virtual, como pela internet, por exemplo.

escravo – o submisso que se entrega inteiramente ao seu Dominador, ficando este responsável por controlar todos os aspectos de sua vida, podendo haver, inclusive, cativo.

Estimulador de mamilo com sucção – como o nome sugere, um acessório para ser acoplado aos seios, que faz uma sucção artificial.

Fetichismo/fetichismo – o fetichismo é uma transferência, assim, é a atração sexual desviada do “objeto” sexual por excelência, ou seja, as genitálias. Em certa medida, toda atração sexual é fetichista (atração estética, por exemplo, já que não é uma atração genital direta, mas transferida para a aparência). De modo restrito, temos duas definições para fetichismo. A primeira: tudo o que “flerta” com o BDSM, e fica na sua interseção com o mundo baunilha. A

segunda: a atração sexual desviada para objetos poucos comuns, como roupas de látex, acessórios, práticas não propriamente sexuais como lavar carros etc.

Fetlife – rede social mundial BDSM.

Figging – utilização de penetrantes artificiais, geralmente a denominação se refere à inserção de legumes. Algumas definições mais puristas consideram apenas como *figging* quando se insere gengibre no canal vaginal ou retal.

Fire play – como o nome sugere, consiste no uso de fogo durante as sessões, é um tipo de *edge play*.

Fisting fuck – inserção do punho nos canais vaginal e retal.

Flagelo – embora algumas formas de flagelo se relacionem ao *spanking*, como o uso de cintos e chicotes para dar surras, ele também engloba a aplicação de castigos, tanto simbólicos quanto físicos, como privar o *bottom* de realizar determinada refeição ou só poder fazê-la em um horário específico; privação de orgasmo e uso de cintos de castidade, uso de cilícios durante o ato sexual ou de maneira integral, durante o dia sob a roupa (inclusive para a execução das atividades rotineiras como estudar e ir ao trabalho) como forma de penitência e outros.

Focinheira – também possui a função de tampar a boca do sub, porém tem maior extensão e se assemelha mais a uma focinheira utilizada em cães.

Frotteurismo – roçar em outra pessoa por cima da roupa; obviamente, com consento.

Gaiola – utilizado por escravos que estão em cativeiro.

Gancho anal penetrante – geralmente é redondo, é feito de aço e é utilizado para suspensão anal.

Ganchos – usados para abrir a boca e outros orifícios, podem também ser utilizados para prática de suspensão.

Gangue bague – ou *gang bang*, é o sexo que envolve uma mulher e vários homens interagindo com ela e não entre si ou, embora menos comum até por uma questão anatômica, um homem e várias mulheres interagindo com ele não entre si.

Glory hole – uma cabine com buracos que permitem interação sexual anônima.

GMSMA – (Gay Male S/m Activist) é uma organização norte-americana de BDSM homossexual comprometida com as políticas instauradas pelas discussões acerca do SSC e de outras siglas representativos de conceitos referentes à segurança.

Good Drink – um acessório para chuva dourada que não deixa um escravo desperdiçar nada do precioso líquido. Possui um recipiente onde o *Top* pode urinar, este recipiente possui um cano que vai até a boca do *bottom*.

Grilhões – correntes de metal, muito utilizadas em escravos. Têm como objetivo restringir o alcance de seus movimentos, podem ser utilizadas nos pulsos ou nos tornozelos.

Guilhotina (berlinda) – uma estrutura retangular de madeira, dividida no meio com espaços para cabeça e membros, com a finalidade de se imobilizar a pessoa ali para realização de variadas práticas.

Hashibari – são duas hastes de madeira associadas a elásticos que pressionam regiões delicadas como língua, mamilo, clitóris, glândula e lábios.

Hifefilia – excitação ao tocar tecidos dos mais variados tipos, de roupas a perucas, por exemplo.

Hole playing – a forma como o BDSM funciona, ou seja, um jogo de encenação. Daí as sessões também serem chamadas de *cenar* e as posições de *Top*, submisso e *SW* serem chamadas também de *papéis*.

Humilhação verbal – falar desaforos e xingamentos para o sub, desmerecê-lo, ou, em casos mais extremos, evocar episódios traumáticos da vida dele.

Imposições – podem estar presentes em sessões, e consistem de atividades forçadas variadas, desde impor ao *bottom* a realização de atividades domésticas, até o homossexualismo forçado em uma sessão, como, por exemplo, ordenar que o sub hétero se relacione com outro do mesmo gênero.

Inversão – em inglês, a inversão se chama “pegging”, algo como “empalamento”, em português. Ela é a troca dos papéis sexuais tradicionalmente designados ao homem e à mulher em um ato sexual; assim, inversão só acontece com casais hétero. Comumente, o homem penetra a mulher. Na inversão, como o nome sugere, os papéis se invertem, e somente o homem é penetrado pela mulher por meio de um *acessório*. O destaque da palavra acessório aqui não é por acaso, a inversão precisa de um penetrante sintético (como um vibrador, por exemplo) para se configurar como tal.

Leilão – em eventos, o *Top* vende ou leiloa atividades com o sub, como passar a mão nele, ofendê-lo, xingá-lo, chutá-lo etc., variando conforme as práticas que o sub se propõe a fazer. Alguns *Tops* penduram nele um crachá ou o colocam segurando uma placa com uma tabela de valores fixos ou mínimos (para o caso de leilão). Por se tratar de uma prática de humilhação, geralmente o valor é bem baixo (cerca de centavos).

Liturgia – característica mais forte no BDSM brasileiro, diz respeito às cerimônias em uma relação, desde as roupas e o uso de títulos até o estabelecimento de contratos e cerimônias para formalizar uma relação, como a entrega da coleira de Dominação e a cerimônia das rosas (uma simulação de casamento cristão).

Maiúsculas – a diferenciação entre maiúsculas e minúsculas é crucial no BDSM, visto que diferencia papéis de Dominação e submissão.

Mangueira anal com válvula para enema – utilizado para fazer a limpeza do trato gastrointestinal. É considerado por alguns *Tops* uma prática essencial.

Máscaras de imobilização – elas cobrem todo o rosto, só deixam espaço para o nariz (algumas têm uma abertura na boca para permitir que seja feito o sexo oral).

Masquista – ou masoca, aquele que gosta de experimentar a dor, seja provocada pelo próprio ou por outrem.

Ménage à trois – conhecido só por *ménage*, é o sexo entre um homem e duas mulheres. Se não houver interação entre as mulheres não é *ménage*, mas *gangue bague*.

Mentor – Top que ensina novatos no meio a se tornar Dominadores por meio de mentorado.

Mesa estiradora – uma mesa em que o sub fica peso em uma extremidade pelas mãos e na outra pelos pés por cordas ou correntes que são puxadas, promovendo o estiramento do corpo.

Mestre – Top que tem alguma função no meio, como produzir acessórios de BDSM, como coleiras e chicotes, por exemplo, ou que ministra cursos, como os *workshops* de *shibari*.

Milking – prática de estimulação prostática.

Mobiliário humano – o sub funciona como um móvel e o limite é a imaginação do Top, ele pode ser uma mesa, uma estante, um candelabro, um varal humano ou até uma peça decorativa.

Money slave – ou, em português, escravo financeiro, se refere ao custeio forçado de despesas. A escravo financeiro ou o *money slave* é o *bottom* que banca o Top, geralmente para despesas gastas com outra pessoa, o *money slave* pode pagar a conta do motel para seu parceiro e terceiros, por exemplo, podendo ser também um *cuckold*.

Mordaça – uma estrutura de pano, couro ou plástico que tem como finalidade impedir que o sub fale ou grite, pode ser apenas um lenço ou em formato de bastão, bolinha ou um aro. Este último favorece a salivagem, sendo essa característica desejável.

Mosquetão – pode ser utilizado nos mamilos ou no pênis (no caso de mosquetão duplo, pode-se ajustá-lo para que ele torça os testículos).

Mumificação – é o tipo mais extremo de imobilização (a menos que seja uma imobilização parcial do *bottom*, também chamada de *wrap*), pois envolve o corpo todo do *bottom* com

atadura ou silver tape. Ela pode ser um fim em si mesma, ou utilizada como um começo de outras práticas (de humilhação, por exemplo). Dependendo de como é feita, a mumificação é um tipo de *edge play*, dependendo do risco envolvido, como mumificar vias aéreas ou áreas do corpo sensíveis à pressão de torniquetes.

Necrofilia – atração sexual por pessoas mortas, eventualmente em fase de putrefação.

Needle play – prática de tortura com função estética associada, consiste em inserir agulhas superficialmente no corpo do sub, formando desenhos. Caso a aplicação das agulhas seja profunda ou feita em mucosas e genitais, a *needle play* passa a se enquadrar na categoria de *edge play*.

Nipple torture – práticas de impingir dor aos mamilos.

Orgasmo forçado – a sessão de orgasmo forçado pode acontecer logo depois de uma sequência de privação sexual, geralmente com o sub amarrado. Pode ser feito com as mãos ou com acessórios, como eletroejaculadores. O orgasmo forçado geralmente, com uma sub, objetiva os orgasmos múltiplos; com um sub, a intenção é comumente que o orgasmo advinha exclusivamente da estimulação prostática. Nesse caso, a prática é chamada de *milking*.

Paddles – possuem um formato semelhante a uma tábua, podem ser de madeira, de borracha ou de couro (nesse caso pode ser chamado de *tawse*). São mais utilizados principalmente para as regiões glútea e das coxas. Em casos de masocas mais extremos, podem ter tachas. Também pode ser chamado de palmatória.

Para-chute – tem o formato parecido ao de um colar elisabetano utilizado em animais, mas ele envolve, nesse caso, a cabeça de baixo. Esse acessório pressiona os testículos e os deixa mais expostos para receber chutes.

Parafilia – comportamentos sexuais não relatados como comuns.

Partial Power Exchange (PPE) – ou troca parcial de poder, em português, é um protocolo de delegação de poder em que é acordado o que o *Top* decide sobre a vida do *bottom*, além das

sessões e sexualidade. Só funciona dentro de uma relação, pois ele precisa de tempo e rotina para ser aplicado.

Pau de arara – forma e posição de se prender o escravo suspenso, de forma incômoda.

Pedofilia – atração sexual por crianças em idade pré-púbere.

Pelourinho – coluna de madeira, pedra ou mesmo metal, onde se prende o escravo em pé para exposição e tortura. Tronco.

Penetrante para inversão – qualquer instrumento de formato fálico que possa ser utilizado para a penetração anal, *strap-on*, vibradores em formato peniano, pênis de borracha.

Performer – profissional que faz algum tipo de apresentação em eventos, como danças ou brincadeiras interativas.

Perversão sexual – diz-se das parafilias, por se tratarem de comportamento sexual dito desviante.

Pet play – aqui o *Top* transforma o *bottom* em seu animal de estimação, podendo inclusive adestrá-lo (prática de adestramento). A *pet play* se configura por meio de roupas e trejeitos, além do uso de coleiras, manter o sub de quatro, e alimentá-lo em potes de ração ou na mão, por exemplo. Um tipo comum de *pet play* é a *poney play*, em que o *Top* insere um plug anal com rabo colorido no sub e o trata como um cavalo ou pônei. Aqui também se encontram a *puppy play* (cachorro) e a *kitten play* (gato), entre outras.

Pinwheel – ou roda de agulhas, assemelha-se a um cortador de pizza, mas possui diversas agulhas na superfície que rola sobre o corpo do sub.

Play partner – parceiros de uma sessão BDSM, ainda que só tenham se conhecido naquele dia e só realizado uma única cena.

Plug anal – dispositivo para ser inserido no ânus. Podem ser usados antes do início da sessão (para deixar o ânus mais acolhedor) ou durante. No último caso, o *plug* anal pode ter uma cauda, imitando a de um cavalo ou pônei (utilizado em *pet play*).

Poder – em termos práticos, o domínio em uma sessão ou relação BDSM. Em termos simbólicos, o poder é fluido, podendo oscilar entre submissos e Dominadores.

Podolatria – prática tão constante em eventos BDSM que existem eventos especificamente dedicados a ela. Podólatras podem ou não ser submissos, e se atraem por lambar, chupar, cheirar e morder pés, principalmente se estiverem sujos e com odores peculiares. A podolatria pode ser estendida para uma adoração aos saltos altos, de preferência sujos, bem como a outras atividades como comer comida que foi pisada.

Práticas alegóricas – lidam com as convenções sociais e as trocas de papéis, as formas como as encaramos e as suas desconstruções, sendo representações de cenas, ações ou atores sociais específicos. Aqui também se enquadra a domesticação do sub como se fosse um animal de estimação.

Práticas de *bondage* – *bondage*, grosso modo, é o mesmo que imobilização, e é uma prática tão importante e característica do BDSM que está na sua sigla. Ou seja, o *bondage*, ao lado da ideia de disciplina, do sadomasoquismo e da cultura de D/s, faz parte da essência do BDSM. São muitas as maneiras pelas quais se pode imobilizar um sub, e as finalidades são diversas.

Assim como o *spanking*, existem áreas do corpo que não são indicadas para *bondage* ou que um maior cuidado na pressão é necessário (existem inclusive tabelas e informativos indicando essas áreas com sinalização verde para permitido, amarela para se ter cuidado e vermelha para proibido), e por isso a realização de workshops e estudo para quem quer se inserir no meio é sempre crucial. A utilização de acessórios para *bondage* é praticamente o limite da imaginação (abarcando algemas, braçadeiras, mordanças, arreios, atadura, correntes, jaulas, guilhotinas).

Práticas de degradação – atividades que se inscrevem no campo psicológico; são, de forma geral, os tipos de degradação, humilhação, desagrado e desmerecimento.

Práticas de escatologia e fluidos corporais – tecnicamente, na escatologia se inclui apenas a coprofilia, porém, popularmente, o vômito é aceito como integrante do *scat*, abreviação comum. As práticas envolvendo escatologia e fluidos corporais são chamadas de banhos ou chuvas.

Práticas de tortura – algumas práticas de impingir tortura ou dor em geral têm um forte fator estético envolvido, principalmente quando se relaciona ao fetiche por hematomas e/ou pela dor posterior que se estende por alguns dias ou até semanas.

Práticas sensoriais – mexem com os sentidos ou com as sensações, como o orgasmo, por exemplo, e algumas delas ficam na interseção entre o BDSM e o baunilha, ou seja, se associam ao fetiche.

PRICK – protocolo de segurança do BDSM, significa *personal responsibility, informed consensual kink* ou perversão consensual de riscos baseados na responsabilidade pessoal.

Privação/estimulação de sentidos – apesar de comumente as práticas sensoriais envolverem privações, seu objetivo é privar para posteriormente estimular e intensificar as sensações. A privação dos sentidos é a prática sensorial por excelência, e ela pode ser feita de várias formas. Amarrar o *bottom* para impedi-lo de tocar o *Top*, bem como estimular sua pele por meio de cera de vela e gelo são práticas de privação/intensificação de tato.

Reduzir o olfato ou estimulá-lo por meio de cheiros afrodisíacos, restringir a audição com protetores ou usar uma música ambiente, estimular o paladar são práticas sensoriais. Privar a visão, ou o *blind fold* (“cobrir os olhos”, em português), é uma privação de sentido específica.

Privação sexual – também chamada de privação de orgasmo, esta prática pode visar tanto a castigar o sub quanto a intensificar seu orgasmo. Ela pode ser feita por meio do uso prolongado de cintas de castidade, para impedir o sub de se masturbar e até de ter uma ereção – como no caso dos acessórios colocados no pênis para impedir uma ereção devido ao formato rígido e conciso, tanto por meio da estimulação genital até se aproximar do orgasmo e a interrompendo nesse momento, repetidas vezes.

ProDomme – ou Dominatrix, é a denominação para as Dominadoras (ou Domes, redução mais utilizada) profissionais, ou seja, que realizam sessões pagas.

Protocolos – o BDSM possui protocolos que são diretrizes para as suas práticas e relações simbólicas. Quanto às práticas, existem os protocolos de segurança, como SSC, o mais famoso. Quanto às relações simbólicas, existem os protocolos de delegação de poder, que definem o quanto o *Top* interfere/domina a vida do seu submisso, se nos âmbitos estritamente sexuais e/ou contextos de sessões ou também em outras áreas; são eles o EPE, PPE e TPE.

Puxador de quadril – são faixas de pelúcia ou de couro que servem para controlar os movimentos na hora do sexo (especificamente na posição de quatro).

RACK – protocolo de segurança do BDSM, é abreviatura de *risk-aware consensual kink*, ou perversão consensual ciente dos riscos.

Rape play – *rape*, do inglês, significa estupro, e é isso o que o *rape play* é, um estupro consentido e previamente combinado entre as partes. O *Top* pode forjar a cena de estupro com o *bottom* ou combinar com um terceiro para fazê-lo, de qualquer forma, tudo acontece de forma *consensual e previamente combinada*. Qualquer coisa diferente disso, unilateral e forçada em nada se relaciona com o BDSM, é violência e crime.

O *rape play* pode ser antecedido por um sequestro, bem como pode ser precedido (ou estendido) por um *cativeiro*. A prática de cativeiro é complicada e difícil de ser executada por grandes espaços de tempo, pois demanda total dedicação de ambos os cônjuges para acontecer, além de, geralmente, só ser possível em relações baseadas na TPE.

Ralador de queijo – é o mesmo que você se na cozinha de casa, mas para os praticantes do BDSM, ele tem outra função.

Resistance play – ou *impact play* é a prática de algum tipo de *spanking* ou flagelo até a exaustão. Como um *edge play*, objetiva testar os limites do corpo, tanto do submisso em apanhar quanto do Top em bater.

Restritor de membros superiores – têm como finalidade prender os braços atrás do corpo, prendendo desde um pouco abaixo das axilas até os punhos.

RISSCK – protocolo de segurança do BDSM, significa *risk informed, safe, sane, consensual kink*, ou perversão consensual sã, segura e de risco informado.

Sádico – aquele que sente prazer em impingir dor. Para fins de BDSM, a posição de sádico é pré-acordada e consensual.

Sadomasoquismo – Dominação e submissão não são exatamente práticas, elas perpassam toda a ideia por trás do BDSM; como já dito, BDSM se resume em relações com assimetria de poder, dessa forma, Dominação e submissão (ou D/s) formam o par que, grosso modo, o definem. Em outras palavras, D/s são a essência do BDSM, ele não existe fora desse tipo de relação, e, por isso, elas não serão elencadas aqui como práticas. Passemos então para a prática que é mais amplamente associada ao BDSM.

O sadomasoquismo é a primeira coisa que vem à mente quando falamos em BDSM para quem não conhece muito o que ele significa, é comum, inclusive, ele ser reduzido a isso e por isso merece uma categoria separada. Naturalmente, ele pode englobar uma série de práticas (como o *spanking*, por exemplo) que se relacionam com a *dor*.

Mas é importante ampliarmos um pouco a nossa visão e compreender o contexto vasto em que o sadomasoquismo se insere, porque ele não diz respeito apenas às dores físicas. Práticas que envolvam humilhação, escárnio e inversão de papéis, por exemplo, também podem se enquadrar no sadomasoquismo, mesmo que elas não inflijam nenhum tipo de castigo físico.

Então, para entendê-lo, vamos pensar no sadomasoquismo como uma relação que envolve sadismo e masoquismo como forma de degradação, tanto física quanto psicológica. Como visto no Capítulo 2, sadismo se relaciona a Sade e masoquismo a Masoch, pois foi nas obras desses autores que essas práticas vieram ao conhecimento do grande público de forma explícita e sistematizada. Obviamente, não é que as pessoas não os praticassem, apenas não havia nada que falasse delas de forma pública e não técnica ou patológica.

Falamos em sadomasoquismo porque nem o sadismo nem o masoquismo são unilaterais, ou seja, eles precisam do *outro* para acontecer, estão sempre inter-relacionados.

Sadismo é a obtenção de prazer pelo sofrimento do outro e quando falamos de *prazer*, ele não necessariamente se relaciona diretamente ao ato sexual, mas tem uma concepção bem mais ampla. Assim, é um comportamento sádico, por exemplo, o da pessoa que se diverte

com a *desgraça alheia*, achando graça de pessoas caindo, passando por pegadinhas, ou tendo algum tipo de prejuízo. Esse tipo de prazer é um comportamento *sádico*.

Dentro do BDSM, embora o sadismo ainda não seja estritamente sexual – ele não precisa do ato sexual em si para acontecer, ele tem um componente erótico, e a excitação sexual, ainda que não culmine no ato sexual, é proveniente de atividades que gerem algum tipo de degradação no outro, tanto psicológica quanto por meio da dor física. Assim, um *Top* sádico pode ser alguém que goste de *spanking* e agressões físicas (mais comum), mas também alguém que goste de humilhar o seu *bottom*, geralmente de maneira associada.

O *masoquismo* no BDSM é um pouco diferente. Embora também esteja presente nas humilhações e práticas de caráter psicológico, comumente, quando se diz no meio que uma pessoa é masoquista ou masoca (termo mais usado, uma gíria para masoquista), ela gosta de sentir dor, e obtém prazer sexual por meios que a proporcionem.⁹⁵

Safeword – do inglês, palavra de segurança, pode ser uma palavra ou um sinal combinado entre os participantes de uma cena BDSM para encerrá-la automaticamente. Usa-se sua abreviação, *safe*.

Saline – técnica que consiste em inserir substância salina nos testículos, é um tipo de *edge play*.

Senhor ou Dono – pode ser um título de tratamento do submisso para o seu Top ou o Top que tem um submisso do tipo escravo ou *pet*.

Sessão – cada encontro entre parceiros fixos ou não que praticam BDSM, sendo encontros estritamente sexuais ou não, acordados ou pagos, públicos ou privados, eventualmente também chamados de cenas.

Shibari – do japonês, significa “amarrar”. Ele também é chamado de Kinbaku (em japonês, “*bondage* bonito”), devido a seus propósitos estéticos, além de funcionais – ele é a base para a realização de suspensões –, e eróticos. Inicialmente desenvolvido para imobilizar prisioneiros,

⁹⁵ O masoquismo compreende ainda, um viés autossádico, sendo um descomprometimento com a literatura teórica considerá-lo simplesmente um complementar do sadismo. Este ponto não será discutido aqui devido a ser um terreno fértil e que não compete aos propósitos deste trabalho, mas é possível encontrar uma boa base de arcabouço teórico sobre esta questão em Deleuze. Deleuze, G. (2009). *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

durante a escassez de metais no Japão medieval, o *Shibari* acabou sendo incorporado à cultura BDSM. Ele utiliza técnicas de amarração com cordas (em geral, de cânhamo ou algodão, nesse caso também chamado de *shibari* americano), basicamente a partir do nó direito e do nó prussico, e é comum encontrarmos workshops que ensinam essas técnicas. O praticante passivo de *shibari* (o sub) pode ser também chamado de dorei, e quando ele envolve somente as pernas é chamado de futomomo.

Silver tape – fita resistente utilizada para amordaçar.

Sling de coxa – é uma faixa de couro que se prende em uma coxa, passa por trás do pescoço e vai até a outra coxa. Permite que as pernas fiquem sempre flexionadas, deixando as genitais mais expostas e favorecendo diversas atividades sexuais.

Socratismo – ou beijo grego, prática de interação anal com a boca.

Sonda uretral – utilizada para introduzir na uretra.

Spanking – talvez a prática de tortura mais comum, o *spanking* (algo como “palmada”, em português) consiste nas variadas técnicas de bater em um *bottom*, não se restringindo à palmada, como o nome sugere. Surras, palmadinhas, espancamentos leves até bastante intensos entram aqui, utilizando os mais diversos objetos, desde *paddles* com sem tachinhas acopladas e palmatórias até ralador de queijo, canes e a própria mão.

Obviamente, o limite para utilização de objetos é a criatividade dos parceiros em sua intimidade, aqui listamos os mais comumente utilizados em sessões públicas, à privacidade não temos acesso. O *spanking* tem uma finalidade estética secundária, e o objeto utilizado pode ser escolhido conforme o tipo de marca que se deseja deixar; inclusive sua escolha pode se dar conforme o desejo de causar muita dor e não deixar marca alguma ou vice-versa. O cane, por exemplo, provoca uma dor aguda, e deixa marcas contínuas e finas, enquanto o ralador de queijo deixa cortes assimétricos e ralados, proporcionando uma dor mais rasgada.

SSC – protocolo de segurança mais comum, e talvez mais famoso, do BDSM, significa são/sadio, seguro e consentido/consensual, sendo uma diretriz para as suas práticas.

SSS – protocolo de segurança do BDSM, significa são, seguro e sensual.

submisso – ou sub, quem obedece aos comandos em uma sessão ou relação BDSM.

Suingue – sexo em pares, com troca entre os parceiros de cada casal sem interação entre os casais.

Suruba, bacanal ou orgia – sexo com várias pessoas. Bacanal se origina de Baco, daí a cama propícia para relações sexuais múltiplas ser chamada de cama de baco.

Suspensão – erguer o sub por meio de cordas, quando geralmente se associa ao *shibari*, ou de ganchos.

SW – posição no BDSM para os dois papéis, tanto de *bottom* como de *Top*, alternando conforme a sessão ou o parceiro envolvido. *SW* é redução de *switcher*, do inglês, algo como “variador”.

Terror play – realização de terror psicológico até desestabilizar completamente o submisso, pode ser feita desde dando sustos até evocando ou recriando eventos traumáticos de sua vida.

Tesoura de segurança para *bondage* – tesoura de ponta redonda utilizada para cortar cordas e couro. É essencial tê-la sempre por perto caso seja necessário soltar o sub com urgência.

Tickling – do inglês, cócegas, é exatamente o que o nome diz, fazer cócegas no submisso.

Toalha molhada – bem, é isso mesmo, sua finalidade é realizar um *spanking* intenso, sem deixar marcas.

Top – do inglês, algo como “topo”. É uma denominação genérica para Dominador, visto que há tipos diferentes. *Top* engloba qualquer um que esteja em posição de comando.

Total Power Exchange (TPE) – ou troca total de poder, em português –, é um protocolo de delegação de poder, eventualmente chamado de *Absolute Power Exchange (APE)*, ou troca absoluta de poder. Relações do tipo TPE geralmente são no meio BDSM o equivalente ao

casamento do mundo baunilha – com uma projeção de união e fidelidade eternas, por exemplo, e os *Tops* podem controlar todos os aspectos da vida do *bottom*.

Trampling – pode ser feito com o *bottom* em pé (por meio de chutes principalmente em seus genitais), porém é comumente feita deitando o sub para subir nele, caminhar por todo o seu corpo e saltar, preferencialmente com saltos muito altos.

Turkey slap – também chamado de *playfully* consiste em bater o pênis no rosto do sub, podendo objetivar dor, humilhação ou até ser uma atividade jocosa fora de contexto sexual.

Urethral play – prática de inserir ou estimular interna ou externamente o canal da uretra.

Velas – utilizadas para o *wax play*, a cera é derretida e depois jogada no corpo do submisso.

Vida dupla – praticantes de BDSM que mantêm uma relação baunilha em paralelo à sua vivência BDSM. O conceito de vida dupla se opõe ao de 24/7.

Voyeurismo – atração sexual em observar pessoas nuas e/ou mantendo relações sexuais. É o inverso da ecdiose.

Wax play – consiste em derreter vela e pingar a cera pelo corpo, geralmente de cores diversas, formando desenhos. Em algumas sessões, a *wax play* pode estar associada à prática de *mobiliário humano*, fixando as velas no *bottom* (geralmente de quatro), para usá-lo de candelabro.

Zoofilia – atração sexual por animais.